



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
CAMPUS FLORESTA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES E  
LINGUAGENS**

**ADAMOR CORDEIRO BATISTA**

**O DECLÍNIO DA FORMAÇÃO HUMANA NA OBRA *MINIMA MORALIA*, DE  
THEODOR W. ADORNO**

**CRUZEIRO DO SUL – ACRE**

**2024**

ADAMOR CORDEIRO BATISTA

**O DECLÍNIO DA FORMAÇÃO HUMANA NA OBRA *MINIMA MORALIA* DE  
THEODOR W. ADORNO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação  
em Ensino de Humanidades e Linguagens da  
Universidade Federal do Acre – *Campus Floresta* como  
requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de  
Humanidades e Linguagens

Orientador: Prof. Dr. Cleidson de Jesus Rocha

CRUZEIRO DO SUL – ACRE

2024

Ficha catalográfica

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

B333d Batista, Adamor Cordeiro, 1991 -  
O declínio da formação humana na obra *Minima Moralia* de  
Theodor W. Adorno / Adamor Cordeiro Batista; orientador:  
Prof. Dr. Cleidson de Jesus Rocha. – 2024.  
101 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre,  
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e  
Linguagens (PPEHL). Cruzeiro do Sul, 2024.  
Inclui referências bibliográficas

1. Filosofia alemã. 2. Adorno, Theodor W. (Theodor  
Wiesengrund), 1903-1969. 3. Cultura e formação. I. Rocha,  
Cleidson de Jesus (orientador). II. Título.

CDD: 407

---

Bibliotecária: Alanna Santos Figueiredo – CRB 11º/1003

**O DECLÍNIO DA FORMAÇÃO HUMANA NA OBRA *MINIMA MORALIA* DE  
THEODOR ADORNO**

Adamor Cordeiro Batista

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre, *Campus Floresta*, para obtenção do título de Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens.

Prof. Dr. Cleidson de Jesus Rocha  
Coordenador do Curso

**Banca examinadora:**

Prof. Dr. Cleidson de Jesus Rocha  
Universidade Federal do Acre  
Orientador e Presidente

Profª. Dra. Adriana Martins de Oliveira  
CEL-UFAC (Membro externo)

Prof. Dr. João Carlos de Carvalho  
PPEHL-UFAC (Membro interno)

Prof. Dr. José Mauro Souza Uchoa  
Suplente

CRUZEIRO DO SUL – ACRE

2024

À dona Aldeir, minha mãe, pelo esforço  
recorrente de possibilitar aos filhos uma  
educação transformadora (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por me permitir vivenciar este momento significativo.

À minha família, agradeço o apoio incondicional em todas as etapas desta jornada acadêmica.

À minha irmã Jeane, agradeço a parceria, amor e incentivo constantes ao longo desse percurso.

À minha sobrinha Aisha, que tem sido o elo fundamental para manter meu equilíbrio mental, agradeço por sua presença edificante.

À Érica, agradeço a parceria sólida e companheirismo, que foram fontes de força e estímulo.

À Professora Dra. Adriana Martins, expresso minha gratidão pelas valiosas contribuições proferidas no âmbito da qualificação, que enriqueceram significativamente esta pesquisa.

Ao professor Dr. Carlos Gontijo, expresso minha gratidão pelas valiosas contribuições proferidas no âmbito da qualificação, que enriqueceram significativamente esta pesquisa.

Ao Carlos, agradeço pela amizade sincera e torcida pelo sucesso, tanto neste trabalho quanto na vida.

Ao Alexandre, agradeço as conversas, os cafês e os pedais de final de semana.

Ao Marco Bruno, agradeço a amizade, incentivo e torcida incessante rumo ao sucesso.

Estendo meus agradecimentos aos demais colegas professores, Anelena, Fábio, Leonísia e Jefferson, por tornarem nosso ambiente de trabalho mais leve e divertido.

Aos professores da graduação e pós-graduação: João Carlos, Zeza Moraes, Simone Cordeiro, Vera Bambirra, Deolinda, Cleide Hanisch, Marinete, Maria Aldenora, Jáder, Helena Maciel, Ivonelio, Ivo Galvão, Valderi, Célia Pires (*in memoriam*), Thiago Muniz, Janaína, Roberlândia, Roberlete, entre outros, que, direta ou indiretamente influenciaram minha formação como professor, pesquisador e ser humano que sou. A esses profissionais, expresso minha profunda gratidão, pois meu eu não existiria sem eles.

Ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL – agradeço por me acolher, bem como pelas experiências enriquecedoras proporcionadas ao longo desta jornada.

Que este trabalho seja não apenas um marco acadêmico, mas também um reflexo do aprendizado e das relações construídas ao longo do caminho.

*Rugia nos meus centros cerebrais  
A multidão dos séculos futuros  
— Homens que a herança de ímpetos impuros  
Tornara etnicamente irracionais!  
Não sei que livro, em letras garrafais,  
Meus olhos liam! No húmus dos monturos,  
Realizavam-se os partos mais obscuros,  
Dentre as genealogias animais!  
Como quem esmigalha protozoários  
Meti todos os dedos mercenários  
Na consciência daquela multidão...  
E, em vez de achar a luz que os Céus infama,  
Somente achei moléculas de lama  
E a mosca alegre da putrefação!*

Augusto dos Anjos.

## RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo geral analisar e pôr em questão apontamentos de Theodor Adorno (1903-1969) em relação ao declínio da formação humana na obra *Minima Moralia*. O principal material de análise são os fragmentos da obra nos quais o autor frankfurtiano menciona aspectos da crise da formação cultural, que se apresenta como produto da semiformação ou Semicultura. O trabalho organiza-se a partir de três eixos norteadores, a saber: a) Diagnóstico de tempo: a modernidade e sua configuração histórico-cultural; b) A semiformação e seus efeitos sobre a subjetividade dos indivíduos; c) Considerações sobre o declínio da formação humana na obra *Minima Moralia* de Theodor Adorno. A pesquisa adotou uma metodologia qualitativa, com as ferramentas da pesquisa bibliográfica, organizada segundo a forma de “fichamento da estrutura expositiva” das obras lidas, objetivando recuperar o sentido global da exposição. A pesquisa oferece as seguintes subdivisões: o primeiro capítulo, intitulado “Diagnóstico de tempo: a modernidade e sua configuração histórico-cultural”, apresenta os eventos que permitiram a implantação e consolidação da modernidade ocidental, delineando os modos atuais de comportamento e sensibilidade. O segundo capítulo intitula-se “A semiformação e seus efeitos sobre a subjetividade dos indivíduos na perspectiva da *Minima Moralia*” e precisa a lógica da Semicultura como estratégia de acomodação do espírito a formas estanques e objetificadas do conhecimento. O terceiro capítulo denomina-se “Considerações sobre o declínio da formação humana na obra *Minima Moralia* de Theodor Adorno”, sendo o espaço da apresentação dos argumentos adornianos, colhidos em alguns dos 153 aforismos que compõem a obra, em que o autor trata especificamente da sintomática da crise da formação e estabelecimento de formas estéreis de cultura e formação.

**Palavras-chave:** 1. Semiformação e Semicultura. 2. *Minima Moralia*. 3. Theodor Adorno.

## ABSTRACT

The general objective of this dissertation is to parse and call into question some notes by Theodor Adorno (1903-1969) about the decline of human formation on *Minima Moralia*. The main material of analysis are fragments of this work, in which the Frankfurt author mentions aspects of the crisis of cultural formation, which presents itself as a product of semi-formation or Semi-culture. This dissertation is organized into three guidelines: a) A diagnosis of Late Modernity present in the historical arch at the beginning and middle of the 20th century; b) Reflections on human formation, configured as semi-formation, and its effects over the subjectivity of individuals; c) Reflections of the emptying of critical formation represented by State policies: the case of the Projeto Escola Sem Partido [Unpolitical School Project]. This research adopts a qualitative methodology with bibliographic search tools, organized under “expository structure report” of the works consulted, with the objective of recovering the global meaning of the exposition. This research is organized into: first chapter, “Diagnosis of time: Modernity and its historical-cultural configuration”, which presents the events that allowed the implementation and consolidation of Western Modernity, while at the same time outlining current modes of behavior and sensibility. The second chapter is “The semi-formation and its effects over the subjectivity of individuals from the perspective of *Minima Moralia*” and it specifies the logic of the Semi-culture as a strategy of accommodating of the spirit to sealed and objectified forms of knowledge. The third chapter is called “Considerations on the decline of human formation in Theodor Adorno’s *Minima Moralia* and neoliberal state policies: the case of the Unpolitical School Project”, which discusses some of the 153 aphorisms presented in Adorno’s work. These Adornoian arguments speak specifically about the symptomatic crisis on formation and about the establishment of sterile forms of culture and formation.

**Keywords:** 1. Semi-formation and Semi-culture. 2. *Minima Moralia*. 3. Theodor Adorno.

## RESUMEN

Esta disertación tiene por objetivo general analizar y poner en cuestión apuntes de Theodor Adorno (1903-1969) en relación a la decadencia de la formación humana en la obra *Minima Moralia*. El principal material de análisis son los fragmentos de la obra en el que el autor frankfurtiano menciona aspectos de la crisis de la formación cultural, que se presenta como producto de la semi-formación o semi-cultura. El trabajo se organiza a partir de tres ejes de guía, a saber: a) Un diagnóstico de la modernidad tardía presente en el arco histórico del inicio y mediados del siglo XX; b) Reflexión sobre la formación humana, configurada como semi-formación, y sus efectos sobre la subjetividad de los individuos; c) Consideraciones sobre el declive de la formación humana en *Minima Moralia* de Theodor Adorno. La pesquisa adoptó una metodología cualitativa, con las herramientas de la pesquisa bibliográfica, organizada según la forma de “registro de la estructura expositiva” de las obras leídas, objetivando recuperar el sentido global de la exposición. La pesquisa ofrece las siguientes subdivisiones: el primero capítulo, intitulado “Diagnóstico del tiempo: la modernidad y su configuración histórico-cultural”, presenta los eventos que permitieron la implantación y consolidación de la modernidad occidental, delineando los modos actuales de comportamiento y sensibilidad. El capítulo segundo se titula “La semi-formación y sus efectos sobre la subjetividad de los individuos en la perspectiva de la *Minima Moralia*” y necesita la lógica de la Semi-cultura como estrategia de acomodación del espíritu a formas estancadas y objetivadas del conocimiento. El tercer capítulo se denomina “Consideraciones sobre la decadencia de la formación humana en la obra *Minima Moralia* de Theodor Adorno y las políticas estatales neoliberales: el caso de la Escuela sin Partido”, siendo el espacio de la presentación de los argumentos adornianos, cosechados en algunos de los 153 aforismos que componen la obra, en que el autor trata específicamente de la sintomática de la crisis de la formación y establecimiento de formas estériles de cultura y formación.

**Palabras-clave:** 1. Semi-formación e Semi-cultura. 2. *Minima Moralia*. 3. Theodor Adorno.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CEL:** Centro de Educação e Letras

**DE:** Dialética do Esclarecimento

**ENEM:** Exame Nacional do Ensino Médio.

**GTA:** Grand Theft Auto.

**INEP:** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

**NEM:** Novo Ensino Médio

**PLEA:** Programa de Leitura e Escrita Acadêmicas.

**PSL:** Partido Social Liberal.

**SEBRAE:** Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

**STF:** Supremo Tribunal Federal

**TEA:** Transtorno do Espectro Autista.

**ESP:** Escola Sem Partido.

## SUMÁRIO

<b>RASTROS E MEMÓRIAS: DO PRIMEIRO CONTATO AO MERGULHO NO PENSAMENTO ADORNIANO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>19</b>
<b>DIAGNÓSTICO DE TEMPO: A MODERNIDADE E SUA CONFIGURAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL .....</b>	<b>19</b>
1.1 Analítica da modernidade: autores e ideias definidoras da modernidade ocidental.....	19
1.2 Adorno e a formulação de uma analítica da sociedade moderna .....	31
1.3 A educação em Adorno .....	40
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>50</b>
<b>A SEMI-FORMAÇÃO E SEUS EFEITOS SOBRE A SUBJETIVIDADE DOS INDIVÍDUOS.....</b>	<b>50</b>
2.1 Semicultura como esvaziamento da autonomia.....	50
2.2 Experiência danificada: a explosão do eu e morte da subjetividade .....	62
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>69</b>
<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE DECLÍNIO DA FORMAÇÃO HUMANA NA OBRA MINIMA MORALIA DE THEODOR W. ADORNO E AS POLÍTICAS DE ESTADO NEOLIBERAIS: O CASO DO ESCOLA SEM PARTIDO .....</b>	<b>69</b>
3.1. Tópicos da Minima Moralia em relação a crise da formação e ensino .....	69
3.2. O Movimento Escola sem Partido e a crise do ensino .....	84
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>98</b>

## **RASTROS E MEMÓRIAS: DO PRIMEIRO CONTATO AO MERGULHO NO PENSAMENTO ADORNIANO**

Para iniciar este trabalho, necessito retornar ao ano de 2019. Nesse retorno, peço licença para narrar a trajetória de um aluno de graduação, um dos tantos que diariamente percorrem os corredores da universidade em busca de conhecimento, mas também sonhando viver dias melhores. Era o terceiro ano no curso de graduação em Letras Português. Nas caminhadas pelas encruzilhadas da vida acadêmica, os corredores, mais que as quatro paredes de uma sala, parecem ter mais sentido. As salas reúnem afinidades, embora nem sempre sejam assumidas por afetos conhecidos, pois quem dedica um período de sua vida para fazer um certo curso universitário, o faz por algum nível de decisão, seja ele qual for.

Pois bem. Os corredores parecem mais ricos porque por eles circulam “projetos” muito diferentes. Gente que chega e sai, que fica e anda em círculos, que carrega mochilas cheias de segredos, que se posiciona frente aos murais para ler avisos, atraída por alguma ideia que se mostre instigante. Corredor é lugar de passagem e de difusão. Difundem-se ideias, estéticas, pensamentos e projetos expostos nos corpos que passam, ou nos rastros que deixam afixados no chão que pisam, no ar que acolhe a vibração de suas vozes, nos quadros pendurados nas paredes. Ideias sempre buscam um jeito de se projetar, porque elas são mais perenes do que seus donos.

Numa das rotineiras caminhadas pelos corredores da universidade, me fiz acompanhar de uma colega que falara sobre um projeto de extensão voltado para as práticas de leitura e escrita acadêmicas, cujo cartaz estampava-se nos murais do campus. No dia seguinte, ao chegar à Universidade Federal do Acre, dirigi-me à coordenação do curso de Letras Português, no intuito de buscar maiores informações acerca de tal Projeto. O secretário me orientou a procurar a secretaria do Centro de Educação e Letras (CEL), pois era lá que as inscrições estavam sendo recebidas, mas, com o início da aula, retornei à sala, deixando para o dia seguinte aquela tarefa. No outro dia, cheguei uma hora mais cedo e procurei pelo setor que me fora indicada na data anterior, mas, como se situava numa parte desconhecida da universidade por mim, acabei indo parar no recinto errado.

Após os cumprimentos iniciais, não pude deixar de perceber que as salas, quando a gente se dispõe a derrubar uma de suas quatro paredes, viram palco de surpresas, que, naquele momento, ficavam por conta do diálogo travado em torno de uma camiseta da banda Pink Floyd - da qual sempre fui fã -, e que escolhi para usar naquele fim de tarde. A vestimenta chamou a atenção de uma das pessoas que estava naquele lugar. Apesar de a conversa se mostrar frutífera,

descobri, depois de acenar afinidades com meu interlocutor, que estava na sala errada. Novamente orientado, acabei por encontrar a sala certa e pude preencher o formulário de inscrição. Duas ou três semanas depois, saía o resultado do processo de seleção. Ao conferir minha aprovação na condição de monitor, fiquei feliz e nervoso ao mesmo tempo, pois não tinha qualquer certeza de que daria conta das obrigações atribuídas à monitoria.

Uma semana depois, estava eu no primeiro encontro da equipe de coordenação do projeto com os monitores selecionados. Ficou decidido que teríamos dois encontros semanais: um para ler os textos em conjunto (equipe de coordenação e monitores) e o outro, às quintas-feiras pela manhã, para discussões conjuntas dos textos lidos durante a semana. Os encontros iniciais ocorreram às terças-feiras à tarde, em uma pequena sala do Grupo de Estudos Sócio-Históricos e Filosóficos da Educação. Foi ali, com as intervenções da equipe de coordenação e com a participação dos monitores, que as discussões começaram a caminhar e eu comecei a me envolver com as temáticas em debate.

Já nos primeiros encontros, entramos em contato com a leitura e discussão sistemática de autores pertencentes à corrente marxista, tais como Hannah Arendt e Theodor Adorno, que muito contribuíram para uma visão mais ampla de alguns acontecimentos marcantes da história moderna e contemporânea, como o holocausto de Auschwitz e os horrores praticados a partir da propagação do nazismo; o crescente desenvolvimento da técnica; os avanços científicos e seus efeitos sobre o espectro humano, etc. Esses temas renderam inúmeras e riquíssimas discussões, tanto nas leituras das terças à tarde, quanto às quintas, quando todos estavam presentes em sala de aula para trabalhar os tipos de leitura e escrita que o projeto propunha. O Projeto Práticas de Leitura e Escrita Acadêmica (doravante PLEA), recebeu uma ampla recepção das turmas de graduação da universidade. Faltavam cadeiras na sala para comportar tantas pessoas, mas, com jeitinho, todos foram acolhidos e puderam vivenciar aquela incrível experiência.

Tudo caminhava muito bem nos encontros e discussões, até que, em novembro daquele ano, chegaram, através dos jornais, os primeiros boatos sobre uma epidemia que estava ocorrendo na China. As imagens que chegavam mostravam cenas de um campo de guerra. Soldados portando armas fiscalizavam ruas desertas. Transeuntes vestiam equipamentos parecidos com os das personagens de ficção científica. Contudo, o que era só uma imagem captada do outro lado do mundo não demorou a chegar entre nós. O vírus desconhecido tornou-se pandêmico e atravessou o mundo, por meios e formas variadas. No Brasil, chegou pelo aeroporto, trazido por um passageiro que havia estado na Itália e que desembarcou em São Paulo. Dali, veio por estrada, de ônibus, de carros, de carona com toda espécie de dispositivo

que se move e chegou aos becos e bairros das cidades, atravessando fronteiras, desrespeitando a lógica e derrubando, inclemente, grande parte da população em macas e corredores de hospitais. Começava como sintomas gripais e adoecia o corpo todo de dores, febres, suores, espirros e infecções que escolhiam os pulmões e paralisavam a vida útil das pessoas.

Os governos ficaram atônitos, até regularem, por decreto, a vida ordinária das cidades. No estado do Acre, as aulas foram suspensas no dia 17 de março de 2021, por força de um decreto governamental, que, em favor dos protocolos sanitários que o momento exigia e, impunha o isolamento social e outras medidas como forma de conter os avanços do vírus. Assim, os encontros do Projeto também foram suspensos. Encerrava-se ali o primeiro ciclo daquela experiência fantástica e que me abriu os olhos para um universo de textos, autores e pensamentos que até hoje me deslumbram.

Com o paradoxo de uma pandemia que se alastrava no seio da sociedade e a necessidade de dar continuidade às atividades acadêmicas, a coordenação do projeto mudou a estratégia metodológica para abrir uma segunda turma, que seria oferecida por meios remotos, com ajuda da tecnologia. Um convite para participar daquela jornada foi-me estendido e prontamente aceito. O uso dos meios digitais, como *e-mail*, *Google Meet* e *WhatsApp*, entre outros, mostrou-se uma ideia satisfatória para a execução do PLEA, pois permitiu a ampla participação da comunidade acadêmica, atingindo estudantes de graduação, mestrado e doutorado, locais e de outras regiões do país.

Meu primeiro contato sistemático com a obra de Theodor Adorno veio dessa segunda participação no PLEA, pois alguns de seus textos foram lidos e discutidos durante os encontros, despertando uma faísca que continuaria acesa até os dias atuais. Termos como “cultura de massas”, “indústria cultural”, “capitalismo tardio”, “semiformação”, “sociedade emancipada” e “esclarecimento” são tomados por Adorno como eixos estruturantes que definem a sociedade atual, os quais o pensador desenvolve em seu projeto de diagnosticar os esquemas de dominação do capitalismo avançado. Fui sendo tomado por um alvoroço mental à medida que ia reconhecendo neles elementos para um olhar mais crítico e rigoroso sobre as formas hodiernas de estruturação da cultura e formação das massas.

Nessa altura, faz-se necessário um registro sobre minha formação acadêmica, forjada nos estudos linguísticos e literários do curso de Letras Português da Universidade Federal do Acre. Apesar de se alinhar de forma direta às Humanidades, a estrutura curricular do curso de Letras não conta com disciplinas de cunho filosófico, gerando lacunas em relação às escolas e doutrinas dessa área. Assim, o contato com o texto adorniano só paulatinamente começou a fazer sentido. Uma primeira questão que salta dessa obra é a inquietação que está na base da

crítica adorniana à modernidade, presente já no prefácio da *Dialética do Esclarecimento*: entender por que a humanidade, com tantos recursos, com destaque significativo ao progresso científico e tecnológico, não desenvolveu as relações humanas na mesma proporção em que fortaleceu a produção de dispositivos tecnológicos. Obviamente, o avanço tecnológico, ao não ser acompanhado de perto pela evolução da condição humana, faz vir à tona um conjunto de *déficits*, que vai oportunizar a caída na barbárie que se estende por toda parte.

No intuito de compreender os argumentos de Adorno sobre as formas atuais de dominação dos grupos, passamos a realizar uma leitura sistemática da obra *Dialética do Esclarecimento* (1985) escrita a quatro mãos por Theodor Adorno e Max Horkheimer e, em seguida, da coletânea *Educação e Emancipação*, que reúne um conjunto de palestras ministradas por Adorno sobre a questão da Educação, publicadas depois de sua morte que se deu em 1969. Após essas primeiras leituras, passamos a explorar a obra *Minima Moralia* (1992), objeto de nossa análise nesta dissertação. Trata-se de uma reunião de 153 aforismos, nos quais o autor frankfurtiano oferece reflexões críticas acerca da sociedade contemporânea. Sua abordagem centra-se no eixo das relações humanas, pois discorre sobre cultura, política, economia, estética, moralidade, individualidade e outros traços identitários do tempo presente. Enquanto a leitura da obra *Dialética do Esclarecimento* seja primordial para se compreender as encruzilhadas entre esclarecimento e mito, razão e barbárie, em *Mínima Moralia*, temos um conjunto independente de pequenas excursões sobre temas do cotidiano, muitos dos quais vêm a contribuir para a crítica imanente proposta por Adorno à cultura em suas formas atuais.

Simultaneamente, a obra apresenta uma crítica contundente ao economicismo engendrado pelo capitalismo avançado, que se apoia em uma lógica instrumental para alcançar seus fins. Nesse sentido, as formas econômicas refletem diretamente nas relações sociais, que, desse modo, passam a se organizar tomando como padrão a cultura de massas, que por sua vez se utiliza dos meios de entretenimento para manipular e alienar, comprometendo a capacidade dos sujeitos de pensar criticamente e agir de maneira autônoma.

Embora frente a um estilo fragmentário adotado por Adorno, na *Minima Moralia* o filósofo de Frankfurt deixa escapar por entre os dedos a imagem do mundo moderno: a fragmentação da experiência humana em um mundo marcado pelo totalitarismo e pela alienação social.

Dessa maneira, a dissertação que propomos, intitulada ***O declínio da formação humana na obra Minima Moralia de Theodor Adorno*** constitui-se como um exercício de aproximação sistemática da obra adorniana e da sua teoria crítica da sociedade, com o fito de contribuir com a linha de pesquisa *Ensino, Humanidades e Culturas* do Mestrado em Ensino de Humanidades

e Linguagens – PPEHL do Campus Floresta da Universidade Federal do Acre, bem como para a área de pesquisas educacionais, local e nacional, dada a relevância do tema.

Esta pesquisa adota uma metodologia qualitativa, com as ferramentas da pesquisa bibliográfica. Como tal, averigua na obra *Minima Moralia* os apontamentos que indiquem o declínio da formação humana. Vale frisar que esta obra partilha o mesmo propósito apontado no prefácio de *Dialética do Esclarecimento*: “investigar por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 11). A ideia aí contida coloca sob suspeita a atividade e o próprio sentido das ciências estabelecidas – apontando-as como um dos sintomas da autodestruição do esclarecimento. As *Minima Moralia* se propõem denunciar a situação da epistemologia – papel e método –, redirecionando o potencial crítico para aquilo que a divisão do trabalho intelectual despreza: a experiência individual.

A obra sustenta-se nos relatos ou descrição das transformações recentes, gerando um diagnóstico da civilização contemporânea. Sua marca fundante é ater-se aos aspectos da vida privada, da psicologia individual, do meio intelectual, do âmbito profissional, da cultura e das esferas da produção e do consumo. Faz ecoar, assim, apontamentos sobre a reificação, como presença das forças fundamentais que moldam a existência individual e permeiam até os aspectos mais íntimos.

O sujeito, assim, revela-se com uma singularidade partida, que não se representa em noções coletivas como “espírito”, “classe”, “massa” ou “partido”. As *Minima Moralia* recusam o modelo lógico e apriorístico de um sujeito fixo e estático, incapaz de traduzir a “experiência espiritual” do mundo contemporâneo. Ao contrário, o sujeito se confunde com o objeto, sendo, portanto, afetado de forma evidente, pelos sentidos impostos pela esfera exterior, detentora das estratégias e força de manipulação dos indivíduos.

O diagnóstico de época produzido por Theodor Adorno, embora dotado de um claro pessimismo em relação às promessas iluministas, é perpassado, digamos assim, por um fio vermelho, que atravessa toda sua obra, nos diferentes momentos de sua produção. A rigor, é na sua última década de vida - nos anos de 1960-, que o autor frankfurtiano elabora um conjunto de trabalhos que demonstram, objetivamente, as principais preocupações com a formação cultural dos indivíduos, com vistas à promoção das condições de emancipação e autonomia. Pouco depois de sua morte, em 1969, seus estudos foram publicados pela editora Suhrkamp, de Frankfurt, em um volume com o título *Erziehung Zur Mündigkeit* (1970), traduzido no Brasil sob o título de *Educação e Emancipação* (2022).

A obra é composta por oito textos sobre educação, nos quais o autor identifica o colapso da formação cultural, cujos sintomas se fazem observar por toda parte, mesmo no estrato das pessoas cultas. A crise da educação sofre, claramente, reflexos da realidade extrapedagógica, que exerce grande poder sobre os sistemas de ensino. As razões da crise, que sedimentam uma espécie de espírito objetivo negativo, são, para Adorno, efeito da concepção da formação burguesa, que pleiteava que a educação deveria promover uma sociedade de seres livres e iguais. Com o desenvolvimento do capitalismo ocorreu um desentendimento dos fins educativos e da sua função real. Surgiram movimentos neoliberais como o Escola Sem Partido -ESP-, que destoam o processo educativo de sua linha principal, o educar para tornar autônoma a consciência. Nesse ínterim, o capitalismo fez emergir uma formação que passou a ser aspirada como o processo que formasse o indivíduo livre e radicado em sua própria consciência. Logo, a formação seria considerada condição implícita para a afirmação de uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido fosse o singular, mais lúcido seria o todo.

Este estudo se organiza a partir do método bibliográfico, com a seleção de textos e a produção de fichas, que, segundo Sacrini e De Marco (2018), é um dos modos mais eficazes de organizar o sentido lido e de efetivamente sedimentar os conteúdos confrontados. Nesse lastro, apoiamo-nos no fichamento de estrutura expositiva dos textos, objetivando justamente recuperar o sentido global da exposição ao tornar explícita a ordenação lógica das “tarefas” de que o texto se compõe.

Durante a pesquisa, trabalhamos os com três níveis de fichamento, designados pelo nível de rigor de cada um deles (Sacrini; De Marco, 2018). O fichamento de nível mais básico é chamado de “fichamento expresso”, cuja prática permite corrigir certo tipo de leitura “fragmentada”. A construção do fichamento expresso garante a articulação entre as várias partes da exposição e a recuperação dos sentidos do texto.

O segundo nível de fichamento é o “fichamento detalhado”. Nesse novo nível, acrescenta-se uma tarefa à ficha expressa, tornando-a, assim, mais complexa. Trata-se de explicitar as tarefas lógico-conceituais realizadas no interior de cada parte. Desse modo, pode-se alcançar não somente uma visão genérica do sentido de cada parte do texto, mas também um entendimento pormenorizado de como esse sentido geral se constrói paulatinamente.

O terceiro nível, que complementa de modo diferente essas duas técnicas iniciais, é designado como “fichamento expandido”. Trata-se de acrescentar aos resultados dos níveis anteriores uma operação de ordem “sintética”, dissecando as etapas sucessivas da exposição do texto lido e apreendendo globalmente o sentido ali expresso. Para tanto, busca-se uma reconstrução do movimento expositivo geral do texto, guiada por três amplos ordenadores ou

marcadores lógicos, que são as perguntas: Qual o problema central enfrentado pelo texto? Qual a tese ou posição proposta pelo autor? Qual a argumentação oferecida pelo autor para sustentar sua tese?

Esses procedimentos metodológicos empreendidos foram aplicados, na medida do possível, aos textos lidos para a composição deste trabalho, garantindo rigor e detalhamento da obra, assim como apreensão dos principais conceitos e marcadores históricos sobre a temática em estudo.

Para efeito de apresentação da forma de organização do trabalho em tela, passamos agora a apresentar a sua estruturação. Iniciamos com esta introdução, onde apresentamos o movimento de aproximação e escolha da temática, bem como a natureza da obra analisada. O primeiro capítulo, intitulado “Diagnóstico de tempo: a modernidade e sua configuração histórico-cultural”, apresenta os eventos que permitiram a implantação e consolidação da modernidade ocidental, delineando os modos atuais de comportamento e sensibilidade. Este capítulo subdivide-se em três partes, sendo elas: “Analítica da modernidade: autores e ideias definidoras da modernidade ocidental”; “Adorno e a formulação de uma analítica da sociedade hodierna” e “A educação em Adorno”.

O segundo capítulo intitula-se “A semiformação e seus efeitos sobre a subjetividade dos indivíduos na perspectiva da *Minima Moralia*”. Nele, precisamos entender a lógica da Semicultura como estratégia de acomodação do espírito a formas estanques e objetificadas do conhecimento. Este capítulo divide-se em duas partes: “Semicultura como esvaziamento da autonomia” e “Experiência danificada: a explosão do eu e a morte da subjetividade”.

No terceiro capítulo, o qual nomeamos “Considerações sobre declínio da formação humana na obra *Minima Moralia* de Theodor W. Adorno e as políticas de Estado neoliberais: o caso do Escola Sem Partido”, traçamos um percurso para apontar, a partir de parte dos seus aforismos, e de contextos visíveis na sociedade atual, as evidências mostradas por Theodor Adorno em sua *Minima Moralia* (1992) sobre o declínio da formação humana. Esses eventos culminam na impetração de práticas que sustentam a deformação da formação humana, eliminando qualquer resquício de autonomia no campo educacional.

Ademais, o presente trabalho tem por objetivo geral analisar e pôr em questão apontamentos de Theodor Adorno em relação ao declínio da formação humana, tendo por eixo a obra *Minima Moralia*. Através dos fragmentos e conceitos presentes na obra, pretendemos apreender e expor: em 1.1) O diagnóstico de tempo: a modernidade e sua configuração histórico-cultural; em 1.2) A semi-formação e seus efeitos sobre a subjetividade dos indivíduos; em 1.3) Considerações sobre o declínio da formação humana na obra *Minima Moralia* de

Theodor Adorno e as políticas de estado neoliberais: o caso do Escola Sem Partido. Nesse capítulo, abordaremos os reflexos do esvaziamento da formação crítica representada por políticas de estado: o caso do Projeto Escola Sem Partido. Este último item comparece como forma de exemplificação da mobilização das forças dominantes em impor um modelo de sociedade que se organize por meios instrumentais, sem a marca da autonomia e emancipação dos indivíduos.

## CAPÍTULO I

### DIAGNÓSTICO DE TEMPO: A MODERNIDADE E SUA CONFIGURAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL

*O mundo moderno apresenta-se, superficialmente, como aquele que impeliu, que tende a impelir a racionalização ao seu extremo e que, por isso, permite-se desprezar – ou olhar com uma curiosidade respeitosa – os estranhos costumes, invenções e representações imaginárias das sociedades precedentes. Mas, paradoxalmente, apesar de, ou melhor, por causa desta “racionalização extrema”, a vida do mundo moderno depende do imaginário tanto como qualquer das culturas arcaicas ou históricas.*

Cornelius Castoriadis, 1992, p. 187.

Este capítulo traz uma releitura das obras *As Razões do Iluminismo*, de Sérgio Paulo Rouanet (1987); *Dialética do Esclarecimento*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985); *Eclipse da razão*, de Max Horkheimer (1976); *As ideias de Adorno*, de Martin Jay (2018); *A educação danificada: contribuições à teoria crítica*, de Antônio Zuin, Bruno Pucci e Newton de Oliveira (1998) para, dessa forma, apresentar um diagnóstico da modernidade, demonstrando as principais marcas, que delineiam práticas sociais e culturais, muitas delas posicionadas na contramão do projeto iluminista, cujas prerrogativas eram da redenção da humanidade por intermédio do uso da razão.

#### **1.1 Analítica da modernidade: autores e ideias definidoras da modernidade ocidental**

Na obra *Filosofia: iniciação à investigação filosófica* (1992), em seu capítulo primeiro, intitulado “A modernidade em seu espelho”, José Auri Cunha traça um percurso histórico dos eventos que sustentaram a inauguração da modernidade ocidental. Segundo Cunha (1992) o rastro dessa história se inicia com Sócrates, na Grécia, ao visitar o templo de Apolo, situado em Delfos. Nesta ocasião, Sócrates recolhe da fachada os dizeres “*Conhece-te a ti mesmo*”. Reza

a lenda que, ao consultar o oráculo, Sócrates ficou ciente de ser o homem mais inteligente da Grécia por ser aquele que tinha ciência de que nada sabia. Esse fato constitui um marco, pois, a partir dessa ideia, o pensador grego tem a noção de uma nítida ignorância, que pode ser enfrentada a partir do uso da racionalidade que se promove em torno do ato de refletir sobre as coisas. Para o autor, no caso de Sócrates, o ato de colocar as certezas na balança da dúvida funciona como estopim para a busca de novas respostas. O procedimento metodológico utilizado por Sócrates é a ironia, exercitada como estratégia, quando o filósofo fingia não saber de nada frente ao seu interlocutor, ansioso por adquirir dele as certezas que detinha. O recurso da ironia coloca em xeque as verdades e virtudes perfiladas em torno da ideia de conhecimento que se tinha até então, que era a da transmissão dos conhecimentos de um polo – que sabe –, para outro – que não sabe. Sobre o método da ironia socrática, Cunha (1992, p. 209) aponta que:

A partir da criação de métodos de análise e de reflexão, dos quais a *ironia socrática* pode ser tomada como modelo e medida, a razão pode assegurar-se como fonte legítima e autossuficiente de todo saber com pretensões de validade e aceitação universais.

Na visão de Cunha, houve a necessidade de se percorrer um vasto período para se chegar à conclusão de que os métodos racionais trabalhados a partir da reflexão constituíram as primeiras explicações legítimas da vida do homem dentro do contexto social e, assim, se deu início à primazia da razão como instância de validação das certezas em torno do sentido da vida humana neste mundo. Seguindo a linha traçada pelo autor, desaguamos no próximo avanço da humanidade rumo à modernidade, que para ele se dá através do

Casamento da tradição socrático-platônica com o cristianismo romano, consolidada com a queda do Império Romano, resultou um novo império, desta vez, mais globalizante: o império do monoteísmo teológico, mais tarde simplesmente o *império da razão*, que se autoproclamou soberano de uma nova era da modernidade. É preciso compreender a força dessa autoproclamação tão enraizada na consciência e no imaginário de uma época, que não teve vergonha de se dizer moderna, no sentido do planejamento racional, atualizada e senhora de si, contemporânea de seu destino (Cunha, 1992, p. 210).

Diante de uma sociedade que clama para si o *status* de moderna e assume a direção de seus próprios rumos pautada pelas diretrizes emanadas do projeto racional que lhe sustenta, a modernidade vale-se da prerrogativa da consciência como chave para o progresso humano. Esta ideia é a matriz primordial do idealismo, que, na figura de Friedrich Hegel, estabelece que a

humanidade está fadada a percorrer um itinerário que vai do grotesco ao mais alto progresso humano, sem que para isso seja necessário a instauração de nenhum processo revolucionário, sendo, portanto, um processo natural de evolução do Espírito. Contudo, a analítica da modernidade, desenvolvida, entre outras correntes, também no interior da teoria crítica, aponta que esta parece atingir apenas a evolução tecnológica, pois o homem atual se mostra tão bárbaro quanto aqueles descritos como da era das cavernas.

Retomando o pensamento de Cunha (1992), passado esse período da era socrática e de sua junção às ideias do cristianismo romano, a sociedade ocidental deságua em um período que vai da era clássica europeia ao Renascimento. Para o autor, a sociedade atravessava um momento de tensões teocêntricas, pois o homem se via diante da necessidade de valorizar seus feitos em oposição às potências celestes que dominavam todos os âmbitos da vida humana. Como resultado dessas tensões surge um novo posicionamento intelectual, conhecido como humanismo, que vem a ser um movimento que permite ao homem ocupar lugar de destaque frente ao mundo e seus mistérios.

Desse modo, a figura de Deus, que no teocentrismo era o centro de tudo, passa agora a dividir espaço com o homem nos novos rumos que esta sociedade irá tomar. Os humanistas propõem uma retomada daquilo que os gregos e os romanos clássicos defendiam, que era a ideia de que o homem deveria construir seus conhecimentos a partir do uso consciente da razão, e assim, caem por terra as pretensões religiosas que pressupõem que o ser humano deveria viver segundo normatizavam as leis divinas. A ideia que se apresenta, a partir disso, é que a construção da história humana é fruto das intervenções do homem, e não das leis e desígnios divinos. Doravante, a consciência de que a sociedade tem plena capacidade de criar e construir elementos essenciais à vida e de que essa construção não estaria necessariamente atrelada às razões teocêntricas, permite ao homem a conquista de sua maioridade.

O Humanismo lança as bases para o Renascimento, um movimento voltado para a representação do período clássico dos gregos e romanos. Essa representação ganha corpo especialmente nas artes, que passam a celebrar o gênio humano em sua inteireza corpórea, onde reside toda a humanidade, forjada nos sentimentos, desejos, vontades, vícios e virtudes que compõem as individualidades humanas. Para Cunha (1992, p. 210-211), essa agitação se mostra de forma mais precisa no campo artístico, pois:

[...] essa nova atitude desenvolveu-se tomando a forma de um movimento de retomada de imagens da era clássica greco-romana, conhecido como *Renascença* ou, simplesmente, como Renascimento. Artistas plásticos e poetas dessa época decidiram celebrar e imitar seus congêneres da

Antiguidade grega e romana. O vigor das formas da arte clássica exercia, então, um encantamento tal que foi eleito ideal-limite da arte perfeita. A partir dessa fonte de inspiração, uma nova linguagem estética foi sendo estabelecida, novas técnicas foram descobertas, novas formas de sensibilidade foram reveladas ao olho humano. A descoberta da perspectiva é o exemplo maior dessas novidades. Começa a se firmar um novo imaginário, o imaginário da era moderna.

Da ideia inicial dos humanistas em estudar ou ensinar as disciplinas que atendiam à alcunha de “humanidades” (*studia humanitatis*<sup>1</sup>) chegamos ao Renascimento, que representa mais um degrau na corrida pela modernização da vida humana no Ocidente.

Em paralelo às transformações do campo artístico, surgem movimentos dentro do campo religioso, uma vez que a igreja era detentora absoluta do projeto de cristianização do mundo, pela via teológica-religiosa. Até aquele momento, qualquer ação do homem que não passasse pela aprovação da representação divina, compunha o espectro da heresia, segundo a igreja. Inúmeras barbaridades foram cometidas em nome da transcendência divina – não que isso não ocorra na atualidade, pois os extremos religiosos, em parte, se aguçam de maneira violenta nos dias atuais, mas no período citado, a igreja mantinha sob seu jugo qualquer vivente e nem mesmo os reis e príncipes se atreviam a confrontar os poderes da “santa igreja”.

Se com o projeto do Humanismo o homem se viu diante da necessidade de impor-se no centro da construção da história humana, cabia a este, em algum momento, partir para o enfrentamento dos dogmas defendidos pela igreja e propor uma reinterpretação das escrituras sagradas, diferente daquela defendida pela cúpula da igreja católica. Surge, assim, um movimento de renovação teológica liderado pelo teólogo alemão Martinho Lutero, que ficou conhecido como Reforma Protestante. Esse movimento ganha força na Alemanha e com o tempo passa a ser imitado por outras partes do mundo ocidental. Segundo José Auri Cunha (1992, p. 211), essa renovação finca suas bases no

[...] reconhecimento do trabalho humano como fonte de toda graça diante de Deus, origem da riqueza e medida da felicidade nesta vida e na outra. Outro elemento importante foi a *liberdade de exame da consciência* para compreender e julgar o fiel cumprimento da vontade divina, do projeto de Deus para o homem. Disso decorre o direito de se interpretar a Bíblia, o livro das escrituras reveladas por Deus aos seus mensageiros, à luz da razão, agora considerada como extensão do poder divino. Razão e trabalho são concebidos, então, como as principais dádivas divinas, por cujo bom uso o homem será

---

<sup>1</sup> Esta expressão fora usada anteriormente por Cícero e Aulus Gellus, e depois retomada no Trecento, para indicar o estudo das antigas ‘Artes Liberais’, os conhecimentos do homem livre, a sùmula dos conhecimentos e artes chamadas racionais, por oposição às artes mecânicas ou servis (aplicadas à matéria sensível) e às artes mistas, como a arquitetura. (Cardoso, 2017, p. 22).

sempre responsabilizado diante de sua consciência moral e com as quais se torna capaz de conquistar sua felicidade aqui e na eternidade.

Diante do exposto, note-se que a ideia de construção da felicidade dentro dos ideais da Reforma Protestante já passava pelo crivo do trabalho. Essa ideia ganha mais força com o advento do industrialismo que a humanidade vive nos séculos que sucederam à Reforma de Lutero. Da herança da Reforma Protestante podemos destacar a forma como o homem passa a interpretar o sobrenatural diante de si, pois frente à reinterpretação teológica é que se possibilitou caminhar para o próximo degrau na subida rumo à modernidade ocidental, a revolução científica.

Se o homem agora se coloca no centro da criação, ele passa a se interessar pela investigação sobre tudo que lhe rodeia, inclusive os astros. E foi nesse ímpeto que o bispo polonês Nicolau Copérnico (1473-1543) propôs uma mudança científica que revolucionou a forma de enxergar a Terra em relação ao universo. Os estudos de Copérnico e sua interpretação do cosmos leva-o à descoberta de que o Sol, e não a Terra, era o centro do sistema solar. Para Cunha (1992), os desenlaces desse argumento, implicou em uma revolução, que incide diretamente no papel que a Ciência, que passa a estruturar-se sob nova perspectiva, dentro deste e de outros campos de estudo, uma vez que a

[...] importância dessa nova representação do mundo logo extrapolou os limites do mero interesse astronômico, implicando a emergência de um novo *paradigma intelectual*, uma maneira distinta de organizar a percepção do mundo pelo homem e de conceber a estrutura cosmológica do universo. (Cunha, 1992, p. 212).

Diante do exposto, percebe-se que, a partir da Revolução Copernicana, pela primeira vez, a Terra perde seu privilégio em relação aos demais astros, pois os estudos que sucederam a revolução do bispo polonês reforçaram o novo entendimento que a descoberta copernicana ensejara.

A Bíblia, enquanto livro sagrado dos cristãos, era a maior garantia do geocentrismo ptolomaico. Sua autoridade, quando questionada por Copérnico, instituiu um novo paradoxo, em razão de questionar o lugar do homem no universo criado por Deus para abrigar seu único filho. A Terra seria, para a igreja católica, o Éden, centro de todo o universo, de onde o homem contemplaria a criação divina. Esse horizonte daí em diante, passa a ser questionado e o homem perde seu lugar privilegiado frente ao universo. O geocentrismo, ao cair por terra, expõe a primeira grande ferida narcisista da sociedade ocidental, pois seu berço perdia o espaço mítico

guiado pelas escrituras sagradas que sustentavam as verdades da humanidade cristã até aquele momento.

Da Revolução Copernicana, o homem do ocidente herda a *mudança de paradigma* intelectual que passa a guiá-lo rumo à modernidade atual. Dessa mudança de paradigma surgem outros estudos que servem de fortalecimento da capacidade da ciência em responder sobre os mistérios do universo. Por exemplo: as três *leis da mecânica* de Kepler (1571-1630); as aplicações do *princípio da inércia* de Galileu Galilei (1564-1642); as *três leis* do inglês Isaac Newton (1643-1727). Dá-se então, os primeiros passos de uma ciência que, dali em diante, se firmaria baseada nos métodos de observação e análise, produzindo resultados estabelecidos pela representatividade matemática do mundo.

No entanto, para Cunha (1992), as implicações que a filosofia copernicana trouxe ao mundo foram além de um simples passo rumo à matematização dos métodos. A teoria copernicana estabeleceu novas formas de o homem se ver diante do mundo, pois este passou a fazer uso da consciência matemática, que lhe serviu de sustentação à aplicação de métodos científicos, organizados racionalmente. Copérnico reinaugura, portanto, o uso dos recursos racionais, perdidos ou deixados de lado em algum lugar no decorrer da trajetória do homem na história. A Revolução Copernicana permite à sociedade ocidental uma redefinição do conceito da razão humana

No âmbito filosófico, segundo Cunha (1992, p. 213) Immanuel Kant (1724-1804) estabelece que “a razão até então, de modo análogo à Terra no sistema ptolomaico, pretendia conhecer a essência, isto é, a natureza íntima dos objetos do mundo”. Contudo, para o filósofo iluminista, não é dado à razão a possibilidade de apreensão total da verdade dos objetos, mas apenas descrevê-los a partir das representações parciais das coisas. Da mesma maneira, conforme as ideias copernicanas, há a necessidade de se reconhecer que o conhecimento dos objetos em sua natureza pura só pode ser captado a partir das diversas representações sensoriais que estes apresentam. Para Kant, a razão estaria em volta dos objetos, “colhendo deles diversas *representações sensoriais*” (Cunha, 1992, p. 213). A partir dessas representações, são processadas por conta e risco sínteses que formam teorias que passam a constituir o conhecimento científico.

Em razão do florescimento do cientificismo experimental, a partir do qual se explora, inicialmente, a esfera da natureza, o conhecimento avança em direção às novas descobertas científicas. Desse modo, a ciência permite ao homem a exploração dos elementos da natureza por meio da técnica, tendo início o processo de invenção e evolução das máquinas – com o qual se promove o aceleração da produção e a exploração das forças naturais que regiam o

trabalho até então. Em outras palavras, como bonificação da primeira Revolução Industrial, a sociedade passa a experimentar uma transformação no universo do trabalho, pois se, até então, a força manual era a energia transformadora da matéria-prima em mercadoria, com a revolução industrial, são acionadas as forças mecânicas para esse mesmo fim. Outro ponto importante é que a indústria acelera a produção a patamares jamais vistos e a disponibilização de bens e serviços, que passam a ser produzidos em escala.

Do ponto de vista científico, o surgimento da indústria é um marco histórico, dada a sua importância para a modernidade atual. Ela reacende o ideal de redenção humana, de que a felicidade outrora prometida poderia ser vivida na prática. Logo, a sociedade ocidental se permite caminhar em direção ao industrialismo moderno. Homens, mulheres e crianças passam a dedicar-se ao trabalho de forma tão extrema que sequer se atentam à possibilidade de existir uma vida além do universo do trabalho. O sucesso do sistema capitalista estava diretamente ligado à proposição de que a indústria estaria ligada à vida das pessoas como construção divina, ou seja: a indústria seria o elo orientador que conduziria o homem para a realização de seu destino.

A indústria certifica, em grande parte, a autonomia da razão, capaz de conceber, construir e implementar saídas sofisticadas para acelerar a supressão das necessidades humanas. Esse composto de soluções, implementa uma nova dinâmica e condições de bem-estar e satisfação à vida ordinária, e esse novo quadro vai afastar a humanidade de suas práticas sociais e culturais mais primitivas. A indústria instaura uma certa (e definitiva) imagem do progresso associada ao ideal de que a razão humana tudo pode transformar para que a humanidade alcance sua plena realização na Terra. Esse ideal de progresso precisa de um par para se afirmar. Esse par é a crença irrestrita no poder instituidor do trabalho. Da primeira Revolução Industrial, a humanidade ocidental avança para um passo que marcaria os ideais de liberdade e autonomia dos sujeitos frente aos poderes instituídos. O fato mais emblemático na naturalização do poder como uma construção humana foi expresso na Revolução Francesa. Cunha (1992), comenta que

Foi na França, que ainda não tinha realizado a sua *revolução industrial*, que o poder da razão se impôs vitoriosamente sobre o antigo regime, que era amparado, como sabemos, na *teoria do direito divino dos reis*. Os ideais liberais e democráticos de *liberdade* e de *igualdade* são postos como insígnias nacionais na bandeira francesa, ao lado do sonho quase religioso de uma *fraternidade universal* fundada na razão. (Cunha, 1992, p. 214-215).

O que o autor evidencia em seus dizeres é que, sob o domínio do grupo jacobino liderado por Robespierre, a razão finalmente pôde celebrar seus objetivos para a humanidade. A França seria, assim, o clarão da modernidade ocidental, pois os ideais que a Revolução Francesa defende para o homem são aqueles que passam a guiar a sociedade em direção a um certo desenvolvimento pautado na liberdade, igualdade e fraternidade, princípios estes defendidos até os dias atuais nas sociedades civilizadas.

Com a Revolução Francesa, as classes menos favorecidas começam a enxergar brechas para uma manifestação em prol de seus direitos. Nos dizeres de Cunha (1992), o processo revolucionário sustenta que o ideal de libertação do homem das amarras de uma sociedade governada por regimes opressivos, onde a figura do governante era absoluta, está na representatividade do ideal de sociedade livre, uma vez que da Revolução Francesa resultou o fato de que:

*A democracia* passa a ser representada como símbolo da justiça racionalmente fundada, a nova imagem do paraíso. As massas de indivíduos sem nome devem ser representadas pelos partidos políticos, e os meios de comunicação de massa – sobretudo a imprensa, mas também o rádio, na primeira metade, e a televisão, na segunda metade desse século – fazem a mediação entre as instâncias centrais de poder e o foro íntimo das convicções de cada cidadão. A modernidade está finalmente institucionalizada sob a jurisdição da razão. (Cunha, 1992, p. 215).

A agitação intensa que a sociedade francesa vivenciou no século XVIII, tanto social quanto política, demarcou a forma de governo a qual as nações ocidentais passaram a vivenciar. Destaque-se, contudo, que, embora importantíssima para a construção do ideal de sociedade moderna que vivemos, a Revolução Francesa foi um período extremamente violento, quando inúmeras pessoas tiveram suas vidas ceifadas em nome dos conceitos de liberdade, igualdade e fraternidade. Não estamos aqui refutando a consumação dos ideais que essa revolução legou ao mundo moderno, mas sim discutindo que, por trás de tantas edificações que facilitam a vida do homem, houve também violentas manifestações.

Da Revolução Francesa, o ocidente parte em direção à maior promessa de libertação do homem frente aos poderes instituídos e/ou mecanismos de dominação impostos pela própria natureza: o Iluminismo. Ao questionar as estruturas do mundo feudal, que eram movidas pela religiosidade, o Iluminismo revertia “o estado ingênuo” do ser humano, que até então procurava entender o universo a partir do misticismo. Ao promover o rompimento da visão feudal, o projeto iluminista permite ao homem uma nova visão de mundo, passando a enxergar o seu entorno a partir de pontos que não estavam inclinados apenas à fé. Dos direitos civis ao

surgimento da escola como espaço de construção do aprendizado, o Iluminismo constrói seu projeto partindo da ideia de que a razão humana seria capaz de resolver todos os problemas da humanidade.

O movimento iluminista recebe esse nome por englobar alguns processos marcantes na história ocidental, tais como: no campo econômico dão-se as revoluções industriais; no campo político, as revoluções: inglesa, francesa e americana; no campo cultural, podemos citar “as teorias científicas modernas e as filosofias políticas democráticas” (Cunha, 1992, p. 215). O Iluminismo, desse modo, seria parte de um processo histórico da humanidade ocidental do qual se extrai o pensamento humano voltado para a convivência em sociedade a partir da utilização da racionalidade enquanto definidora dos parâmetros a serem seguidos. Logo, a construção social que se tem a partir dos ideais iluministas é aquela pautada no bem comum, apontada sempre em direção ao progresso que os eventos já citados anteriormente apontam, de que o homem atingiria patamares de progresso e bem-estar desconhecidos até então.

Segundo Cunha (1992), o Iluminismo trazia em suas bases características tais como:

[...] acentuado otimismo no poder da razão, na sua capacidade de reorganizar a fundo as relações econômicas do homem com a natureza e as relações políticas dos homens com as instâncias de poder da sociedade, vinculadas à premissa de que a consciência humana, à luz da *razão*, pode dominar do ponto de vista científico e moral as leis que regem a história, e com base nessas leis pode julgar os erros e acertos que o homem tem cometido ao longo de sua existência social. Ao mesmo tempo que o Iluminismo humaniza a *razão*, colocando-a como resultante do processo histórico de transformação do homem, ele concebe o homem como instrumento dos desígnios da razão, sempre idêntica a si mesma. Isto é, sempre fiel a uma lógica própria, que ao homem real só resta obedecer. (Cunha, 1992, p. 216).

A partir do excerto acima apresentado, podemos indagar que o Iluminismo como projeto predominante do despertar da razão na consciência humana permaneceu durante certo tempo como ideia central no desenvolvimento do pensamento humano. Figuras importantes para a construção científica e filosófica moderna beberam no viés iluminista. Podemos destacar nomes como: Rousseau, Descartes, Hobbes, Locke, Kant etc.

Em um primeiro momento, o Iluminismo constrói seu apogeu enquanto maestro que regeu a construção do pensamento e da vida moderna na sociedade ocidental. Por outro lado, em um segundo momento, o projeto iluminista para a modernidade começa a mostrar marcas de promessas não cumpridas. Dessa forma, o uso do termo “modernidade” tal como pregavam os iluministas, está caindo por terra, gerando proposições que caminham de encontro à ideia

racional iluminista. Diante desse fato, podemos apontar que novos conceitos são formados e passam a confrontar o modelo pregado pelo cientificismo imposto no século das luzes<sup>2</sup>.

Para Sérgio Paulo Rouanet (1987), em sua obra *As razões do Iluminismo*, o Iluminismo manteve sua fé no conhecimento metódico, ou seja, aquele delimitado pela Ciência como conhecimento válido. Para esse autor, a ideia de fé na ciência está ligada ao fato de que esta podia ser socialmente controlada, uma vez que estaria direcionada ao respeito às regras e valores previamente estabelecidos pela comunidade científica. Seguindo esse propósito, obedecer ao método se justificava pela compreensão de que somente pelos auspícios da ciência, a humanidade se protegeria de navegar às cegas em seu itinerário de busca por realização e bem-estar.

Segundo Rouanet (1987), o mundo atravessa outras séries de conturbações, que demonstram o esfacelamento da razão, e assim, o fracasso do projeto iluminista. Diz o autor:

Estamos assistindo hoje, em todo o mundo, as tendências que fazem prever o advento de um novo irracionalismo. Mas ele é mais perturbador que o antigo, porque não está mais associado a posições políticas de direita. A razão não é mais repudiada por negar realidades transcendentais – a pátria, a religião, a família, o Estado –, e sim por estar comprometida com o poder. (Rouanet, 1987, p. 11).

Para Rouanet (1987), a sustentação dos irracionalismos contemporâneos se apoia na manutenção de uma face oculta que, enquanto se esconde, trama eventos e situações de barbárie. O lado perverso dos líderes políticos, a mão escondida que age no escuro conduz as massas para práticas violentas, forjando pensamentos de ódio e destruição do diferente. Essa face violenta e desconhecida, que a humanidade jamais se livrou, faz com que os riscos de eventos extremos produzidos pelos homens contra eles mesmos, estejam sempre à mercê de eclodir.

Na medida em que os irracionalismos prosperam no tecido social moderno, o projeto iluminista vai perdendo fôlego e instaurando um desânimo no olhar para o futuro. Hoje em dia, verifica-se uma permanente descrença na possibilidade de certezas duradouras, uma vez que, ao contrário delas, se impôs o aleatório, com a necessidade de apostar no acaso, tendo em vista o processo de desconstrução das experiências do homem moderno, que vai se dando à medida que se atestam os múltiplos questionamentos que o projeto iluminista possibilitou em relação

---

<sup>2</sup> Filosofia que propunha uma conscientização do homem. Sua concepção maior era possibilitar que este restaurasse o hábito de pensar tal qual os gregos da era clássica. Esse processo de reflexão levaria o homem a um nível cultural elevado que criaria um espaço perfeito para a construção de uma sociedade ideal.

às falhas que o tempo se incumbiu de jogar ao vento. Diante dessas razões, Rouanet (1987), aponta que:

[...] há um núcleo de verdade no novo irracionalismo: o conceito clássico de razão deve ser efetivamente revisto. Depois de Marx e Freud, não podemos mais aceitar a ideia de uma razão soberana, livre de condicionamentos materiais e psíquicos. Depois de Webber, não há como ignorar a diferença entre uma razão substantiva, capaz de pensar fins e valores, e uma razão instrumental, cuja competência se esgota no ajustamento de meios a fins. Depois de Adorno, não é possível escamotear o lado repressivo da razão, a serviço de uma astúcia imemorial, de um projeto imemorial de dominação da natureza e sobre os homens. Depois de Foucault, não é lícito fechar os olhos ao entrelaçamento do saber e do poder. Precisamos de um racionalismo novo, fundado na nova razão. (Rouanet, 1987, p. 12).

O ideal Iluminista obteve êxito por vir à tona em um momento em que a sociedade experimentava profundas crises. Portanto, constrói uma proposição de libertação humana, ocupando um espaço de destaque nos campos filosófico, artístico, literário, científico, etc. Sua grandeza liga-se ao desabrochar da razão humana, uma vez que alçou sua investitura na libertação do homem, tanto dos dogmas religiosos, quanto dos poderes absolutistas de reis e imperadores que por séculos mantiveram sua soberania sobre as nações. No entanto, o tempo faz correr o processo da evolução humana, criando novas necessidades, e lacunas que o progresso não foi capaz de preencher.

O contexto histórico aqui abordado, do período clássico grego ao século das luzes, das grandes revoluções e transformações que o homem vivenciou (o Humanismo, o Renascimento, a Reforma Protestante, a Revolução Copernicana, as revoluções industriais, o iluminismo) são bases necessárias para entendermos o conceito de modernidade conforme ela se autodefine. No entanto, serve também para que autores como Theodor Adorno produzam chaves de reflexão acerca da posição do homem moderno, que deveria valer-se dos avanços alcançados pelo esclarecimento, em prol da própria humanidade. Porém, o mesmo progresso que se viu na indústria e na revolução tecnológica não chegou ao homem, pois este parece retornar às suas origens primitivas.

A aurora do homem tal qual representada no filme *2001: Uma Odisseia no Espaço* (Kubrick, 1968), volta-se ao desenvolvimento do pensamento e exploração da natureza para dela se beneficiar, e recorda uma imagem de monopólio economicista e não humano, fazendo pensar a face humana atual como um espelho da barbárie.

O conceito de autonomia iluminista pressupõe uma tomada de posição do sujeito frente ao mundo e ao outro. O sujeito autônomo é aquele capaz de pensar e agir sobre o mundo a partir

de seu próprio entendimento. Segundo Kant (1974), sua capacidade de captar o universo das coisas passa inicialmente pela capacidade cognitiva. Ser um sujeito emancipado não é apenas compreender o universo pelo intelecto racional, mas ir além, promovendo mudanças significativas nos campos político e social.

O mesmo Iluminismo que se fez valer do império da razão é agora acusado de promover a maior crise que a modernidade vivencia. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), evidencia-se que tanto a ciência quanto a técnica se fizeram aliadas dos projetos de dominação contemporâneos, fazendo sucumbir o hemisfério da razão enquanto verdade absoluta que levaria o homem à libertação e autonomia. Para Adorno e Horkheimer (1985), o ponto que abarca o fator emancipatório se faz presente na ideia do “medo ancestral do homem diante das ameaçadoras forças naturais” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 27). Para esses autores, o mito, em sua própria significância, seria, desde a origem, em certa medida, o esclarecimento. Portanto, a ideia de ser um sujeito esclarecido atualmente passa a ser enxergado como uma nova forma de mito. Em outras palavras: “o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 17), mas na realidade, esta é mais uma das promessas não cumpridas pelo esclarecimento propalado pelos iluministas.

Ainda segundo Adorno e Horkheimer (1985), os elementos que favorecem a consumação do poder da elite burguesa sobre as sociedades, em que tal poder é, ao mesmo tempo, manipulador e repressivo, seria a mesma representação dos mitos antigos. Isso leva a crer que o próprio modelo de poder que a burguesia impôs ao homem moderno seria uma forma mitológica, e que, portanto, as sociedades atuais dependem tanto dos mitos quanto as sociedades clássicas necessitaram deles. Essa forma mitológica de governar assegura a base da instauração de um medo atroz de coisas e objetos indefinidos. Teme-se formas de governo desconhecidas, teme-se as ciências e suas descobertas, teme-se o futuro incerto e, para cada um desses medos, líderes políticos se apresentam como retaguarda segura e protetora. Os medos contemporâneos vão se sucedendo uns aos outros. Por exemplo, atualmente um dos maiores medos do homem é perder seu emprego/negócio, ou seja, sua segurança financeira e seu lugar social, mas, em tempos recentes, era outra realidade, pois temia-se a repetição dos campos de concentração, as ditaduras, as guerras mundiais, as bombas atômicas, etc. Alguns desses pontos foram sendo negados por narrativas político-ideológicas, ao ponto de muita gente acreditar que nunca existiram, razão pela qual não sentem mais medo dessas realidades e, ao contrário, sentem até uma saudade nostálgica. O medo, assim, se esvai e, em seu lugar, ganha espaço a barbárie, cujo clima de violência alcança a memória e os corpos.

Porquanto, é imprescindível que reconheçamos os desfechos bons e ruins que a modernidade apresentou/apresenta ao homem. Os avanços da ciência e da técnica elevaram os níveis das esferas social, política, cultural e principalmente econômica, mas tudo isso cai por terra à medida que se faz sob um viés economicista, que faz crescer ainda mais a dominação das classes, pior, se faz o aprisionamento do homem às estruturas de dominação coletiva.

## 1.2 Adorno e a formulação de uma analítica da sociedade moderna

As discussões críticas que formam um diagnóstico de tempo do capitalismo avançado elaboraram inúmeras terminologias, como: *capitalismo tardio*; *sociedade de massas*; *sociedade unidimensional*; *sociedade pós-moderna*; *era da pós-verdade etc.*, e tiveram origem com a chamada Escola de Frankfurt. Esta expressão aparece na história da filosofia por volta dos anos de 1930, embora muitos especialistas em Teoria Crítica (Rocha, 2020; Socha, 2018; Fleck, 2017) enfatizem que não existiu propriamente uma escola, ou seja, um direcionamento filosófico claro, com corpo estável de proposições teóricas. Para Rocha (2020, p. 25)

A expressão Escola de Frankfurt seria uma etiqueta, um rótulo, que serviria para situar, na história da filosofia, um conjunto de pensadores alemães, influenciados por Hegel, Freud e principalmente Marx, reunidos no Instituto de Pesquisas Sociais, dispostos a analisar as contradições e os antagonismos de diversos fenômenos da realidade social do capitalismo avançado, principalmente os que se desdobram com os avanços da tecnociência e dos escombros amontoados a partir de seus desenvolvimentos, tanto no plano cultural como na esfera política.

A expressão Escola de Frankfurt indicaria, assim, esse posicionamento teórico comum, uma espécie de insatisfação provocada por um momento histórico que apontava tanto para a crise da razão, sobretudo com o assim chamado declínio do pensamento e das filosofias da subjetividade, por um lado; quanto por uma crise da política, com a ascensão da barbárie do fascismo, do totalitarismo soviético e da expansão da cultura de massas nos Estados Unidos, por outro. Pode-se dizer que a certidão de nascimento da Escola de Frankfurt é o discurso inaugural de Max Horkheimer quando assumiu a direção do Instituto de Pesquisas Sociais, em 1930. É importante lembrar que este Instituto era uma iniciativa de formalizar as discussões em torno do marxismo, para além daquilo que seria, para eles, a estreiteza do Partido Comunista na Rússia e na Alemanha. Ou seja, eram pensadores de esquerda, que se colocavam contra uma tendência excessivamente determinista, mecânica, do materialismo histórico de Lênin. Eram

pensadores que não tinham uma filiação com o partido. Horkheimer e Adorno diziam que o pensamento de Marx, quando reduzido a uma estratégia política inflexível, ou seja, enrijecida, acabava se degenerando, tornava-se ideologia, quer dizer, ficava distante do próprio método reflexivo de Marx e caía, também, no irracionalismo, repetindo o procedimento dos mitos, sobre os quais não cabem questionamentos, mas, ao contrário, apenas a adesão teórico-prática.

A partir da posse de Horkheimer como diretor, em 1930, o Instituto passou a investigar os esquemas de dominação modernos estruturados com os componentes próprios da ciência e da técnica. Esse giro de perspectiva teórica foi indispensável para a construção de um dos conceitos mais importantes da teoria crítica: o conceito de Indústria Cultural.

O ensaio “Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas” encontra-se inserido na obra *Dialética do Esclarecimento*, publicado em 1947. Esta obra se organiza em torno de duas teses centrais, que dizem respeito à própria origem da filosofia e do saber científico. Para Adorno e Horkheimer, a primeira tese é: o mito já é um esclarecimento. Isso quer dizer que a origem do esclarecimento não está na gênese do saber filosófico, mas já se encontra incrustada nos próprios mitos, pois estes se sustentam como formas de explicação do real.

A segunda tese central para os autores é a de que a razão filosófica e científica, ou seja, o pensamento esclarecido (esclarecimento) acabou por se converter em uma nova mitologia e se degenerou em uma forma brutal de dominação social. Daí a *Dialética do Esclarecimento*, ou seja, a inversão da razão em mito, significaria uma autodestruição do esclarecimento ou a realização do inverso de suas promessas civilizatórias, que eram, desde o início, a felicidade e a liberdade social.

A *Dialética do Esclarecimento*, assim, seria uma crítica ampla e radical da sociedade e do pensamento ocidental, justamente por questionar o tipo de racionalidade específico da modernidade, que é a racionalidade instrumental. A obra se configura como a caixa de ferramentas que mobiliza os interesses de Adorno e Horkheimer torno da construção de um diagnóstico do tempo presente, empreendimento que se projeta na sequência do trabalho filosófico de Adorno, como na *Minima Moralia*, *Dialética Negativa* e nos textos de sua última década de vida, como na reunião de suas palestras, organizada como livro com o título de *Educação e Emancipação*.

O fio condutor de analítica adorniana e que demarca sua teoria crítica é a ideia de que a mesma racionalidade que deveria, através da técnica e da cultura, libertar a humanidade de seus medos, acaba provocando um retorno à mitologia e induzindo formas ainda mais primitivas de dominação social. Esse prognóstico, cujo alcance amplo perpassa a cultura e as instituições,

estende seus reflexos sobre os mais diversos âmbitos da sociedade, demandando estudos que investiguem seus sentidos e efeitos na sociedade.

Outrossim, essas interveniências da não racionalidade, sofridas pela sociedade atual, caminha a passos largos para um universo de barreiras que necessitam ser ultrapassadas. Rocha (2019, p. 217), disserta que:

O tempo que nos coube viver nos obrigou a deixar as incertezas de lado. Em vez delas, se impôs o aleatório, a necessidade de aposta no acaso com *experiência válida*, numa interrogação sempre permanente sobre o futuro. O sujeito é assim arremessado para dentro de si mesmo, convivendo com constantes perguntas, confrontando-se com todos os medos, entre eles, o pior de todos, a finitude.

Logo, para Adorno, a busca pelo “inalcançável” nunca esteve tão acirrada, pois o indivíduo tornou-se há muito tempo um mero objeto dentro da estrutura social, não cabendo a ele o direcionamento do pensamento, do agir, do falar e do existir próprios. Nesse contexto, o indivíduo se constitui em mercadoria, objeto de troca, pois a delineação de sua existência é pré-determinada pelo escopo político economicista, que é a centralização deste poder que manipula a estruturação do ser humano enquanto sujeito existente. Essa predeterminação que direciona o indivíduo segundo os interesses de mercado é a mesma que dita os rumos que a vida deste deve tomar. Já não é permitido viver aquilo que a definição do sujeito prega como particular ou privado, pois esse domínio há tempos não existe.

Se a direção de sua vida já não lhe é permitida, ao sujeito moderno não resta muito a não ser aceitar as consequências de viver segundo as forças operantes que a elite burguesa lhe impõe. Em *Minima Moralia* (1992), Adorno esclarece que:

A partir do momento em que o abrangente aparelho da distribuição da indústria substitui a esfera da circulação, esta inicia uma espantosa pós-existência, o domínio do privado como um todo é devorado por uma enigmática operosidade que apresenta todos os traços da atividade comercial, sem que nela haja propriamente algo para comerciar. Essa ação nos dá a ideia de que logo não haverá mais nenhuma relação que não tenha em vista fazer relações, nenhum impulso que não esteja submetido a uma censura prévia, embora a pessoa não se desvie do que convém (Adorno, 1992, p. 17).

Como entender essas construções que performam a coletividade na era moderna, quando tudo acontece a todo instante? Na sociedade das trocas, os sujeitos vivem segundo os interesses de classe. As relações, os afetos, as rotinas etc., tudo se encontra corrompido até o âmago. O que Adorno tenta evidenciar em sua escrita é que, por meio da ação de forças poderosas, o ser

humano, forçosamente, deixou que suas decisões fossem tomadas por alguém que assim o quis: Estado e mercado, que movidos pelo poderio econômico, transforma o sujeito em uma máquina para funcionar segundo as determinações externas. Para Adorno, isso leva ao extermínio daquilo que em outros tempos o ser humano tinha como algo privado, o despertar da própria consciência.

Ademais, seguindo essa concepção, ou seja, navegando no raciocínio de Adorno (1992), somos direcionados à ideia de que

Antigamente, quando ainda havia algo como a famigerada separação burguesa entre o trabalho e a vida privada, da qual já se tem quase saudades, olhava-se com desconfiança e como um intruso sem modos quem perseguisse fins na esfera privada. Hoje parece arrogante, estranho e deslocado quem se entrega a algo privado sem que nele se possa notar uma orientação para algum fim (Adorno, 1992, p. 17).

O homem moderno vive à mercê do trabalho: o aluguel, o veículo, a conta de luz, o supermercado, o colégio dos filhos, os remédios, entre outros. São exigências que esse sujeito atual aprendeu a lidar em sua vida cotidiana, contexto este compreendido como o novo normal. Diga-se de passagem, que esse “novo” não é tão recente assim, pois, a partir da primeira Revolução Industrial, a sociedade moderna passou a vivenciar uma nova realidade, que é a exploração de sua mão-de-obra controlada pela velocidade dos processos técnicos, o que é determinante para o conceito de modernidade que se tem nos dias atuais.

Portanto, desde a revolução industrial, a nova normalidade da ordem vigente passa a ser a de que as pessoas devem trabalhar mais para poder gastar mais. Há sempre um telefone novo, um carro do ano, um tênis da moda, etc., expostos nas vitrines, à espera de um consumidor ávido. Trabalha-se a semana inteira imaginando momentos de diversão em família para o final de semana, mas o tempo dedicado ao lazer também custa dinheiro. E o próprio lazer é definido pelas operações da indústria cultural, que inventa e celebra as estruturas de lazer e de prazer na sociedade atual, instituindo práticas de lazer associadas ao consumo.

O quadro apresentado acima é explicitado por Adorno (1992), quando aponta que essas ações eliminam qualquer possibilidade do império do mundo subjetivo, da esfera privada, como pretendia a prerrogativa kantiana. Para ele, vivemos uma época na qual não é possível que qualquer indivíduo possa elucidar, de forma transparente, a própria vida sem antes transitar pelas relações de mercado. O todo parece operar-se a partir das objetivações mercadológicas, uma vez que ninguém está livre das amarras que o economicismo impõe. Os lugares sociais e identitários são instáveis e, assim sendo, os indivíduos estão em constante conflito de afirmação

quanto a si próprios e quanto aos espaços sociais que ocupam. O medo da substituição iminente produz no ser humano uma relação de dependência a qualquer função que ocupe. Para este, qualquer coisa que se apresenta como diferente das demais, já não é compreendida, sendo a dinâmica das relações postas à mesa como algo capaz de interferir nos itinerários das pessoas. Tanto o valor quanto a precificação do homem passam a ser um objeto negociável. Logo, “a objetividade nas relações humanas, que acaba com toda a ornamentação ideológica entre os homens, tornou-se ela própria uma ideologia para tratar os homens como coisas” (Adorno, 1992, p. 35).

Essa objetificação do homem esfacela a integridade ética, moral e identitária das pessoas e deteriora a qualidade das trocas humanas, digo: interpõe-se entre o respeito, o afeto, o amor, uma camada de desconfianças, que deteriora os vínculos duradouros. O que se tem, a partir de então, são atropelos entre as partes que consomem os escrúpulos, anulando a capacidade da formação de seres solidários. Contudo, lembra Adorno na *Minima Moralia* (1992) que, para sobreviver em um mundo dessubjetivado, na selva de interesses e egoísmos, é necessário formar-se a habilidade de tudo ser capaz, inclusive de amar. Diz o autor:

[...] inúmeras pessoas fazem sua profissão de um estado que decorre da liquidação da profissão. São aquelas pessoas amáveis, estimadas, que são amigas de todos, os justos, que desculpam humanitariamente qualquer infâmia e repelem inflexivelmente toda emoção não convencional como sentimental. De tudo são capazes, até mesmo de amar, conquanto sempre deslealmente, seu individualismo tardio envenena o que porventura ainda restou do indivíduo (Adorno, 1992, p. 18).

Essa selvageria é ocasionada pelo apego às profissões e práticas sociais que movem o mercado de trabalho. Estas movimentam forças de tal forma que a violência e a repressão se impõem sutilmente, sem passar pela percepção humana, reforçando a realidade de uma formação social que revela sua estrutura hierárquica a partir das distribuições das camadas econômicas. Tais distribuições permitem os exageros da violência humana, com a qual já estamos tão habituados ao ponto de tudo parecer normal à nossa volta. Adorno (1992, p. 28) aponta que:

Adequado a nossa época é o avarento, para quem nada é muito caro quando se trata de si e tudo muito caro quando é para os outros. Ele pensa por equivalências e toda a sua vida privada está submetida à lei de dar sempre menos que o recebido, porém sempre o suficiente para que se receba algo em retorno. Os novos avarentos, contudo, não praticam mais a ascese na dissipação, mas com precaução. Eles estão assegurados.

É bem verdade que as relações humanas há tempos perderam espaço para as relações de negócios, uma vez que o homem, movido pela ganância de possuir tudo quanto lhe for possível, anula os afetos em relação ao outro e ao conjunto da sociedade.

Para Adorno a imagem de sociedade que o mundo deveria ter é aquela que preza pela existência do homem livre das amarras economicistas, sendo capaz de agir autonomamente sobre o mundo. A autonomia de pensamento e ação, sabe-se, não se impõe por processos históricos naturais, mas a partir da vontade humana. Assim, acessar à razão emancipatória pressupõe o esclarecimento sobre sua função e efeitos. Não chega ao conhecimento emancipatório quem não deseja alcançar essa meta. Contudo, enquanto esta disposição não chega ao plano individual, Adorno prega a defesa de uma Teoria Crítica<sup>3</sup>, cujo papel principal é o cumprimento dessa tarefa.

As metamorfoses do homem moderno retiram do seio da sociedade partes essenciais do convívio humano, como as regras, as normas e a afetividade. Estas estruturas, quando esvaziadas, impedem que o indivíduo evolua em termos humanos e sociais. Dessa maneira, naturaliza-se uma fase animalesca da sua trajetória, pois, sem convenções que o conduzam para o viver em comunidade, a harmonia desaparece do meio social e dá lugar ao estado puro e natural do homem, o da barbárie. Diante de tais aspectos, o coletivo dá lugar ao autônomo, mas um anonimato feroz, distante do privado que se quer emancipado, apontado nas ideias de Adorno. Na *Minima Moralia*, este aponta para um estado bárbaro do ser humano, incapaz de identificar sutilezas no comportamento e nas práticas sociais das pessoas. Diz o autor:

[...] aquele que é cortês corre o risco de ser tomado por descortês, porque faz uso da cortesia como um privilégio ultrapassado. Perguntar como alguém está, algo que não é mais mandamento da educação nem é esperado, torna-se uma espécie de sondagem ou uma agressão [...] nenhuma regra indica mais aquilo que convém ou não falar. Essa abolição das convenções, a título de ornamento ultrapassado, inútil e exterior, apenas confirma o que há de mais superficial: uma vida de dominação imediata. Que, no entanto, a própria supressão desta caricatura do tacto nas brincadeiras brutas entre companheiros de camaradagem, com um escárnio à liberdade, torne a existência ainda mais insuportável, é apenas mais um indício de como se tornou impossível a convivência humana nas circunstâncias atuais. Desse modo, a cultura simula uma sociedade digna do homem, que não existe [...] (Adorno, 1992, p. 30).

---

<sup>3</sup> Em outro trabalho publicado neste ano de 2023, discutimos que aquilo que se convencionou chamar de Teoria Crítica emergiu “no âmbito do Instituto de Investigação Social, comumente conhecido como Escola de Frankfurt, a teoria crítica tem sua certidão de nascimento vinculado ao discurso de posse de Max Horkheimer como diretor do Instituto, em 1923, desdobrando-se nas teorizações de Theodor Adorno e outros que, enfrentando as limitações das análises sociais como a dos neomarxistas, compreendem que a epistemologia em vigor, carecia ampliar-se, com uma analítica que superasse o viés economicista dos estudos de Marx. Dessa maneira, entram em cena os debates sobre a esfera cultural, que sofre interferência do aparato tecnológico, que cada vez mais avançado e globalizante” (Batista; Rocha; Albuquerque, 2023, p. 41).

Se, por um lado, compreendemos que a ideia de liberdade está ligada, de forma inerente, ao pensamento esclarecedor, distanciar o sujeito do contato social provoca o esvaziamento da consciência humana que deságua na falência do pensamento. Para Descartes (2004), o pensamento seria a máxima representação da verdade, pois a própria dúvida da existência deste já seria a consolidação do pensamento. Se o pensamento é a concretude da verdade, o seu esvaziamento promove a disseminação da inverdade, que, para Adorno, constitui outro fator negativo para o esfacelamento da esfera social da humanidade, a pós-verdade<sup>4</sup>.

Em uma época sombria como a nossa, associar-se aos poderes controladores sem que isso seja feito conscientemente indica o nível de atomismo do pensamento. Os comportamentos passam a ser delineados no interior dos escritórios, assim como se produzem protótipos de produtos industriais. Dessa maneira, contrapor-se à ordem existente significa enfrentar todo um aparato cultural que circula por meio de veículos variados. Passando pelo cinema, televisão, imprensa e, mais recentemente, pelas redes sociais, o gosto vem sendo forjado de forma indiscriminada e homogênea. Dessa maneira, o diferente é o estranho e bárbaro que precisa ser combatido. Assim, macular a imagem do outro é mais importante que apresentar propostas de soluções que visem o bem comum. A mentira impera, tornando-se uma verdade adquirida a partir de sua repetição. Os mecanismos de comunicação, que deveriam levar a verdade e promover livre acesso à informação, também se veem corrompidos e contribuem significativamente para esse processo.

O processo de convencimento das massas pelos meios de comunicação ganhou, no final do século XX e início do século XXI, uma assombrosa contribuição para sua disseminação com a internet. Esse quadro é algo ainda bastante confuso, pois vivemos uma época em que há países com um número de aparelhos conectados à internet superior à sua população, enquanto outros mal conseguem ter uma breve ideia do que seria essa ferramenta, fundamental na sustentação do que os países desenvolvidos chamam de globalização. Em palestra proferida no ano de 1995 no IEA-USP, Henrique Rattner aponta que globalização é:

[...] o resultado de um processo histórico, cujos fatores dinâmicos são a concentração-centralização de capital, o desenvolvimento dos meios de

---

<sup>4</sup> Na *Minima Moralia* (1992), Adorno descreve a pós-verdade como um fenômeno em que a manipulação emocional e a disseminação de informações falsas ou enganosas se sobrepõem aos fatos aos fatos objetivos e à análise racional na formação de opiniões e na tomada de decisões. Nesse contexto, a subjetividade e as crenças pessoais ganham mais relevância do que na veracidade dos dados. A pós-verdade é impulsionada pelo uso estratégico das mídias sociais e da desinformação em massa, aproveitando-se do viés de confirmação e da propagação viral de informações. Desse modo, a busca pela verdade parece algo intangível, pois não se sabe mais o que é verdade ou mentira.

comunicação e o despertar da consciência sobre o destino comum da humanidade. Essa tendência manifesta-se, também, na difusão de padrões transnacionais de organização econômica e social, de consumo, de formas de lazer e de expressão cultural-artística, enfim, um estilo de vida decorrente das pressões competitivas do mercado, que aproximam culturas políticas e práticas administrativas e difundem e generalizam os mesmos problemas e conflitos ambientais (Rattner, 1995, p. 69).

Na contramão do diagnóstico de Rattner (1995) sobre o que vem a ser globalização, encontra-se a perspectiva de Santos (2018), que, em sua *Ecologia dos Saberes*<sup>5</sup>, defende que sociedades periféricas devem ser postas no mapa da globalização não apenas como receptoras, mas também como fontes produtoras de conhecimento. Reforçando esse pensamento, o autor português argumenta que o conhecimento produzido nos países do terceiro-mundo, comumente é negado até os dias atuais, uma vez que sociedades de menor desenvolvimento tecnológico ocupam, apenas, o espaço de fornecedoras de matéria-prima.

O que se pretende mostrar é que a forma como o processo de globalização se impôs/impõe na vida das sociedades apoia-se na lógica colonizatória, que desconsidera os valores locais, impondo, a partir das matrizes econômicas, as diretrizes culturais e identitárias que se quer formar. Com o aparato tecnológico associado aos interesses dominantes, o projeto globalizante do mundo ganha eficiência e operacionalidade. O conjunto da obra de Adorno coloca-se como contraponto aos processos de dominação cultural dos grupos, analisando a forma como a cultura de massa opera em desfavor da economia e da emancipação.

Em um mundo altamente tecnológico, de mercados ultra competitivos, é comum que haja relações de dominância, uma vez que as conexões prezam pelo objetivo final do modelo economicista pregado entre as partes. A globalização é, portanto, uma artimanha de nações desenvolvidas que dissimulam suas intenções de dominação, estabelecendo uma lógica em que os países ricos e desenvolvidos continuam no topo, ao passo que aquelas nações subdesenvolvidas permanecem em atrofia.

Entre as pessoas não é diferente, pois as relações culturais a que Adorno faz referência são produzidas segundo a mesma lógica da produção industrial. O capitalismo avançado, apoiado pelas estruturas tecnológicas, faz circular produtos e ideias. Entre elas, busca-se validar o princípio neoliberal de que as posições sociais são definidas pelo mérito de seus pretendentes. Esta ideia desconsidera o lugar de partida dos sujeitos, pois, na medida em que um indivíduo

---

<sup>5</sup> Envolto no conceito de “ecologia dos saberes”, Santos (2018) traz a ideia de resgatar hábitos e conhecimentos de grupos sociais heterogêneos que no decorrer da história foram, social e historicamente manipulados, numa perspectiva que os delimita a fontes de matéria-prima dos saberes dominantes.

reúne condições econômicas e sociais no alicerce de seus projetos, as chances de ter mais sucesso no alcance de seus objetivos é mais provável do que quem não dispõe dessas condições.

A ideologia do mérito, tão presente na sociedade atual, nega os parâmetros estruturais da sociedade desigual, uma vez que, possuir uma posição social elevada, não está necessariamente ligado à questão do mérito. Inúmeros fatores devem ser observados antes de tal afirmação. Nem todos têm as mesmas oportunidades, tampouco trabalhar duro será fator determinante para se chegar ao topo. No entanto, a elite, que, obviamente, está no cume, vale-se dessa ideologia para assim mover o pensamento social e manter sob seu jugo as camadas sociais de baixo poderio econômico.

Essa ordem em questão promove um verdadeiro caos entre os sujeitos que tentam de todas as formas superar o outro. Sua percepção mental é a de que o outro seja sempre oponente e assim promove-se a selvageria. Na *Minima Moralia*, Adorno (1992) aponta que, a partir dessas desconstruções da esfera social causadas pelo acirramento das competições entre indivíduos, se desenha um quadro de isolamento do sujeito. Diz o autor:

no interior da sociedade repressiva, a emancipação do indivíduo não o beneficia apenas, mas também o prejudica. A liberdade em face da sociedade priva-o da força para a liberdade. Pois, por mais real que seja em sua relação com os outros, ele é considerado como absoluto, uma mera abstração. Ele não possui nenhum conteúdo que não seja socialmente constituído, nenhum impulso transcendendo a sociedade que não vise conseguir que a situação social transcenda a si própria. Se hoje os últimos traços de humanidade parecem prender-se apenas ao indivíduo, como algo que se encontra em seu acaso, eles nos exortam a pôr um fim àquela fatalidade que individualiza os homens tão-somente para poder quebrá-los por completo no seu isolamento. (Adorno, 1992, p. 132).

O trecho acima toca no mais profundo da visão adorniana sobre os limites da subjetividade. Em nome da busca pela autonomia, os indivíduos se tornam solitários; escapando ao espírito corporativo, se fazem seres avulsos, vagando em um universo de pessoas dessubjetivadas; apegadas à premissa da liberdade, as pessoas se isolam em suas individualidades, desfazem vínculos e, justamente por isso, se enfraquecem enquanto categoria, classe ou mesmo, como sujeitos.

Nessa toada, tomando um exemplo dos dias atuais, podemos mencionar o discurso premente do empreendedorismo, que marca o mercado e reflete nas políticas de formação. Empreender, no sentido lato, significa identificar oportunidades de negócios a partir de ideias inovadoras com as quais se possa gerar novos negócios. Essa premissa, na medida em que o Estado diminui seu lastro de oferta de bens e serviços, passa a ser defendida como uma chave

para a realização dos indivíduos, que podem, concebendo ideias inovadoras, abrir seus próprios negócios, deixando de demandar o que seria papel do Estado. Essa narrativa tem ganhado campo no interior das instituições, que, em alguma medida, assumem essa função de despertar o espírito empreendedor. Essa tem sido uma das críticas ao Projeto do Novo Ensino Médio – NEM –, que no discurso do governo e dos defensores do Projeto, é parte de uma necessidade da “transformação” educacional do país, atingindo especificamente a terceira etapa da educação básica, que é o Ensino Médio. Ora, os defensores do NEM veem essa reforma como o útero que irá gerar novas bases, bem como novos direcionamentos para a última etapa do ensino básico no país.

### **1.3 A educação em Adorno**

A discussão sobre Educação em Adorno é pertinente, especialmente quando assume que este processo precisa ser entendido em todo seu horizonte crítico, buscando a formação da emancipação. Este conceito perpassa a obra de Adorno nos diferentes momentos de sua produção, como um projeto ou meta a ser alcançada pela razão esclarecida. Contudo, na década de 1960, o autor frankfurtiano elabora um conjunto de trabalhos que demonstram, objetivamente, as principais preocupações com a formação cultural dos indivíduos, com vistas à promoção das condições de emancipação e autonomia.

Discutir o conceito de educação atualmente não é tarefa simples, pois atravessamos uma era conturbada, na qual a sociedade vivencia um período de mudanças constantes impulsionadas pelos avanços tecnológicos que impele transformações nas diferentes esferas da vida social. Mediante tal quadro, a educação, a ciência e a tecnologia emergem hoje como passaportes para um mundo moderno, globalizado e alinhado aos ideais de humanização. No entanto, para Adorno, esses avanços podem parecer, de certa forma, um desânimo melancólico

Para Adorno (1992), enfrentar a discussão sobre os fins e objetivos da educação se coloca como uma necessidade urgente, tendo em vista que a ela compete combater o mais dramático dos males que ainda se encontram premente na sociedade atual, que é a possibilidade da repetição do holocausto. Dessa maneira, o filósofo de Frankfurt preceitua que cabe à educação trabalhar para que Auschwitz jamais se repita. Para este,

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca

atenção (a educação depois de Auschwitz). Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca das metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se de uma ameaça de regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão (Adorno, 2022, p. 129).

As ideias de Adorno nos levam a entender que a principal função da educação após Auschwitz não é evitar que milhões de pessoas sofram, mas sim evitar que qualquer pessoa seja morta ou perseguida por motivos vazios, idênticos ou não aos do período nazista. Para o autor, é imprescindível que a história seja transmitida às crianças tal qual tenha ocorrido, evitando, desse modo, as repetições monstruosas e brutais praticadas pela humanidade contra ela própria. Nesse sentido, para o autor, encontrar-se-ia nos educadores papel fundamental, uma vez que estes não têm o poder de evitar a repetição da barbárie, mas podem promover uma conscientização acerca dela. Esse ato bloquearia a proliferação e perpetuação da ignorância como cultura, como se vê nos dias atuais e, possivelmente, nos futuros.

Contudo, não se depreende da ideia de educação em Adorno uma pedagogia a ser posta em prática, como é o caso da pedagogia e da filosofia da educação<sup>6</sup> que defendia Rousseau, ou como a Pedagogia do Oprimido<sup>7</sup> de Freire. Para Adorno, a educação teria um propósito, que, dentre os muitos termos utilizáveis, podemos escolher o da não perpetuação/repetição da

---

<sup>6</sup>A proposta de uma educação natural em Rousseau não é baseada nas formas da sociedade ou na escola tradicional de sua época, mas sim no conhecimento da verdadeira natureza do homem. Portanto, mediante uma investigação e conhecimento rigoroso sobre a natureza da criança seria possível cultivar o exercício de liberdade para dar conta das necessidades humanas. Esse enfoque confere originalidade ao seu pensamento e altera o conceito de ensino da modernidade, pois ao valorizar a criança em todas as suas dimensões, físicas, psíquicas, afetivas, emocionais, intelectuais, sociais, culturais e econômicas lança a semente para a revisão do conhecimento sobre a educação infantil. A defesa de uma educação pedocêntrica (centrada na criança) é justificada numa interação com a natureza, no sentido de valorizar e reconhecer os instintos naturais e as descobertas pelo simples ato de brincar, correr, saltar e jogar que as crianças possuem. Os elementos ético-morais de Rousseau começam com o nascimento e se alinham ao valor conferido à infância, num aperfeiçoamento que vai além de um regime forçado de conhecimentos preestabelecidos (Branco; Conte.; Rios, 2020, p. 278-279).

<sup>7</sup>Segundo Freire (1987), em sociedades onde a dinâmica estrutural caminha para a dominação das consciências, observa-se que a pedagogia predominante é um reflexo dos interesses das classes dominantes. Os mecanismos utilizados para oprimir não podem, paradoxalmente, contribuir para a libertação dos oprimidos. Nessas sociedades, cujas estruturas são guiadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a ideia de educação como prática libertadora implica, necessariamente, uma perspectiva pedagógica centrada nos oprimidos. Freire dialoga que não se trata necessariamente de uma pedagogia para eles, mas sim uma pedagogia que emerge de sua própria realidade. Dessa forma, os caminhos em direção à libertação são trilhados pelo oprimido que se liberta: ele não é um objeto a ser resgatado, mas um sujeito que deve se autoconfigurar de maneira responsável.

barbárie. Este fim seria alcançado através do ato de repensar o sentido da própria existência pessoal e social.

No entanto, dentro da sociedade moderna, o conceito de educação que se tem não é aquele defendido por Adorno. Hodiernamente o ato de ensinar incorre em sérios apuros, posto que a instrução se encontra a serviço do aparelho do Estado. Este exerce sobre a sociedade uma relação de dominância, que se impõe de forma tão intensa que até mesmo os intelectuais, que outrora deveriam desvencilhar-se dos ideais da política em voga - que é aquela que segrega, e que assassina o livre acesso à educação isenta das construções capitalistas - encontram-se contaminados por ilusórias edificações propostas a partir do poderoso economicismo praticado.

A obra de Adorno organiza-se por um fio condutor que discute o potencial do esclarecimento para explodir o poder dos mitos. Assim, esclarecimento, como produto da educação, compromete-se com o enfrentamento da barbárie, representado pela não repetição de Auschwitz. Não se trata, como dissemos acima, do planejamento de uma proposta pedagógica formal, com diretrizes práticas a serem seguidas por um sistema educacional. O que existe e persiste na obra adorniana, nos diferentes momentos de sua produção, é um posicionamento em defesa do esclarecimento capaz de desmistificar as ideologias, os mitos e as narrativas historicamente implementados por causa da falta de uma análise crítica rigorosa.

Na *Minima Moralia* (1992), Adorno discute aspectos da vida ordinária, apontando o esvaziamento do pensamento dialético-crítico nas diferentes esferas. O horizonte que norteia a vida prática é imposto de fora para dentro das instituições, que passam a reproduzir o paradigma da fugacidade que se impõe sobre todas as coisas. Nada é fixo, tudo é passageiro, inclusive as verdades.

Desse modo, a vida pessoal deixa de ser tal, na medida em que replica o universal instruído por ideologias externas aos sujeitos. Isso gera consequências à esfera social, alcançando, indiscriminadamente, o intelectual, que em tese seria detentor de autonomia e emancipação, mas passa a não dispor deste requisito, pois, embora “lhe [seja] invejada a independência, mas segundo a percepção social das divisões das camadas presentes no convívio deste, desconfia-se de que seja mais um emissário dos poderes estabelecidos” (Adorno, 1992, p. 15). O fato de alguns intelectuais tentarem maquiagem a já manchada imagem intelectual, escrevendo sobre outros intelectuais, seria, desta forma, uma maneira de reforçar a mentira.

Outro fator que contribui veementemente para a desconstrução da figura do trabalho intelectual é que muitas vezes este se encontra fora de seu habitat natural, como é o caso do intelectual exilado em razão das perseguições sofridas ao longo de seu percurso. Por exemplo: durante a Segunda Guerra Mundial, diversos intelectuais foram afugentados de seu país natal

por vias de perseguições, principalmente direcionadas às pessoas de origem judaica. Nas palavras do autor, esse “êxodo” forçoso reflete nas nuances de sua produção. Sobre os intelectuais emigrados para a América, assim diz Adorno (1992):

Todo intelectual na emigração, está prejudicado, pois, entre a reprodução da vida própria sob o monopólio da cultura de massas e o trabalho objetivamente responsável impera uma ruptura inconciliável. Quando a dimensão privada se põe em primeiro plano de maneira indevida, febril, vampiresca, exatamente porque ela, a rigor, não existe mais e busca convulsivamente dar provas de vida. O olhar adquire o aspecto maníaco e ao mesmo tempo frio de quem quer agarrar, devorar, confiscar (Adorno, 1992, p. 26-27).

Obviamente, ao intelectual da era moderna, não lhe é cobrado que viva em um barril, tal qual Diógenes<sup>8</sup>, pregando as convicções da escola cínica<sup>9</sup>. Mas, de fato, que aquele compreenda os fins e objetivos da educação atual, não se permitindo corromper pelos meios e valores empregados pela política de dominância que incide sobre a sociedade de classes, na era do capitalismo avançado, que apoia grande parte de seu projeto de dominação, na indústria cultural e em seus efeitos de massificar os indivíduos. Ao intelectual compete construir pontes para que o indivíduo seja mais livre, alcançando o velho ideal da imagética iluminista - de que o homem, pelo uso da razão construiria o conhecimento e atingiria níveis de emancipação nunca alcançados. Quando esse ideal fracassa, e os pseudointelectuais empenham toda sua dedicação em favor de forças que pululam os processos de alternância de poder, para assim construir novas armadilhas que levam à destruição da sua própria existência, significa que a razão emancipatória perdeu lugar para os irracionalismos contemporâneos.

Para além disso, o modelo de educação que se tem na era atual conduz a que o sujeito seja cada vez mais fechado, tornando-se aquele que não se permite enxergar a existência do outro. Essa espécie de prática/formação escolar deixa de lado a figura do professor, que outrora humanista, atenderia à educação do próprio sujeito, e não às prerrogativas do Estado. Dentro do ideário da educação dos dias atuais, vigora o entendimento de que sua tarefa:

[...] diz respeito a características do objeto, da formação social em seu movimento, que são travadas pelo encantamento, pelo seu feitiço. Por isso a

---

<sup>8</sup> Filósofo grego que viveu entre 412 e 323 a. C. Defendia que as virtudes do homem eram mostradas na ação, deixando a teoria em segundo plano.

<sup>9</sup> A escola filosófica cínica teve como precursor Antístenes, um amigo de Sócrates, e por isso podemos dizer que o cinismo é uma filosofia socrática “(assim como o estoicismo e o epicurismo, escolas também fundadas por amigos, amigos dos amigos ou admiradores de Sócrates e seus amigos, escolas que têm em comum e apoiam várias ideias concebidas por Sócrates)”. (Dinucci, 2010, p. 88).

educação, necessária para produzir a situação vigente, parece impotente para transformá-la (Leo Maar, 2022, p. 11).

O fracasso da instituição escolar se manifesta diante de um educador que se encontra corrompido no âmago que define suas funções educativas, pois sua educação também seguiu os princípios positivistas de métodos e resultados, envelopada por princípios de uma competição desenfreada, que leva ao mais elevado grau de competitividade: ser o melhor em tudo, obter as notas mais altas, conhecer todas as teorias, dominar a ciência, esquecendo o mais básico, que seria formar para a autonomia e liberdade.

Leo Maar (2002, p. 11) disserta que a educação sozinha, “não é, necessariamente, um fator de emancipação”, especialmente quando não se leva em conta que a educação se processa dentro de contextos sociais atravessados por situações reais/históricas. Assim, a educação sozinha não promove a emancipação, mas pode ser uma forte aliada das transformações sociais e humanas, quando ocorre paralelamente a outros avanços sociais significativos, como as políticas de saúde, e/ou em sociedades democráticas e inclusivas.

Não obstante, o desenvolvimento de qualquer sociedade passa pelo crivo da educação. Para Adorno, a educação pode ser, ao mesmo tempo, uma instância de autonomia ou de adaptação, sendo dependente de aspectos sociais e políticos que, por isso mesmo, devem caminhar aliados à ideia de uma educação emancipatória, pois essas construções seriam solidificadas a partir das inserções de outras esferas, tais quais as citadas anteriormente. Assim, a educação se constrói apoiada na ideia da aquisição de um esclarecimento geral, capaz de produzir “um clima intelectual, cultural e social que não permitiria a reprodução do horror” (Adorno, 2022, p. 133). Das palavras do autor, depreende-se que a educação sozinha não é determinante para que se chegue à emancipação. E não se valida qualquer tarefa formativa como educação, uma vez que os sistemas de ensino tendem a tornar cada vez mais descartáveis suas funções. A prerrogativa de uma educação consistente e válida só pode ser tal se cumprir o papel de emancipar e libertar os indivíduos das amarras impostas pela sociedade. O primeiro passo, portanto, para esse propósito, é reconhecer as estruturas de dominação circundantes, fato este nem sempre presente no entendimento de certos intelectuais e educadores. Quando isso ocorre, a própria escola se transforma em campo favorável à consolidação das estruturas de dominação em vigor, na medida em que os sistemas educacionais atrelados ao poder político do Estado, leva o professor a pautar-se na transmissão de conteúdos programáticos, esquecendo-se, na maioria das vezes, que ao aluno deveria permitir-se a livre possibilidade de aprender. A condição para esse voo em direção ao esclarecimento e à autonomia, é a prática da

leitura, leitura de mundo e reflexão (Freire, 1982b) que para Adorno, levaria a emancipação do sujeito.

A inoperância formativa da escola, associada à veiculação de bens culturais alienantes e aos avanços técnico-científicos, levam os indivíduos a caírem em uma nova espécie de barbárie, da qual deveríamos estar livres em razão do estágio de desenvolvimento e progresso experimentados atualmente, mas, pelo fomento da cultura em voga, retornamos ao obscurecimento da alma.

Segundo Adorno, não pode o professor permanecer na inércia do falso culturalismo que a própria cultura de massas<sup>10</sup> impõe aos “humanos” na era atual. A ideia da indústria cultural de que é possível agradar a todos não funciona para o campo da educação, uma vez que devemos partir do princípio de que somos iguais, mas com diferenças: no pensar, no agir, no ser, no existir, no viver, etc.

É possível intuir que a noção de progresso nos arrasta em direção a um movimento frenético na busca por realizações e bem-estar, afastando-nos de uma mínima possibilidade que seja de revisitar o passado para entender o agora. Esses elementos nos levam a vivenciar experiências desastrosas, uma vez que as pessoas não mais se preocupam com a resolução de problemas crônicos que, por sua persistência no lastro da história, já deveriam ter sido sanados. Segundo Leo Maar (2002, p. 15),

O que dizer, por exemplo, de um mundo em que a fome é avassaladora, quando a partir de um ponto de vista científico técnico já poderia ter sido eliminada? Ou, o inverso: como pode um mundo tão desenvolvido cientificamente apresentar tanta miséria?

Questões como essas nos levam a refletir sobre a formação decadente do indivíduo no seio da sociedade atual, o que, para Adorno, seria um reflexo da má formação do sujeito. Este, vazio de critérios críticos, abre flanco para a aceitação da Cultura de Massas e, diante dos reflexos de uma educação pautada na mera reprodução daquilo que o Estado e o mercado estabelecem, perde-se capacidade de afirmação da própria identidade. A escola no centro desse elo repetidor seria uma hospedeira do velho ideário defendido pela política meritocrática do capitalismo tardio.

---

<sup>10</sup> Cultura de massas é um termo atribuído à mescla de traços culturais diretamente ligados à perspectiva da indústria cultural. Seria, então, a exploração do pluriclassismo pela indústria da cultura. Ou seja, o ato de transformar em mercadoria atividades culturais. A Cultura de Massas não se preocupa com determinada cultura, não há o ato de isolar uma ou outra cultura, mas sim um processo de homogeneização, no qual se colocam todas as culturas ou formas culturais em pé-de-igualdade: tudo vira mercadoria. A intenção é agradar ao maior público possível.

O insucesso da humanização da sociedade foi identificado por Marx, como decorrente do processo de alienação da consciência. Esse quadro próprio do capitalismo, é a base sobre a qual se apoiam os mecanismos de exploração, configurados na violência da separação entre trabalho e a mercadoria produzida. Esta mecânica, denunciada por Marx, ganha outra feição frente à sociedade de massas, que institui a necessidade do consumo, satisfeito pela própria indústria cultural quando esparge produtos e ideias políticas vazias, que levam à padronização do gosto. Em nosso país, temos o caso recente de uma ideia política de extrema direita, que levou ao ressurgimento de uma profusão de ideologias que operam a disseminação do conflito e do ódio como estratégia de afirmação política.

Isto posto a disseminação e a aceitação pela sociedade de ideologias tão absurdas, elevam as percepções acerca da ideia de que as pessoas são embalagens vazias que necessitam de preenchimento. Ora, se a escola realizasse um apelo à revisitação dos horrores que a história conta, certamente o ser humano não seria tão vazio, pois entenderia a educação como condição à reelaboração do passado, no combate à construção da barbárie tão comum à era moderna.

Dessarte, a não libertação das amarras das forças de poder empobrece tanto o multiculturalismo quanto o relativismo cultural. Não podemos viver em uma sociedade pautada apenas na tolerância, pois há necessidade de que esta avance em direção ao respeito às diferenças, zelando pela identidade do outro, pois isso é uma forma de compreender que a dimensão humana está constituída na alteridade. O contrário disso remete à barbárie fomentada pela má formação do sujeito.

Uma formação deficitária de humanidade, ou formação pautada nos aspectos técnicos, é a tônica da educação que se vislumbra na sociedade em que vivemos. Esta constatação resulta, segundo Leo Maar (2022, p. 16), do fato de que a

[...] crise da formação é a expressão mais desenvolvida da crise social da sociedade moderna. De Hegel a Marx, de Nietzsche a Freud, de Husserl a Heidegger, de Luckács à Escola de Frankfurt, a crise do processo formativo seria um tema privilegiado. O trajeto intelectual de Adorno constitui, nesse sentido, a história dessa crise da formação e da educação em face da dinâmica do trabalho social.

A ideia que se tira desse ponto é que a educação há tempos não esteve, tampouco está focada em levar as pessoas ao desenvolvimento da consciência em si, mas sim, que os sujeitos sejam levados a um processo de robotização, no qual aceitam qualquer imposição sem expressar questionamentos. Essa crise da educação pode ser combatida por uma consciência trabalhada para o despertar de uma objetividade própria, que esteja imune às armadilhas subjetivistas que

o capitalismo burguês impõe ao pensamento do cidadão moderno, e que leva à crise da experiência.

Na linha do pensamento adorniano, tal crise resulta de processos de interdição das relações comunicativas e afetivas entre as pessoas, pois, em um mundo em que os corpos se fecharam para o outro, a experiência de transmissão perde sua potência, aprisionando os indivíduos em mundos isolados. Em outras palavras, se a figura do contador de histórias desapareceu, é justamente porque ninguém lhe quer ouvir. Isto leva ao apagamento de algumas narrativas que, se compartilhadas, enriqueceriam o elo comunitário, pois o conhecimento social é tão válido quanto o conhecimento técnico-científico, este tão apreciado nas escolas e universidades formadoras do sujeito atual.

Adorno argumenta que dentro dos lares, a interação entre os mais jovens e os mais velhos também está recuando. Na *Minima Moralia* (1992), o autor frankfurtiano disserta que as formas pelas quais as relações humanas se fazem e desfazem dentro do contexto familiar dos dias atuais. Para ele,

O relacionamento com os pais começa a ficar cheio de sombras. [...] Hoje, porém, encontramos-nos diante de uma geração supostamente jovem que, em cada uma de suas reações, é insuportavelmente mais adulta que seus pais o foram. Do conflito se extrai um poder que passa a ser exercido de forma autoritária e inabalável. (Adorno, 1992, p. 16).

Uma vez que:

[...] na sociedade dos antagonismos, a relação entre as gerações é também uma relação de concorrência, atrás da qual se localiza a violência pura e simples. [...] Faz parte dos crimes simbólicos dos nazistas liquidar os anciãos. [...] Mesmo as extravagâncias e as deformações neuróticas dos adultos velhos representam ainda o caráter, algo humanamente realizado, e [...], tentativas políticas de evadir-se da família burguesa só nos levam, no mais das vezes, a crer que a malfadada célula da sociedade, a família, seria também a célula protetora da intransigente vontade de uma outra sociedade. (Adorno, 1992, p. 16-17).

O apontamento que Adorno faz nesse sentido é de que o extermínio da família embarga qualquer tentativa de anulação das forças que perpetuam o eixo da composição atual de sociedade que temos. Se o contato familiar se vê abalado e, portanto, doente, os demais contatos também se mostram enfermos, pois a base desse propósito é erigida do convívio familiar, que se vê contaminado.

Por outro lado, ferramentas como celulares, computadores, videogames, etc., tomam aquele espaço/tempo que outrora serviram para a interação em família. Essa perda de espaço reflete diretamente nos processos educativos, tendo em vista que o ponto de partida do processo

pedagógico inicia-se dentro de casa. Podemos citar, por exemplo, a educação na Roma Antiga<sup>11</sup>, a qual, constituída sob uma sociedade patriarcal, encontrava na família grande responsabilidade pela transmissão/construção de conhecimentos para a formação do cidadão romano. Em nosso meio, para o Movimento Escola Sem Partido, não deveria ser diferente, pois a família deve/deveria construir uma base educacional humana sólida entre seus entes educáveis, deixando para a escola a mediação dos conhecimentos científicos e técnicos. Pois na prática, o papel da educação vem sendo deixado de lado a tempos pela família, restando à escola o exercício da educação científica, moral, social, etc. Embora o papel de educar pertença a escola, não se pode confundir com certa omissão da instituição familiar na formação dos jovens, uma vez que, certamente, resultaria em uma experiência desastrosa, pois valores como amor ao próximo, a convivência com opiniões distintas, a diversidade étnico-racial e outros, desaparecem/desapareceriam do convívio social.

Estando a civilização em seu ponto mais alto de desenvolvimento tecnológico, é estranho ver que o mesmo desenvolvimento não foi acompanhado pelas pautas humanas. Os momentos de convívio social estão constantemente inclinados a processos de regressão e opressão em relação a formação de uma sociedade que cresce aos mandos e desmandos da classe dominante. Se assim se constroem os processos educativos que mais se preocupam com os números de mercado, ao invés de incentivar o uso da racionalidade humana, o que se pode obter a partir disso são sujeitos que enxergam no outro a figura de um competidor. Inicia-se uma corrida para a qual não há vencedores.

Os sintomas por trás da educação que se mostra autoritária e repressora é sentido no dia a dia das pessoas. São os ataques às escolas, comuns nos dias atuais, o *bullying*, o *cyberbullying*, as agressões física e verbal contra as orientações sexuais que não sejam heteronormativas, o antissemitismo, o ataque às instituições, entre outros.

Em trabalho recente, Oliveira-Menegotto, Pasini e Levandowski (2013, p. 204) descrevem o *bullying* como “um fenômeno que se caracteriza por atos de violência física ou verbal, que ocorrem de forma repetitiva e intencional contra uma ou mais vítimas”. Os estudos sobre esse tema tiveram seu início no Brasil em meados dos anos 1990, embora na década de 1970 houvesse países como a Suécia, por exemplo, que se importavam com essa situação. Por outro lado, embora esses estudos tenham desembarcado no Brasil na década de 1990, somente a partir do ano de 2005 é que o *bullying*, de fato, passa a ser acompanhado por meio de estudos,

---

<sup>11</sup> Civilização que tem seu surgimento datado do século VIII a. C., consegue expandir seu território por meio de intensas campanhas militares. No auge de sua expansão, chegou a possuir territórios que iam do atual Reino Unido ao Iraque. Cf. Jones, Peter: Veni, Vidi, Vici.

pesquisas e trabalhos publicados em torno do tema. Os estudos voltados para a análise desse fenômeno, como estamos vendo, são recentes, mas a prática não vem de agora e mostra-se preocupante, uma vez que seus efeitos nocivos trazem consequências irremediáveis às vítimas.

Um caso recente de *bullying* ganhou destaque nas manchetes de jornais do mundo todo. Uma menina autista negra de 10 anos, da cidade de Salt Lake City, em Utah, nos Estados Unidos, cometeu suicídio após sofrer uma série de episódios de *bullying*. Em um primeiro momento, a mãe relata que a filha passou a andar perfumada todos os dias, após um colega lhe dirigir palavras como “você fede”. O fato se deu após o professor da turma pedir que seus alunos tomassem banho. Em outros episódios, a mãe da criança relata que a menina sofreu inúmeros ataques racistas por ser a única criança negra da classe. A mãe ainda relata outros episódios, como o do formato da sobrancelha e de uma marca na testa que a criança possuía e que passou a ser objeto de ataques dos colegas. A mãe relata, também, que chegou a procurar a escola para discutir sobre o caso, mas não obteve resposta. O fato é que, não suportando a violência, a criança cometeu suicídio nas proximidades de sua casa. A morte da menina gerou uma série de debates sobre o suicídio entre os jovens, o racismo na escola e a abordagem sobre o tratamento dos Transtornos do Espectro Autista (TEA).

Este exemplo demonstra a necessidade de que a esfera educacional revise os fins e objetivos da educação, como propõe Theodor Adorno, no texto *Educação após Auschwitz*. Neste trabalho, o autor frankfurtiano exorta a comunidade escolar a redefinir o propósito da educação: que Auschwitz não se repita. Esta invocação, inclui não apenas a não repetição dos campos de concentração e suas nódoas, mas se coloca contra toda espécie de violência e barbárie. Diante deste desafio, toda educação pautada na meritocracia, e que faça usufruto do viés autoritário, deve ser combatida, assim como toda política educacional que os negligencie, segregue, condene e assassine as diferenças.

## CAPÍTULO II

### A SEMI-FORMAÇÃO E SEUS EFEITOS SOBRE A SUBJETIVIDADE DOS INDIVÍDUOS

*O universo não foi feito à medida do ser humano,  
mas tampouco lhe é adverso: é-lhe indiferente.*  
Carl Sagan.

Este capítulo apresenta a análise empreendida por Theodor Adorno a respeito da natureza da semi-formação e como seus efeitos influenciam na formação de subjetividades fluidas e descentradas, esvaziando possibilidades de autonomia e emancipação humana. Na primeira parte, discute-se o conceito de *Semicultura*, que se encontra no ensaio *Teoria da Semicultura*, de Theodor Adorno. O autor frankfurtiano argumenta que a Semicultura é a principal chave da crise da formação cultural contemporânea e que seu lastro interfere nas relações e experiências subjetivas dos indivíduos. A segunda parte do capítulo pretende aprofundar a analítica da crise da experiência, que se encontra danificada em razão da explosão do eu, que vê sua subjetividade soterrada em meio aos escombros produzidos pelo progresso de um tempo que se acostumou a valer-se de ideias, valores e sensibilidades organizadas de forma instrumental, com interesses de dominação e controle.

#### 2.1 Semicultura como esvaziamento da autonomia

A crise que se estabelece a partir do contexto formativo e cultural atual, interfere diretamente na cena pedagógica. Ela se expressa nas limitações da formação geral, uma vez que os alunos, esvaziados de uma formação crítica consistente, chegam às escolas com uma organização mental deficitária, que no máximo se poderia chamar de semiformação. A crise vivida pelo sistema escolar não se limita, assim, a mero objeto de análise das ciências humanas e sociais, requerendo uma tomada de posição firme e urgente, para minimizar os sintomas de uma formação danificada que se faz presente em todas as partes do mundo moderno.

Para Adorno, a formação do homem atual constrói-se sobre a normatização de um projeto pedagógico que prescinde ao que Gramsci denominou de práxis, ou seja, uma ação refletida e consciente de seus possíveis efeitos emancipatórios. Ao invés disso, as práticas pedagógicas, especialmente as de viés tradicional, visam exterminar a formação de consciência emancipatória e autodeterminada. Na *Mínima Moralia* Adorno identifica que mesmo entre as pessoas mais cultas, não se enxerga conduta regrada pela consciência crítica e esclarecida.

Ainda segundo Adorno, a formação cultural da sociedade estaria convertida em uma espécie de semiformação socializada, em que prevalece uma onipresente alienação do espírito. As formas culturais alcançaram destaque unilateral, pois a sociedade as transforma em algo que parece estar sob seu controle e, desse modo, a Semicultura impede que os homens se eduquem e façam o mesmo com os outros. No entanto, esse é apenas um processo de adaptação à nova realidade da vida real.

Em seu trabalho *Teoria da Semicultura* (2005), Adorno discute sobre a formação da Semicultura, demonstrando que o processo formativo pelo qual passa a sociedade moderna está diretamente ligado à ideia de uma racionalidade vazia, pois vive-se frente à ideia de uma sociedade autônoma, mas, de fato, observa-se uma autonomia frágil, em que a liberdade é uma taça de cristal sendo arremessada ao chão. A racionalidade vazia que Adorno coloca em evidência é a representação de uma consciência falsa, que muda de tempos em tempos, se adequando ao momento e às condições em que se encontra. O que resta disso tudo? Para Adorno “uma irresolvida *bellum omnium contra omnes*” (2005, p. 4).

Em seu exílio nos Estados Unidos, Adorno volta seus estudos para a indústria cultural que, gerada a partir do advento da cultura de massas, passa a disseminar seu projeto de dominação por meio de produtos culturais, controlando, assim, os rumos que a sociedade deverá seguir.

Diante dessa infeliz condição, coube ao homem moderno viver uma cultura que se faz comerciável, de constituição mercantil, que não se propõe exercer nenhum papel emancipatório frente à realidade. Mesmo o deleite, que é a principal fonte de interesse artístico, perde importância frente aos produtos da indústria cultural, que se interpõem num ritmo frenético, buscando suplantam interesses instantaneamente despertados, abrindo campo para o consumo de novidades trazidas pela indústria. O que se põe em evidência é exatamente o contrário, pois a coisificação dos elementos enaltece a visão de uma cultura única. Adorno exalta a premissa de que tudo o que a humanidade toca vira moeda de troca, inclusive a cultura.

Na *Minima Moralia* (1992, p. 176), Adorno aponta que:

Com toda hipocrisia, a indústria cultural alega guiar-se pelos consumidores e fornece-lhes aquilo que eles desejam. [...] não se trata tanto para a indústria cultural de adaptar-se às reações dos clientes, mas sim de fingi-las. [...] a indústria cultural modela-se pela regressão mimética, pela manipulação de impulsos de imitação recalcados. Para isso ela se serve do método de antecipar a imitação dela mesma pelo espectador e de fazer aparecer como já subsistente o assentimento que ela pretende suscitar. [...] o que ela produz não é um estímulo, mas um modelo para maneiras de reagir a estímulos inexistentes.

Que a indústria cultural gere e depois satisfaça as necessidades dos consumidores, parece ser ponto pacífico entre os estudiosos da cultura de massa. Contudo, ela opera a partir de um recurso fundamental, que serve de estopim para despertar a atenção das pessoas, que é a propaganda, seja ela velada ou explícita. Contudo, em qualquer uma de suas formas, a propaganda recorre ao mais instintivo dos afetos humanos, que é o erotismo. Para apresentar qualquer produto ao público consumidor, os escritórios de *marketing* recorrem à exposição do corpo nu, despertando, assim, um prazer preliminar, que obviamente não se satisfaz com a contemplação do produto exposto. O desejo retido, então, canaliza-se para o consumo. Esta lógica sustenta, em grande parte, o projeto da indústria cultural e institui, como regra, uma nova sensibilidade contemporânea, que tem como pano de fundo, um turbilhão de emoções estimuladas pelos sentidos afetados pelas provocações da propaganda. Assim, altera-se a lógica do projeto do esclarecimento, que pretendia livrar os homens da condição de escravos pelo conhecimento racional. Ao invés disso, instala-se a Semicultura como norma. Para Adorno, o processo de Semicultura estaria estabelecido pelo viés da própria retórica cultural, pois os sintomas da debilidade cultural se fazem presentes em todas as esferas da sociedade. Nem mesmo ao mais culto dos homens é permitido se desprender das garras da cultura de massas, pois esta estaria sempre um passo à frente.

Ainda na *Minima Moralia* (1992), Adorno ressalta que o marco visceral desse percurso

[...] é que nenhum ser humano, sem exceção, é capaz de determinar sua vida num sentido até certo ponto transparente, tal como se dava antigamente na avaliação das relações de mercado. Em princípio, todos são objetos, mesmo os mais poderosos. O indivíduo enquanto indivíduo, como representante do gênero humano, perdeu a autonomia através da qual poderia realizar efetivamente o gênero. Pois, o que é diferente não é mais compreendido: tudo é negócio. (Adorno, 1992, p. 31-35).

As possíveis causas dessa degradação cultural seriam as insuficiências do sistema educacional que fortificam seu estabelecimento diante da construção da sociedade moderna. Logo, a clareza das relações entre sujeitos cai por terra, pois a ilustração de juízos presente entre

os homens transforma-se, por si só, em elementos de domínio. O que resta? Tratar o ser humano como a coisa que este se transformou, pois a adaptação à inexorável força da indústria cultural preenche a singularidade da esfera pessoal, colocando em evidência a dependência na qual se encontra a sociedade das diretrizes disseminadas pelos produtos culturais que circulam nas diferentes mídias.

Ademais, o problema tem sua ampliação gerada a partir da construção de experiências educacionais isoladas, que visam contornar tal situação, porém mostram-se insuficientes. Essa insuficiência de ações pedagógicas acirra ainda mais a crise que se instaura diante do homem atual. Como resultado, esse sujeito se vê mais dependente da comercialização de seus atos. Tal dependência se põe em evidência diante da falta de qualquer sinal de preocupação perante a estrutura pedagógica.

Notadamente, é sabido que essa pedagogia, que se faz improdutivo por um lado, por outro, também exerce sua força controladora na formação das classes sociais. Isso leva o homem ao obscurecimento das ideias sociais, fazendo, assim, surgir um sujeito mais voltado ao economicismo e fechado para seu próprio interior.

Diante de uma educação que forma indivíduos comerciáveis ao invés de seres humanizados, a Semicultura se estabelece enquanto determinação vigente no tocante à formação social do capitalismo avançado. O homem que se pretende menos sociável é o mesmo que abandona o eixo de sua essência. Vejamos: com o advento tecnológico, criam-se formas de aprisionamento, como vemos, por exemplo, nos videogames. Nos últimos anos, com a expansão da internet de alta velocidade, os jovens passaram a viver cada vez mais em frente ao computador, celular ou console<sup>12</sup>. Com isso, formaram-se o que se conhece como “comunidades gamers”. Não há nada de errado em participar de jogos com os amigos! Será mesmo? O problema se inicia quando esse hábito se torna vício e o tempo utilizado inicialmente, começa a ocupar dois terços do dia dessas pessoas.

No jogo *Grand Theft Auto* (GTA), por exemplo, formaram-se comunidades que passaram a viver dentro do próprio jogo: cada jogador tem uma função semelhante àquela que teria no mundo real. É uma simulação do mundo em que vivemos, em que, apesar das regras ali impostas, as punições são meramente ilustrativas e, portanto, não impedem que esses jogadores façam o que lhes for conveniente. Se quebrar as regras de alguma comunidade, o usuário será banido, mas ele logo entrará em outra comunidade e assim por diante. Mas qual o

---

<sup>12</sup> O termo console é utilizado neste trabalho correspondendo ao computador utilizado exclusivamente para jogos. Por exemplo, Playstation, Xbox, Nintendo, entre outros.

problema maior desses jogos? Ao se inserir em comunidades como a descrita, os jogadores passam a viver muito tempo em frente à tela de equipamentos eletrônicos; a vida que ele leva enquanto se diverte jogando, passa a ser a vida que ele deixa de viver no mundo real e, assim, as trocas de afeto que envolvam o calor humano vão se perdendo pelo caminho, restando um sujeito menos sociável e isolado em um mundo próprio. A sociabilidade que se perde é aquela que nos torna mais humanizados.

Na *Dialética do Esclarecimento* (1985), Adorno e Horkheimer mencionam que o processo de reificação do sujeito moderno passa diretamente pelo conceito de sujeito que se sujeita. A semiformação, grosso modo, constitui, diante da sociedade moderna, a expressiva reprodução da formação deficitária dos sujeitos, constituindo-se sob o eixo da cultura de massas, que exerce seu monopólio sobre a sociedade atual.

Cabe ressaltar que um sujeito com consciência é um sujeito ciente de suas determinações no universo em que habita. Por outro lado, os tipos sociais em ascensão rejeitam o indivíduo esclarecido, fazendo perdurar a ideia de que os novos seres sociais são constituídos a partir do princípio de cópias. Essa é, portanto, a feição social do homem contemporâneo, que tem, na perspectiva adorniana, sua subjetividade alterada pela cultura que anula a consciência que outrora definia a condição de sujeito.

Leo Maar (2003), em seu trabalho *Adorno, semiformação e educação* aponta que o processo de construção das massas visa unicamente a confirmação de uma reprodução que se faz contínua e opressora pelo advento da indústria cultural. Para esse mesmo autor, a Semicultura estaria diretamente relacionada ao estreitamento da razão instrumental<sup>13</sup>, que se expande em função do aparato tecnológico que foi posto à disposição da sociedade em meados do século XX e início do século XXI.

Essa ideia de isolamento humano, em que os indivíduos se fecham de tal forma que o contato social adoece, faz as relações, por si só, deixarem de existir. Inexistindo vínculos, afrouxam-se os laços de afeto e compromissos íntimos, passando cada um a ocupar um lugar inatingível, no qual operam as nebulosas soluções para sua vida prática. A título de exemplo, verificamos, na *Minima Moralia* (1992), o diagnóstico apontado por Adorno, quando este refere que:

---

<sup>13</sup>Max Horkheimer (1976), estabelece que a razão instrumental estaria dividida em dois termos. O primeiro seria o ego abstrato e o segundo a natureza vazia. O ego abstrato está linkado à ideia de tornar tudo aquilo que se toca um objeto de conquista própria, ao passo que a natureza vazia corresponde ao conceito de analisar a natureza do objeto ao qual se propõe tal dominação.

As pessoas estão desaprendendo a dar presentes. A este fator some-se a desconfiança de quem dá algo. E assim, dentro dessa empresa tão organizada já não há mais lugar para a emoção humana, nem mesmo os resquícios de quando se encontrava felicidade na felicidade do recebedor pode ser percebido. Deixou-se de pensar no outro como sujeito (Adorno, 1992, p. 35).

A observação que Adorno faz em relação ao distanciamento que se promove no campo das relações humanas se materializa num conjunto de exclusões e tensões, que se arrastam desde a crise do afago afetivo, da convivência solidária, da empatia por causas e bandeiras, entre outras. Essas questões outrora sustentaram as bases das relações sociais e, em grande medida, mobilizaram o tecido social em movimentos que tinham por objetivo promover mudanças e/ou revoluções.

O decaimento das relações humanas, para Leo Maar (2003), reputa-se diretamente à cultura de massas, que, por sua vez, poderia facilmente ter sua substituição por outro termo: “sociedade de massas”. Este termo para o autor, significa:

[...] a forma social vigente assumida pela formação social em seu processo de reprodução social na subsunção real e totalizante ao capital. Nessa subsunção se embaralha a contraditória estrutura da sociedade de classes, confundindo sua aparente nitidez objetiva e promovendo uma conciliação. (Leo Maar, 2003, p. 461).

Ou seja, a cultura de massas atravessa os coletivos, por meio dos inúmeros dispositivos de veiculação dos produtos culturais pensados com a finalidade de dominação dos grupos. A cultura de massa fere, assim, as capacidades de discernimento sobre os fatos sociais, resultando em uma conciliação ou aceitação irrestrita dos padrões impostos.

No ensaio *Sociedade*, Adorno afirma que “toda sociedade ainda é de classes” (Adorno, 1979 apud Leo Maar, 2003, p. 461), donde se deduz de que a cultura de massas estaria a serviço dessa estruturação social, tendo sido pensada nos mesmos moldes que se concebe a construção de um produto industrial, como o automóvel, por exemplo. A consciência coisificada endurece o apego a certos conceitos e práticas sociais, as quais passam a bastar para os indivíduos, como verdades às quais se valem como explicações suficientes da realidade. A lógica da semiformação é a seguinte, segundo Leo Maar 2003, p. 462):

A cultura tematizada no presente já não seria apreendida como ideal emancipadora, mas real conservadora ou “afirmativa”. Como resultado, legitimaria a sociedade imperante, que reconstrói como “cópia” ordenada de modo estritamente afirmativo.

Resta ao sujeito valer-se da adaptação aos moldes pelos quais a cultura se reproduz diante de seus olhos. Na verdade, o que lhe é estendido é apenas um dos braços dessa estrutura, a sujeição dos elementos que é determinada pelo princípio da arbitrariedade social. Cabe ressaltar que o conceito aqui em discussão não abre o leque de bem *versus* mal, mas apresenta uma ideia de reprodução pressuposta das formas determinadas, anulando a liberdade de escolha, que passa por sérias contravenções. O sujeito moderno se situa cada vez mais distante de qualquer vontade de regredir a um estado mental que comporte os anseios de um convívio livre de uma ou outra manipulação. Adorno (1992) discorre sobre essa ideia apontando que o tempo se mostra irreversível diante do homem. Para ele, essa irreversibilidade do tempo mune o indivíduo de um critério moral com finalidade própria, dado que esse significado

[...] está intimamente relacionado com o mito, como o próprio tempo abstrato. A exclusividade contida no tempo desenvolve-se, de acordo com o seu próprio conceito, no sentido de uma dominação excludente de grupos hermeticamente estanques e, em definitivo, da grande indústria. Se as pessoas não fossem mais uma posse, também não poderiam mais ser trocadas. A verdadeira inclinação seria a que se dirige de maneira específica ao outro, que se prende aos aspectos que se ama, e não ao ídolo da personalidade, esse reflexo da posse. (Adorno, 1992, p. 68).

O reflexo dessa posse se manifesta na reconfiguração da essência humana atual, que passa a ser definida por valores econômicos. Desse modo, as relações no campo privado são estabelecidas conforme as designações do modelo industrial, no sentido de reproduzir cópias, pois um homem sem consciência é um sujeito não esclarecido reproduzindo seu estado natural.

Por assim dizer, o homem que outrora se fez dono de seus pensamentos, suas vontades, suas decisões, etc., cede espaço a outro ser na contemporaneidade. Esse novo sujeito passa a ocupar uma posição cada vez mais insipiente. O sujeito vê-se menos dono de si e vítima de um aprisionamento ao qual ele mesmo se coloca, na medida em que não reúne condições de enfrentar os grilhões e amarras da densa rede interconectada de interesses dominantes que circulam pela indústria cultural, subjugando-o a sujeição às vontades do poder estabelecido em meio ao coletivo.

Se a fundação da consciência, o elo que conduz o corpo, comporta a passividade de um ser que se sujeita, dá-se a entender que o homem tem em si próprio a condição de seu maior inimigo. Uma mente corrompida deforma o resto do corpo, entendido como todo o tecido social ao qual pertence. Exemplos de barbaridades cometidas pelo homem contemporâneo estão em todos os lugares, sendo frequentemente noticiados em jornais, revistas, aplicativos de mídias

sociais, páginas de notícias, etc. A falta de uma consciência que preza pelo coletivo permite que a barbaridade mostre sua face mais cruel à humanidade em suas atitudes comuns do dia a dia.

Por conseguinte, o termo Semicultura, quando analisado morfológicamente, se compõe de um prefixo que indica *meio*, *metade*, mais o termo *cultura*. Denota, portanto, que a condição do semiculto é a daquele indivíduo que possui alguns rudimentos de informações culturais, que, na melhor das hipóteses, pode chegar à metade do que seria ideal ao entendimento. O desmembramento do termo, indica, portanto, um sentido desfavorável enquanto equipagem cultural dos sujeitos. O vocábulo, portanto, descreve a formação que recebe o homem dos dias atuais – algo que se mostra incompleto e superficial, carente das qualidades artística, cultural, social e humana.

A semiformação se estabelece a partir da mentira, pois,

[...] A indústria cultural tem a tendência de se transformar num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente. Ela se esgueira com maestria entre os escolhos da informação ostensivamente falsa e da verdade manifesta, reproduzindo com fidelidade o fenômeno cuja opacidade bloqueia o discernimento e erige em ideal o fenômeno onipresente. A ideologia fica cindida entre a fotografia de uma vida estupidamente monótona e a mentira nua e crua sobre o seu sentido, que não chega a ser proferida, é verdade, mas, apenas sugerida, e inculcada nas pessoas. Para demonstrar a divindade do real, a indústria cultural limita-se a repeti-lo cinicamente. (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 122).

Desse quadro resulta que o campo intelectual humano sofre um esfacelamento frente ao seu escopo social, que nada pode fazer. O baque é sentido, mas, diante do processo que desencadeia na involução humana a que chegamos, converte-se em algo que se mostra normal e corriqueiro. De certo modo, “a vida transformou-se numa sucessão intemporal de choques, entre os quais se rasgam lacunas, intervalos paralisados” (Adorno, 1992, p. 46).

Em uma sociedade que constrói suas bases a partir de sujeitos semiformados, estes passam a habitar um território pautado na mera reprodução, pois o indivíduo semiculto não consegue captar o verdadeiro significado de sua própria existência. O motivo é bem simples: sua consciência não permite distinguir sua ausência de formação; assim, a incultura prevalece como oposição à verdadeira cultura. Não se elimina a limitação do aprendizado, fazendo, inclusive, prevalecer a falsa verdade, pois essa se constitui enquanto produto de uma falsa consciência.

Todavia, a Semicultura invoca o método mais eficaz para cada situação. Por exemplo: ela consegue arrancar uma resposta plausível que a leve a propor justificativas até mesmo para aquelas situações mais absurdas. É uma espécie de presságio contemporizador de sua própria

essência, no qual se permite a disseminação da catástrofe, seja política, social ou mesmo religiosa.

Destarte, a indústria cultural invadiu a consciência dos indivíduos, fazendo desabrochar o que Adorno vai chamar de “círculo de manipulação e necessidades retroativas” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 114). Para ele, esse efeito faz duplicar na consciência humana aquilo que já existe. Essa duplicação é o fator determinante para o processo de formação da consciência que se reproduz a partir da ordem estabelecida. Por esse mesmo motivo, Adorno (1992) aponta que a ideologia do agora é a própria sociedade, uma vez que a sociedade é aquela que determina o conceito de cópia que se faz efetivo no dia a dia. Por assim dizer, a sociedade seria o todo. Este, estando corrompido, determina que a própria sociedade seria a representação da não verdade, dado que, para Adorno, o todo, por estar a serviço da ordem vigente, também seria falso.

A Semicultura preza pela limitação da consciência ao construir barreiras entre o homem e o despertar de sua consciência crítica. Ao limitar o conhecimento, também se limita a consciência do homem, pois ele passa a corresponder aos estímulos que recebe. No entanto, essa limitação não é feita de forma abrupta, mas sim oferecendo meios/mecanismos que aprisionam o indivíduo em seus mundos artificiais. A tecnologia caiu como uma luva para as intenções da indústria cultural, mas o principal fator continua sendo o economicismo.

A Semicultura finca suas garras no calcanhar da sociedade, que não tem forças para soltar-se e seguir adiante. A metáfora serve apenas para exemplificar o aprisionamento do homem contemporâneo diante da semiformação que recebe. Inúmeras táticas são disseminadas entre os indivíduos, das quais destacamos algumas abaixo. Cada uma dessas estratégias tem, por objetivo único, tornar o homem mais dependente dos dispositivos que exterminam e reproduzem os modos operantes da dominação.

Inicialmente, destacamos o ensino técnico. Não o modelo de ensino técnico utilizado pelo Institutos Federais, que é um modelo diferente daquele adotado pelo Novo Ensino Médio. O modelo adotado pelos Institutos Federais, é parte de uma política pensada, trabalhada de forma contínua e que vem colhendo frutos. Nessa direção, o professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Dante Henrique Moura, em seu trabalho *Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?* (2013) discute que o modelo de ensino técnico profissionalizante empregado pelos Institutos Federais tem demonstrado resultados positivos. Estes, além de fornecer uma base sólida de educação geral, não negligencia a formação em todas as áreas do conhecimento, incluindo as humanidades. Já o segundo, para este autor, constitui-se de uma política implantada às pressas,

como parte de um projeto de dominação educacional, de manter as classes estagnadas, aliás, como sempre estiveram. O que, aliás, elimina ou diminui a carga horária das disciplinas da formação geral básica, especialmente Filosofia e Sociologia, substituindo-as por cursos técnicos de curta duração e outras adições consideradas menos relevantes. que é um exemplo de estratégia de dominação.

Em um país com altos índices de desemprego como o nosso, formar uma grande leva de trabalhadores é uma das possíveis formas de manter viva a disputa entre os homens. Certamente, não é uma ação inocente, pois, ao formar técnicos, o Estado deixa de formar seres capazes de questionar a própria consciência e, por conseguinte, a ordem vigente. Com um alto índice de mão de obra formada, as disputas por um lugar no mercado de trabalho são acirradas ao extremo. Aumenta-se a fome, a miséria e o analfabetismo, pois uma família que recebeu essa educação voltada unicamente para o mercado de trabalho não teve oportunidades suficientes para fazer desabrochar o pensamento crítico. Logo, essa técnica surte efeito ao apresentar um funcionamento tão perfeito que muitos indivíduos preferem essa educação economicista/profissionalizante a uma educação que aguça o pensamento crítico. Por assim dizer, tal prática favorece a política em voga, pois o Estado não teme pessoas vivendo na miséria: seu maior medo é formar indivíduos que, ao desenvolverem um pensamento crítico, possam voltar-se contra o Estado, causando seu declínio.

A televisão, no início do século XX, constituiu a forma de dominação que a internet exerce nos dias atuais. Essa última, tem ocupado um espaço importante na vida das pessoas. É comum encontrar sujeitos que ficam horas em frente à uma tela navegando em plataformas e assistindo a conteúdos variados. Se considerarmos que os programas televisivos e as mídias digitais, tais como Facebook, Instagram, Youtube, TikTok, entre outros, transmitem alguma formação pelo viés da comunicação em massa, possivelmente seríamos encaminhados para uma resposta de que esta estaria a serviço da formação cultural que a indústria determina. O problema cresce à medida que a idade de acesso a esse dispositivo diminui. Por exemplo: crianças com idade de dois, três, quatro ou cinco anos começam a passar mais tempo em frente a uma tela, sem a companhia de seus pais ou responsáveis. Ainda é cedo para sabermos os malefícios desses hábitos, mas certamente causará algum transtorno na formação de parte ou total dessas crianças.

Para Adorno (2022), a ideia de formação que se passa pela programação televisiva é a de que

[...] existe uma espécie de função formativa ou deformativa operada pela televisão como tal em relação à consciência das pessoas, conforme somos levados a supor a partir da enorme quantidade de espectadores e da enorme quantidade de tempo gasto vendo e ouvindo televisão. (Adorno, 2022, p. 82).

A fala de Adorno não aponta para os efeitos que a televisão viria a provocar na vida das pessoas que fazem uso contínuo dela, tampouco estabelece quais seriam esses efeitos. No entanto, uma questão fica bem clara: a televisão contribui para a divulgação/disseminação de ideologias, que possivelmente podem produzir reflexos na consciência do espectador.

As preocupações com os efeitos da televisão na vida das pessoas é tema de debates desde meados do século XX. Na época em que Adorno viveu seu exílio na América, desenvolveu a pesquisa “How to look at television?”. Essa pesquisa serve de parâmetro para demonstrar que, há 80 anos, já existia uma preocupação acerca dessa temática.

Nas palavras de Adorno (2022), a televisão, por si só, seria uma ideologia. No entanto, cabe ressaltar que, da mesma forma que a tevê constitui um elemento de alienação, pode também ser uma fonte educativa, com programas como filmes, novelas, séries, minisséries, documentários, etc. Os exemplos de programas citados, obviamente, somam-se a outros que não aparecem na lista, mas podem apresentar elementos culturais, fomentando o conhecimento da cultura, dos conflitos sociais, de temas-chaves como o aborto, sexualidade, diferentes formas de racismo, etc., no intuito de conscientizar o telespectador sobre as diferenças que existem na formação humana.

Por outro lado, o que Adorno tenta pôr em evidência é que essa ferramenta contribui para a semiformação dos sujeitos, pois este entendia que:

[...] existe ainda um caráter ideológico-formal da televisão, ou seja, desenvolve-se uma espécie de vício televisivo em que por fim a televisão, como também outros veículos de comunicação de massa, converte-se pela sua simples existência no único conteúdo da consciência, desviando as pessoas por meio da fartura de sua oferta daquilo que deveria se constituir propriamente como seu objeto e sua prioridade. (Adorno, 2022, p. 87).

Tomemos emprestado os efeitos da televisão destacados por Adorno e os juntemos a outras ferramentas midiáticas, tais como o videogame, o computador e o celular. São utensílios que revolucionaram a comunicação humana, seja de forma positiva, seja de forma negativa. Ao mesmo tempo que permitem a comunicação em tempo real com pessoas de lugares distintos do globo terrestre, aproximando esses sujeitos, podem também retirar a comunicação face a face. Os abraços virtuais tornaram-se rotineiros, mas são frios de calor e de emoções, parecem um abraço falso. Esse mesmo abraço que se estende entre as telas de aparelhos que se conectam

uns aos outros em velocidades assustadoras tem sua falta sentida nos lares, nas relações entre amigos etc., pois o contato humano cede seu lugar ao muro que a tecnologia constrói no dia a dia.

Uma reportagem recente da rede de televisão inglesa BBC coloca em evidência a dependência que essas ferramentas tecnológicas estão criando nos indivíduos. O título *Como o uso excessivo de celular impacta o cérebro da criança* dá uma breve introdução ao tema da matéria. A notícia dá conta de que um menino de 13 anos da Paraíba confessou ter matado a mãe e o irmão e, também, ferido o pai. O fato teria ocorrido após o menino ter o uso do celular suspenso e, em posse de uma arma de fogo, teria efetivado o massacre familiar.

Os desdobramentos dessa tragédia reacenderam os debates em torno dessa temática. A mesma reportagem relata que, embora seja um episódio de violência isolado, especialistas brasileiros, como o médico Drauzio Varella, dão conta de que o número de queixas quanto ao uso excessivo de aparelhos eletrônicos tem aumentado consideravelmente. Para o médico<sup>14</sup>, “Essas crianças e adolescentes vão perder em habilidades, em capacidades, em relacionamento, em autoconhecimento. Ele acha que está num grupo de milhares de amigos pertencentes, mas aquilo é uma ilusão”.

Outro fator que a notícia coloca em xeque é que, a partir de dados de pesquisas realizadas com famílias brasileiras, o uso excessivo de dispositivos tecnológicos reduziu a capacidade de comunicação e de resolução de problemas e de sociabilidade em crianças de até cinco anos de idade.

A reportagem aqui citada é um exemplo entre tantos outros que corriqueiramente ocorrem no meio social. Chacinas baseadas em jogos mostram que os dispositivos eletrônicos exercem alguma autoridade no tocante à formação humana atual. Salientamos mais uma vez que são casos isolados, que transcendem a realidade. No entanto, de alguma forma, esses sujeitos que passam horas em frente à tela de algum desses dispositivos tecnológicos estão sujeitos a apresentar comportamentos diferentes de alguém que seja educado a partir da interação física com o outro, sem a interação contínua com esses dispositivos. Não queremos aqui dizer que antes não houvesse esse tipo de ser que foge às convenções sociais, partindo para a anulação das regras ou leis que o faz viver em sociedade, mas sim que essa prática recorrente contribui para o surgimento de um sujeito menos afetivo.

Cabe ressaltar que alguns elementos utilizados como mecanismos de domínio pela indústria cultural já existiam antes dela. O que a indústria faz é se apropriar de novas

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/12/10/uso-prolongado-de-telas-por-criancas-e-adolescentes-preocupa-especialistas-veja-consequencias.ghtml>. Acesso em: 07 de abril de 2024.

ferramentas que vão surgindo, para assim, corresponder aos moldes dos tempos atuais. Para Adorno e Horkheimer (1985),

[...] A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitiço das mercadorias. Quanto mais total ela se tornou, quanto mais impiedosamente forçou os *outsiders* seja a declarar falência seja a entrar para o sindicato, mais fina e mais elevada ela se tornou [...] (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 111).

A cultura de massas se faz oportuna, transforma o território da verdade e da não verdade em algo somente seu. Assim, “sua vitória é dupla: a verdade, que ela extingue lá fora, dentro ela pode reproduzir a seu bel-prazer como mentira” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 111). A arte de manipular o indivíduo parece até certo ponto leve, diante de uma massa que alimenta suas ilusões enquanto a indústria cultural se diverte lhes apontando direcionamentos.

## 2.2 Experiência danificada: a explosão do eu e morte da subjetividade

Na *Dialética do Esclarecimento* (1985), Adorno e Horkheimer falam sobre a explosão do eu. Segundo os autores, essa expressão refere-se à fragmentação e pulverização da identidade individual. Em face dos pensamentos de Adorno e Horkheimer (1985), o mesmo Adorno, em *Minima Moralia* (1992), salienta que na sociedade contemporânea os indivíduos são confrontados com uma multiplicidade de estímulos, informações e demandas que tendem a diluir a unidade e a coerência do eu. Para ele, o homem já não consegue pensar sozinho, uma vez que suas ideias são sempre direcionamentos de um agente externo, sendo este o aparelho social dominante. Assim, a pressão por se adaptar a padrões impostos pela cultura de massa, pela indústria do entretenimento e pela lógica do consumo contribui para essa fragmentação que deságua na danificação da experiência.

Nas *Minima Moralia* (1992), Adorno disserta que este problema se coloca em evidência a partir do momento em que a indústria cultural, fomentada por seu aparelho de distribuição de produtos culturais pensados como ferramentas de dominação, altera os costumes, os desejos, as culturas dos grupos. Assim, a força da indústria cultural substitui o domínio do privado, deixando, à mostra, apenas retalhos de uma existência que outrora se fez dona de seus próprios passos. A pós existência, por assim dizer, apresenta uma operosidade mercantil que, por si só

“[...] nos dá a ideia de que logo não haverá mais nenhuma relação que não tenha em vista fazer relações, nenhum impulso que não esteja submetido a uma censura prévia, embora a pessoa não se desvie do que convém.” (Adorno, 1992, p. 17).

A explanação de Adorno acerca dessa temática coloca em evidência que as relações estabelecidas pelo viés da Semicultura se apresentam seriamente comprometidas, pois levam a um esfacelamento da consciência, causando um desequilíbrio na mesma e danificando a formação dos sujeitos. Por sua vez, essa experiência danificada faz relação direta à morte da subjetividade, pois, em um mundo marcado pela racionalidade instrumental e pela busca incessante por eficiência e produtividade, a subjetividade é negligenciada ou mesmo negada. Segundo Adorno (1992, p. 113)

[...] o indivíduo, como todos os processos individuais de produção, se atrasou em relação ao estágio de desenvolvimento da técnica e ficou historicamente antiquado, é a ele que a verdade, mais uma vez, incumbe enquanto condenado e por oposição ao vencedor. E na medida em que o progresso desenfreado não se mostra de imediato idêntico ao progresso da humanidade, seu contrário é capaz de oferecer um refúgio ao progresso. O lápis e a borracha são mais úteis ao pensamento do que uma equipe de assistentes. Aqueles que não se entregam inteiramente ao individualismo da produção espiritual, nem se consagram de corpo e alma ao coletivismo da substitutibilidade igualitária que despreza o homem, não têm outro caminho senão a colaboração livre e solidária sob comum responsabilidade.

A análise que Adorno concentra em prol dessa temática é no sentido de que, com os avanços sucessivos do capitalismo - dos quais a humanidade, em parte, foi descartada dos seus benefícios -, alavanca o pensamento de que as pessoas são reduzidas a meros objetos de troca, em um sistema que os instrumentaliza em prol de interesses econômicos e políticos. Por assim dizer, a alienação e a massificação são os elementos centrais desse contexto de desumana indiferença que se apresenta frente aos indivíduos que, desprovidos de autonomia, tornam-se passivos perante tais imposições sociais. Assim, a cultura de massa requer a padronização, bem como a homogeneização das experiências, limitando as possibilidades de expressão e criatividade.

As concentrações críticas de Adorno em relação à crise da subjetividade da sociedade em que vivemos indicam a lógica de uma experiência distorcida e reduzida a espetáculos vazios, nos quais a superficialidade e o entretenimento efêmero prevalecem, pois, as emoções são manipuladas e instrumentalizadas pela indústria cultural, em detrimento de uma vivência autêntica e genuína. Da mesma maneira em que a experiência danificada também abrange a perda de conexão com a natureza e com os outros seres humanos, a urbanização acelerada, a

virtualização das relações e a mercantilização dos espaços públicos contribuem para o enfraquecimento dos laços sociais e para a fragmentação do tecido social.

Prosseguindo, até mesmo o conceito de felicidade é forjado na identificação entre consciência e bens culturais disponíveis. Ser feliz implica o acesso a um estado de espírito que os sujeitos buscam alcançar como apanágio das suas realizações mais profundas. Este ideal, contudo, afasta-se cada vez mais dos indivíduos, na medida em que:

[...] para poder participar dela (*felicidade*), o neurótico tornado “feliz” tem que abrir mão até daquele último restinho de razão que o recalçamento e a regressão ainda lhe concediam e, para agradar a seu psicanalista, tem que se tomar de um entusiasmo indiscriminado por filmes de baixo nível, comer mal, porém a preços exorbitantes, no *French Restaurant*, tomar *drinks* “sérios” e ter relações sexuais higiênicas segundo o que se entende por *sex*. [...] Somente no fastio dos prazeres falsos, na aversão à oferta, no pressentimento da insuficiência da felicidade, mesmo onde haja alguma – para não falar da circunstância em que ela é adquirida às custas da renúncia à resistência supostamente doentia a qualquer sucedâneo positivo de felicidade –, só aí haveria de germinar o pensamento do que poderia ser a nossa experiência. (Adorno, 1992, p. 53, grifo nosso).

Ou seja, o conceito de felicidade que se extrai desse processo é o mesmo que não consegue enxergar o sofrimento que está do outro lado dessa ação, pois a indústria cultural utiliza seu mecanismo de dominação para impedir que as pessoas tenham acesso às informações acerca do sofrimento que esta produz. Esse processo se faz, de certo modo, anestésico, já que, segundo Adorno, “há uma linha reta que conduz do evangelho da alegria da vida à construção de matadouros humanos tão longínquos na Polônia que qualquer *Volksgenossen* pode se persuadir de que não ouve os gritos de dor das vítimas” (Adorno, 1992, p. 53-54).

Cabe aqui lembrar que:

O princípio da dominação humana, que se desenvolveu ao absoluto, voltou com isso sua ponta contra o próprio homem enquanto objeto absoluto, e a psicologia contribuiu para tornar mais afiada aquela ponta. O Eu, ideia diretriz e objeto *a priori* da psicologia, tornou-se invariavelmente aos olhos dela ao mesmo tempo um não-existente. [...] o sujeito não é sujeito, e sim, de fato, objeto desta última, a psicologia pode fornecer-lhe armas para torná-lo mais do que nunca objeto e mantê-lo subordinado. Mas essa demolição torna ao mesmo tempo os resíduos ainda controláveis. (Adorno, 1992, p. 54).

A psicologia tenta mostrar ao homem que ele é o objeto maior da política de dominação estabelecida pelo caráter da Semicultura. Suas forças, contudo, são ínfimas para gerar nos homens, consciência de si, pois luta contra gigantes muito mais sagazes, como o cinema, a televisão, as mídias em geral, por meio dos quais circulam sistemas de sedução e dominação

eficazes. Estes instrumentos, sendo produtos dos desenvolvimentos técnicos e tecnológicos, dão a noção de quanto a busca pela dominação da natureza voltou-se contra a humanidade, pois todo o arsenal que visava facilitar o manejo do homem frente aos mistérios do universo volta-se contra o próprio homem, amputando suas faculdades e permitindo à Semicultura instaurar-se com os propósitos de dominação, que, para Adorno, se apresentam de duas formas: 1) “obter a domesticação do animal homem mediante sua adaptação interpares” e 2) “resguardar o que lhe vinha da natureza, que se submete à pressão da decrépita ordem criada pelo homem” (2005, p. 3).

Embora com avanços significativos no tocante à dominação da natureza pela humanidade, desperta-se outro lado dessa moeda que já é do conhecimento de parte dos homens: o meio ambiente sempre se rebelará contra seu agressor e, assim, a humanidade vai descobrindo que os direcionamentos de sua falsa conquista, a natureza, seguindo as determinações da criação, seja divina ou do Big Bang, em que prevalecem a natureza física e geográfica com suas leis que pretendem imutáveis, a natureza humana, ao não ser lapidada da forma devida, retorna ao seu estado puro e também volta-se contra o homem.

Uma vez que os sujeitos modernos se veem aprisionados por algo que eles próprios alimentam em seu dia a dia, não lhes resta nada além do fato de sujeitarem-se à violência que a formação danificada lhes proporciona. Vejamos: a Semicultura alimenta no homem moderno sua sede pela dominância das coisas. Esse processo, contudo, traz algumas consequências, sendo uma delas transformar o sujeito em um amontoado de destroços indefesos, pois ele já não consegue modificar a realidade à sua volta e, assim, “silenciosamente, veio crescendo toda uma humanidade ávida pela absurda persistência da dominação (Adorno, 1992, p. 107).

Logo, a visão que fica é de uma infelicidade instaurada. No entanto, o que ocorre de fato é que essa tal desgraça não é uma eliminação daquilo que já existiu, tampouco está instaurada, mas sim algo que, como os demais retrocessos da humanidade, historicamente se arrasta em direção ao abismo que a própria humanidade se colocou, a regressão do eu.

Em meio às incertezas que a experiência danificada proporciona à humanidade, o sujeito perdura, mas com bases já padronizadas, seguindo a delimitação que a cultura de massas lhe impôs. Simultaneamente,

[...] os que vendem sua individualidade tornam-se seus próprios juízes, adotando voluntariamente o veredito que a sociedade pronuncia a seu respeito. Assim legitimam também objetivamente a injustiça que a eles é feita. Tendo regredido no plano privado, eles ganham da regressão geral, e mesmo sua resistência barulhenta é no mais das vezes apenas um meio astucioso de adaptação por fraqueza. (Adorno, 1992, p. 119).

Ao vender sua face íntima, o homem já não consegue fugir daquilo que se faz presente diante de seus olhos, pois esboçar qualquer reação em sentido contrário à adaptação seria um ato isolado, visto que a esfera social caminha a passos largos, passeando de mãos dadas com a indústria cultural.

Seguindo, nos dias atuais, vivemos a cultura do consumo, em que as pessoas desejam adquirir os produtos da moda, como, por exemplo, um celular de última geração, o carro do ano, um tênis de marca, etc.), ainda que paguem um valor, muitas vezes, fora de seu teto orçamentário. Isso ocorre porque:

A sociedade de massas não produziu primeiro as quinquilharias para os consumidores, ela produziu os próprios consumidores. Estes estavam famintos de cinema, rádio e magazines; o que quer que neles não tenha sido satisfeito pela ordem, que toma deles sem dar em troca o que promete, ardeu apenas para que o carcereiro deles se lembre e finalmente lhes ofereça com a mão esquerda pedras para a fome, à qual a mão direita recusa o pão. Há um quarto de século que os cidadãos mais velhos e que ainda deveriam se lembrar do outro ocorrem inermes à indústria cultural, que calcula com tanta exatidão os corações carentes. Eles não têm nenhuma razão de se indignar com essa juventude pervertida até a medula pelo fascismo. Os desprovidos de subjetividade, os culturalmente deserdados, são genuínos herdeiros da cultura. (Adorno, 1992, p. 130).

A análise que Adorno faz sobre a produção dos consumidores da cultura de massas é no sentido de demonstrar a cruzeza pela qual a semiformação/Semicultura cria necessidades que são da própria indústria cultural. Contudo, pelos mecanismos que esta utiliza para formar os indivíduos, enxerga-se essas necessidades como sendo do sujeito que as toma como verdade absoluta, pois as pessoas passam a viver em prol de tais exigências, concretizando a adaptação que Adorno discute no trecho anterior.

Ainda sobre essa temática, em *Minima Moralia* (1992), Adorno discute o estabelecimento da indústria cultural no mundo moderno e o trabalho voltado para exemplificar essa tese em estudos rememorados para tal objeto. Segundo ele, esse trabalho, primeiramente, teria por definição:

[...] a exploração planificada da ruptura primordial entre os homens e sua cultura. O duplo caráter do progresso, que sempre desenvolveu o potencial de liberdade ao mesmo tempo que a realidade afetiva da opressão, acarretou uma situação em que os povos ficavam cada vez mais integrados no processo de dominação da natureza e na organização social, tronando-se, porém, em virtude da coerção infligida pela cultura, ao mesmo tempo incapazes de

compreender em que sentido a cultura ia além dessa integração. (Adorno, 1992, p. 129).

A oposição entre progresso e liberdade discutida por Adorno constitui-se enquanto reflexão crítica que passa a questionar se a experiência danificada construída pela Semicultura se faz necessária. A ponderação do autor visa levar a sociedade a questionar e resistir às estruturas que promovem essa fragmentação e a alienação dos sujeitos e, assim, buscar um resgate da subjetividade e da autenticidade há tempos perdidas.

Por assim dizer, a luta por uma sociedade mais justa e humana exige sacrifícios, mas pode restaurar a valorização da experiência individual e coletiva, a reconstrução de laços sociais significativos e a reafirmação da importância da subjetividade em um mundo cada vez mais impessoal e desumanizado.

Adorno (1992, p. 131) analisa como Huxley e Jaspers descrevem a sociedade:

[...] a convivência imediata dos homens de cuja atitude o todo é consequência, e não como um sistema, [...] que não só os encerra e deforma, mas penetra até aquela humanidade que um dia os determinava como indivíduos. Através dessa interpretação exclusivamente humana da situação como ela é, a crua realidade material, que conecta o ser humano à desumanidade, se vê aceita mesmo quando é denunciada. [...] a situação na qual o indivíduo desaparece é ao mesmo tempo de um individualismo desenfreado, onde “tudo é possível”: “sobretudo, celebram-se agora indivíduos, em vez de deuses” (ibid., p. 516). O fato de que a liberação do indivíduo pela *polis* esvaziada não reforça a resistência, mas a elimina e à própria individualidade – processo este que atinge sua plenitude em estados ditatoriais –, é o modelo de uma das contradições centrais que desde o século XIX impeliram em direção ao fascismo.

A experiência narrada pelo autor constitui um marco triste e sombrio da história e do presente da humanidade, pois retrata períodos de governos nacionalistas autoritários que, por vezes, diferentemente das ditaduras militares impostas pela força da violência física e intelectual, constroem, pelo voto ou não, mas com apoio popular, gestões desfavoráveis ao progresso humano. Alguns exemplos sobre essa temática foram vivenciados pelo próprio Adorno: o nazismo de Adolf Hitler; o socialismo stalinista; o fascismo de Benito Mussolini. No entanto, essa prática se renova e torna-se recorrente em pleno século XXI. Não iremos citar os movimentos ditatoriais ocorridos no século XX, uma vez que estes chegaram ao poder pelo uso da força, sendo nosso objetivo retratar os movimentos que ascenderam com apoio popular. Dentre esses, destacamos o Chavismo, na Venezuela, e o Bolsonarismo, no Brasil, que, mesmo não instaurando uma ditadura, fizeram inúmeros esforços nesse sentido, pior, com grande aceitação popular. Outro movimento que merece destaque nesse sentido foi a ascensão de

Donald Trump à Casa Branca, mas podemos citar ainda o caso de Benjamin Netanyahu em Israel, Recep Tayyip Erdogan na Turquia e tantos outros casos que são de conhecimento geral.

Para Adorno, essas formas autoritárias de governo perpetuam-se no terror semeado pelas ditaduras regressivas. Para ele, a modernidade e a imagem dialética do progresso culminam numa explosão em que:

A indignação com as crueldades cometidas torna-se tão menor quanto menos semelhantes aos leitores normais são as vítimas, quanto mais morenas, ‘mais sujas’, mais próximos do *dago* elas são. Isso depõe tanto da atrocidade, quanto do espectador. Talvez o esquematismo social da percepção no caso dos anti-semitas seja de tal feitio que eles não vejam de todo os judeus como humanos. A asserção tão frequente de que selvagens, negros, japoneses parecem animais, por exemplo macacos, já contém a chave para o *pogrom*. A possibilidade deste último é decidida no instante em que o olhar de um animal mortalmente ferido encontra o homem. A obstinação com que se desvia de tal olhar – ‘é apenas um animal’ – repete-se sem cessar nas crueldades cometidas contra seres humanos, nas quais os autores precisam confirmar sempre de novo para si mesmos aquele ‘apenas um animal’, porque mesmo diante de um animal nunca puderam acreditar nisso por completo. Na sociedade repressiva, o próprio conceito de homem é uma paródia da imagem e semelhança. Faz parte do mecanismo de ‘projeção prática’, que os detentores do poder só percebam como humano o que é sua própria imagem refletida, ao invés de refletirem o humano como o que é diferente. (Adorno, 1992, p. 91).

Os apontamentos de Adorno, nesse sentido, constituem uma singularidade com a realidade atual. Passado mais de meio século após a escrita do autor, vivenciamos situações semelhantes. Refiro-me à falta de humanidade, demonstrada no impiedoso processo de divisão dos seres humanos, seja por renda, cor, raça, etnia, sexualidade etc. A situação ganha ares mais preocupantes quando líderes políticos fazem vir à tona a ideia de um “nós contra eles”.

Dessa forma, as políticas educacionais e de conscientização, não à toa, apresentaram pouco êxito no combate à disseminação da violência física e/ou simbólica, pois dividir a sociedade em partes está no cerne do projeto político atual. É na divisão que os regimes autoritários se reproduzem, pois é mais fácil governar para uma minoria simpatizante que prezar pelo todo enquanto sociedade que expõe suas marcas e feridas.

### CAPÍTULO III

#### CONSIDERAÇÕES SOBRE O DECLÍNIO DA FORMAÇÃO HUMANA NA OBRA MINIMA MORALIA DE THEODOR W. ADORNO E AS POLÍTICAS DE ESTADO NEOLIBERAIS: O CASO DO ESCOLA SEM PARTIDO

*As dores humanas se agudizam quando são  
perenes, quando os antídotos se mostram  
fracos e não operam a cura.*  
Rocha (2020, p. 10).

Nos capítulos anteriores, abordamos a sintomática da semiformação e/ou Semicultura tratada por Theodor Adorno como a estrutura do pensar e do agir sobre o mundo administrado. Na obra *Minima Moralia*, o autor frankfurtiano reúne um conjunto de 153 aforismos escritos entre 1944 e 1947, em que trata de questões da vida imediata, no capitalismo avançado. Boa parte de seu esforço, nessa obra, atende ao registro de uma contra euforia em relação à ciência e seus fins, bem como seus artifícios, que sobre todos os aspectos encontram-se comprometidos com a esfera econômica, e não com uma ciência autonomamente posta. Para Adorno, a ciência acomodou-se aos interesses de classe, fazendo com que as teorias e seus desdobramentos corroborem com os projetos de poder da classe dominante. Contudo, para o autor, aí reside o principal problema da ciência atual, pois os pensamentos que não desafiam a si próprios, mesmo quando organizados em método, não passam de “triste ciência”.

A potencialidade da razão foi celebrada, pelo menos desde o Iluminismo, como a principal dimensão da existência humana, sendo a ferramenta primordial para a construção do mundo humano, enquanto uso consciente da análise crítica. Contudo, a modernidade tardia instaura práticas anticivilizatórias, na medida em que põe em jogo uma razão instrumental, que descaracteriza o humano, produzindo o inumano e a insensatez, a objetificação do homem e a normalização da barbárie.

Neste capítulo, apontaremos as evidências mostradas por Theodor Adorno em sua *Minima Moralia* (1992) sobre o declínio da formação humana. Parte dos aforismos em que o autor aborda a questão ilustra a discussão que pretendemos fazer nas páginas abaixo.

#### **3.1. Tópicos da *Minima Moralia* em relação à crise da formação e ensino**

Uma primeira questão tratada no texto, publicado inicialmente em alemão no ano de 1947, diz respeito ao trabalho intelectual, que, nos dias de hoje, segundo Adorno, combina apenas com a decepção. As profissões ditas intelectuais perfilam-se aos interesses dos poderes estabelecidos, de maneira que quem se ocupa dessas atividades é visto com desconfiança legítima sobre a finalidade de sua ocupação. Mesmo as ocupações voltadas para “as coisas espirituais” há tempos se tornaram “uma atividade prática, ou seja, mais um negócio marcado pela rígida divisão do trabalho” (Adorno, 1992, p. 15). Isso põe em dúvida a credibilidade do intelectual, que, ao se aliar aos interesses dominantes, passou a operar como peça da engrenagem, não merecendo, por isso, a respeitabilidade que se costumava delegar aos construtores do saber. Chamar esses indivíduos de intelectuais, segundo Adorno, é reforçar a mentira sobre o seu fazer.

Nesse sentido, Fabien (2016, p. 15) discute a relevância do papel do intelectual nos dias de hoje. Para ele,

[...] o fato de hoje estarmos assistindo a certo ‘populismo intelectualista’ e a uma espetacularização televisiva do saber por meio das intervenções que se fazem nos meios mediáticos pelas mesmas figuras, pelos mesmos atores, pelos mesmos intervenientes, cujas argumentações precisam ser tomadas com cuidado, questionadas e expurgadas, estamos em direito de nos perguntar, ao retomar Pierre Bourdieu, o que eles estão fazendo lá, se eles estão lá para dizer alguma coisa, senão por que estão lá, se o que eles vão dizer tem um valor científico. Ou seja, será que todos aqueles que estão falando na TV são intelectuais? Deveríamos aceitá-los como tais?

A descredibilidade acerca do trabalho intelectual, identificada por Adorno, é retomada no apontamento de Fabien (2016), quando este nos provoca a refletir sobre a construção intelectual moderna. A sustentação da prática intelectual passa diretamente pelo crivo da desconfiança que se estabelece à medida que as massas se movem em torno de interesses particulares e os ditos intelectuais passam a pertencer a grupos semelhantes, defendendo ou refutando teorias.

Um exemplo dessa massificação do trabalho intelectual, o qual podemos evidenciar nesse texto, foi o negacionismo vivido durante o auge da pandemia de covid-19 no Brasil, com médicos, cientistas, professores, pesquisadores, instituições, entre outros, rendidos à dominância do pensamento político do então presidente Jair Bolsonaro. Tal ideologia fez gerar incertezas em torno de tratamentos oferecidos, vacinas e adesão ao isolamento social. O negacionismo imposto nesse período não gerou apenas incertezas acerca de mecanismos disponibilizados, mas também matou pessoas, destruiu lares, quebrou relações e laços afetivos, acamou pessoas em hospitais, tornou o sofrimento de alguns mais dolorido, gerou revoltas,

espalhou *fake news*, estabeleceu o caos e comprometeu a resposta do país à pandemia, além de ameaçar a democracia e o direito de livre escolha de parte da população brasileira ao retardar ou impossibilitar o acesso de pessoas ao tratamento e às vacinas.

A abordagem adorniana sobre as contradições do trabalho intelectual ganha cores de uma autobiografia disfarçada, quando Adorno fala, por exemplo, do “intelectual na emigração”. A sua experiência de intelectual emigrado da Alemanha para os Estados Unidos permitiu-lhe descrever a situação do trabalho intelectual naquele país, o qual se apresentava com as cores dos monopólios triunfantes da cultura de massas. Adorno compreende que essas ações sequestram a dimensão privada da vida humana. Logo, a dificuldade em manter a individualidade frente ao todo homogêneo é real e dramática porque “os reflexos do poder” buscam, permanentemente, alcançar os intelectuais, para transformá-los em “lacaio, adutores e parasitas” (Adorno (1992, p. 69).

A honestidade intelectual perde força, principalmente em razão da sabotagem dos pensamentos, usurpados pelos métodos e técnicas de pesquisa, que não aceitam ser descontinuados. Para Adorno (1992, p. 69), o valor de um pensamento:

diminui objetivamente com o encurtamento dessa distância: quanto mais o pensamento se aproxima do *standard* estabelecido, mais ele perde sua função antitética, e é somente nela, na relação manifesta com seu contrário, não em sua existência isolada, que sua pretensão se encontra fundada.

Como visto, o trabalho intelectual está tocado pela maquinaria de tal maneira “que se deixa levar sem refletir” (Adorno, 1992, p. 74), sendo, por isso, necessárias precauções, tais como:

[...] verificar em cada texto, cada fragmento, cada parágrafo, se o tema central sobressai com nitidez [...] pois, faz parte da técnica de escrever ser capaz de renunciar até mesmo a pensamentos fecundos, se a construção o exigir. Sua plenitude e sua força beneficiam-se precisamente dos pensamentos reprimidos. Como à mesa, não se deve comer até os últimos bocados, nem beber até o fim. Do contrário, nós nos tornamos suspeitos de pobreza (Adorno, 1992, p. 74).

O trabalho intelectual deve ser inimigo de qualquer prisão. Dessa forma, a ordem existente não pode exigir dos intelectuais que sejam representados por outrem, mesmo diante da fungibilidade das narrativas e preceitos científicos. A questão da individualidade das posições epistemológicas dos cientistas, embora na era da liquidação dos sujeitos, precisa ser levada em conta, mesmo diante da submissão do indivíduo frente aos processos individuais de produção.

As fissuras na figura do intelectual acima discutidas fazem par com a abrangente queda da individualidade que perpassa toda sociedade. Trata-se de uma “espantosa pós-existência”, em que “o domínio do privado como um todo é devorado por uma enigmática operosidade que apresenta todos os traços da atividade comercial, sem que nela haja propriamente algo para comerciar” (Adorno, 1992, p. 17). Ou seja, o indivíduo foi capturado pela esfera econômica, sangrando todo sentido da aparente liberdade. Nesse sentido, diz Adorno, que “hoje parece arrogante, estranho e deslocado quem se entrega a algo privado sem que nele se possa notar uma orientação para algum fim” (Adorno, 1992, p. 17).

Uma segunda questão abordada por Adorno é a crise das profissões, tonificada, também, pelo adestramento de pessoas aos modos comportamentais desejáveis. Para Adorno (1992, p. 18), as “[...] pessoas amáveis, estimadas, que são amigas de todos, os justos, que desculpam humanitariamente qualquer infâmia e repelem inflexivelmente toda emoção não convencional como sentimental”, são as que fazem desse estado de liquidação das profissões a sua própria profissão. Sua missão é serem capazes de amar deslealmente e, assim, garantir seu espaço de atuação na cena da representação. Sem nada mais de individual, essas pessoas acenam à obediência como meio de ocupação de espaço.

Assim, retomando um conceito já apresentado anteriormente, despossuído da noção do outro, o indivíduo que melhor representa nossa época seria, segundo Adorno (1992, p. 28), o avarento, “para quem nada é muito caro quando se trata de si e tudo muito caro quando é para os outros”. Objetificadas, as pessoas não são mais capazes de determinar sua vida pela transparência, nem pela autonomia, pois estão simetricamente igualadas entre si, sem nenhum resquício de individualidade. A homogeneidade entre as pessoas é tal que ninguém deseja ser diferente, com medo de não ser compreendido. “Tudo é negócio” (Adorno, 1992, p. 35). Esta constatação, uma das mais severas da *Minima Moralia*, descortina o véu da sociedade, que se mostra, ela própria, ideologia, para validar a condição dos homens como meros objetos.

O problema dessa condição que repele o trabalho intelectual e explode os vínculos afetivos e seus efeitos positivos é que esta construção vem sendo feita ao longo da história e, portanto, se incrustando de maneira a sedimentar um modo de ser e de agir socialmente. A questão que se coloca é que, embora o tempo seja tido como irreversível e, portanto, caminhe em direção do que estar por vir, ainda assim é possível que o tempo retroaja para se relacionar com modos primordiais de explicação da realidade, como os mitos, que, mesmo vindo de longe, sempre permanecem presentes. Assim, algumas categorias comportamentais, de poder e de dominação, que tiveram lugar privilegiado em determinados tempos, atravessam o horizonte temporal e se mantêm de acordo com o seu conceito inicial. Como exemplo, podemos citar a

ideia de uma dominação excludente de determinados grupos, como os pretos, indígenas, pobres, pessoas com deficiência etc. Estes grupos, sempre relegados, com a ascensão da grande indústria, passam a ser atacados de forma mais global.

Os escritos de Adorno diagnosticam o século que vivemos como um tempo de profundas mudanças, que criou uma sociedade que se convencionou chamar de sociedade do domínio do conhecimento. Essa construção fez brotar um cenário de muitas transformações, no qual se muda praticamente toda a estrutura dos setores da vida humana. Nesse campo, um dos que alcançam maior destaque é o progresso tecnológico, que adquire importância incontestável. Porém, ao mesmo tempo que facilita os afazeres diários da vida humana, a tecnologia faz desabrochar novas problemáticas que contribuem de forma significativa para o adoecimento do contato, mudando a forma das relações entre as pessoas.

Essa revolução tecnológica trouxe mudanças significativas à esfera do trabalho. Dela resulta um conceito de “emprego” que se modifica, dando espaço a um novo conceito que se forma: o mundo do trabalho. À medida que a tecnologia avança, uma série de profissões vai perdendo espaço para as máquinas, que aceleram a produção e forçam os trabalhadores a recuarem, obrigando-os a novas reformulações formativas no sentido de aprimoramento ao manuseio dessas máquinas.

A adesão ao conceito de “mundo do trabalho” exige que o trabalhador esteja sempre disposto a se refazer, o que seria bom, não fosse a ameaça recorrente de demissão que o acompanha. Há sempre alguém mais bem capacitado emergindo no mercado. Há novas máquinas, prontas para excluir um número considerável de pessoas em nome da lucratividade.

Sobre esse conceito, Drucker (1997, p. 16) coloca que “os principais grupos sociais da sociedade do conhecimento serão os trabalhadores do conhecimento”, ou seja, pessoas com capacidade de determinar conhecimentos que servirão de base para o incremento tanto da produção quanto da inovação desejadas. A atualização que a demanda de mercado requer é algo complexo e, por vezes, até desumano, uma vez que, diante de jornadas exaustivas, resta pouquíssimo tempo para o trabalhador realizar tal aprimoramento. Diante das exigências do mercado e da ausência de tempo, resta ao trabalhador sacrificar a própria saúde na busca por satisfazer as necessidades mercadológicas que a profissão exige.

Contribui significativamente para esse quadro, o fato de as pessoas se verem cada vez mais individualizadas, sem o menor receio de ocupar a posição do outro. Não importa se um pai de família perdeu seu emprego, se a família do trabalhador será exposta à carência de necessidades básicas. A sustentação do Eu profissional/trabalhador está diretamente ligada à

derrocada do outro, que em algum momento fora/é visto como incapaz, cedendo espaço ao “novo”.

O “novo” é algo inconstante e imparável, pois a necessidade de adaptações aos desejos fabris/mercantis constrói uma rotina sem fim. O novo, constitui-se de apenas dois eixos “início - meio - início”. Por exemplo, um trabalhador inicia seu percurso no mercado aos 20 e poucos anos, pois aos 18 é muito jovem, aos 50 é muito velho, etc. O que colocamos em evidência é a validade, o tempo útil que é dado ao trabalhador. Em contrapartida, quando falamos desse ciclo sem fim, referimo-nos à disponibilidade de mão de obra a ser explorada, pois para cada vaga de emprego há sempre um número considerável de candidatos pleiteando-a.

Uma terceira sintomática abordada por Adorno é a crise das gerações, que começa dentro de casa e ganha os corredores, as ruas, os becos, os bares, a internet, enfim, os palcos em que a vida se faz e refaz o tempo inteiro. Essa crise, que promove o rompimento dos laços afetivos, resulta, segundo Adorno, no declínio da experiência. Na *Minima Moralia*, o autor descreve a forma como as pessoas se afastam e se excluem, evitando o contato que outrora se fez no seio de algumas sociedades.

Desse modo, o autor destaca que o relacionamento entre os familiares começa a ficar cheio de sombras, pois os jovens se veem adultos cada vez mais cedo, o que acaba por gerar um certo autoritarismo que deveria acompanhar a idade adulta. Ou seja, os jovens dos dias atuais têm singularidades que os distancia do comportamento e ações apresentadas por gerações anteriores. Parte dessa mudança decorre de processos que a sociedade estabeleceu/estabelece, sejam elas políticas, culturais ou econômicas, entre outras. Tais mudanças ocorrem geralmente pela industrialização das sociedades, que deságua na mudança das relações que se sucedem entre os jovens e a família, que, assim, passam a desfrutar de menos tempo em companhia uns dos outros.

Além disso, a ausência passa a ser sentida mesmo na presença, pois há momentos em que os corpos ocupam um mesmo espaço, ao passo que os afetos se guiam por outros caminhos. Por exemplo, conversar com o/a filho/a por telefone, estando na mesma casa, em quartos diferentes, passou a ser uma das muitas realidades atuais.

Podemos apontar como uma das possíveis conduções para essa sintomática a formatação familiar atual, que passou por uma série de transformações e mudou significativamente as formas de relacionamento. Esse fato aumentou o desafio que a família sempre enfrentou para manter suas bases sólidas e que edificaram a instituição familiar que perdura há milênios.

No entanto, a vida contemporânea aumentou consideravelmente a quantidade de obstáculos que a família enfrenta para manter suas relações afetivas, pois coisas não

esporádicas, tais como as longas jornadas de trabalho e o aparato tecnológico, invadiram os lares, fazendo a aproximação entre as pessoas menos perceptível nos campos visto e sentido.

A quarta sintomática aqui apresentada a partir das discussões propostas por Adorno é a pós-verdade. Para ele:

O poder magnético que as ideologias exercem sobre os homens, mesmo quando já dão sinais de estarem rotas, explica-se, para além da psicologia, pela decadência objetivamente determinada da evidência lógica enquanto tal. As coisas chegaram ao ponto em que a mentira soa como verdade e a verdade como mentira. Cada declaração, cada notícia, cada pensamento está performado pelos centros da indústria cultural. O que não traz a marca familiar dessa pré- formação está, de antemão, destituído de credibilidade [...] Só a mentira absoluta possui ainda liberdade de dizer de uma maneira qualquer a verdade (Adorno, 1992, p. 94).

Por mais absurda que seja uma narrativa criada, aqueles que se apoiam ideologicamente na mentira tendem a apresentar dificuldades em se separar dela. Além do mais, colaboram para sua difusão no meio social, pois, através de mecanismos de fácil acesso, como e-mail, WhatsApp, propagandas de meios como Google e YouTube, entre outros, disseminam informações que, embora falsas, tornam-se verdadeiras pelos descaminhos que proporcionam. “Descaminhos” aqui é utilizado como forma de redesenhar a mentira em sua profundidade no ato de convencer os sujeitos quanto a sua veracidade, não dando espaço para questionamentos, pois se constitui enquanto verdade de uma ideologia compartilhada.

As eleições presidenciais no Brasil em 2018 e 2022 são um marco na construção e disseminação das *fake news*. Não que isso não ocorra constantemente, mas os dois períodos destacaram acentuadamente a forma como a mentira reforçada ganha proporções absurdas, levando ao descontrole da relação entre verdade e mentira. Por aqui, parte considerável da população adotou uma ou outra ideologia política como sendo seu bastião. Essas pessoas, apoiando-se em edificações ideológicas, consomem como verdade o que é de seu agrado, manifestando desinteresse pelo que se apresenta contraditório ao posicionamento adotado. Dessa forma, a mentira se constitui enquanto manifestação contrária a determinado posicionamento ideológico, pois qualquer pensamento que se apresente diferente do adotado por determinado grupo soa como falso. Tal posicionamento gera indagações, pois, dado o fato de que os grupos se distanciam de forma semelhante por ver o outro como falso, acentua que a mentira está presente de ambos os lados, assim como modo a verdade.

Como discernir a mentira da verdade? A resposta para tal pergunta gera uma complexidade desmedida, pois, segundo Adorno (1992, p. 58), “entre o prazer com o vazio e a

mentira na plenitude, a situação espiritual dominante não admite alternativa”. O que o autor coloca em xeque é o modo como as ideologias dificultam a visão do verdadeiro e do falso, pois o ser humano está tão imbricado em posicionamentos políticos-ideológicos que já não consegue medir a clareza de determinada informação. Uma vez que “a mentira [...] tornou-se hoje uma técnica do descaramento, com cujo auxílio cada indivíduo espalha em seu redor a frieza, sob cuja proteção ele pode prosperar” (Adorno, 1992, p. 24). Ou seja, a mentira contribui para a ascensão social que o indivíduo projeta enquanto estabelece seu uso.

Uma quinta sintomática que destacamos a partir da *Minima Moralia*, a qual Adorno aborda de forma veemente, é a barbárie humana. A barbárie que o autor coloca em discussão teve como seu maior exemplo os campos de concentração para judeus no período nazista. No entanto, outros tipos de barbárie são evidenciados pelo autor e observados no dia a dia das pessoas sem muito esforço, pois, à medida que a humanidade se deseduca, ações desumanas tendem a uma maior propagação. Isso não é de agora, tampouco restrito à época que Adorno viveu, mas uma prática recorrente na história humana que se expandiu, mudou suas formas, reformulou outras, enfim, a barbárie humana destrói aquilo que entendemos, ou ao menos dicionarizamos como humanidade.

Nessa toada, Rocha (2020, p. 134) discute que:

A total absolutização do momento de adaptação dos homens à realidade resulta no maior empobrecimento das possibilidades de emancipação e os aprisiona aos esquemas subjetivos favoráveis à manutenção do estado febril de paralisação espiritual e cultural, propício à realização da barbárie contra a qual Adorno dedica parte de seu esforço intelectual.

As considerações de Rocha corroboram a visão de Adorno apresentada anteriormente, ao dizer que existe uma razão objetivada pela barbárie que leva à falência da cultura, pois, diante das promessas que esta deixou de cumprir, depreende-se uma divisão dos homens. Segundo Rocha (2020, p. 135) esse pensamento adorniano resulta na “possibilidade de transformação desse quadro [que] se processa mediante o esclarecimento das situações de falência da cultura e das razões de perpetuação socialmente impositiva da barbárie”. Diante desse contexto, é cabível pensar que:

Essa questão, se levada de um modo abrangente à consciência das pessoas, seguramente poderá gerar um clima favorável a uma modificação do quadro vigente. Isso para Adorno é decisivo, pois sua luta contra a barbárie não implica, de maneira nenhuma, numa conversão de todos os homens em seres inofensivos e passivos. Ao contrário: esta passividade inofensiva a constitui, provavelmente, apenas uma forma de barbárie, na medida em que está pronta

para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo (Rocha 2020, p. 135).

Compreendemos que Rocha, assim como Adorno, cada um a seu modo, preza pela construção de sujeitos mais ativos, indivíduos que manifestem forças e vontades para sair de sua passividade absoluta, pois, como o próprio trecho destaca, a quietude das pessoas possivelmente leva à barbárie atual.

As *Minima Moralia* não residem na imobilidade da sociedade. Todas as sintomáticas apresentadas por Adorno parecem nos incitar a sairmos da posição atual, a da conformidade. Nesse cenário, ao deslocar o indivíduo de sua posição estática, a obra visa retirar do seio social o mero agir em conformidade com as leis que são postas em prática – as quais transformaram o homem num mero facilitador dos anseios comerciais, que levou a sociedade a renunciar de sua autonomia, negligenciando sua responsabilidade como guardião das razões que poderiam guiar o homem em direção ao pleno exercício de sua cidadania. Exemplo da dispersão da consciência é o movimento de um certo senso de cidadania brasileira que compareceu nos últimos tempos, passando a se manifestar em períodos isolados, sendo vista com maior frequência em pleitos eleitorais. O comentário que buscamos fazer a partir da *Minima Moralia* é no sentido de constatar algo que deveria ocorrer todos os dias, o exercício da cidadania enquanto ação de uma sociedade democrática, mas que ficou restrita a atitudes isoladas.

Ainda convém lembrar do papel que as instituições de ensino têm desempenhado no panorama atual, uma vez que, movidas por interferências econômicas, ou seja, interesses mercadológicos, partem da premissa de formar para a cidadania, contudo, muitas vezes falham ao não questionarem o tipo de cidadania que estão construindo. Essas instituições, em sua essência, já se encontram corrompidas, pois operam a partir de visões políticas viciadas que, por sua vez, desviaram-se sem oposição significativa para o papel de meros executores das demandas do mercado. Isso tem gerado um intenso esfacelamento da racionalidade social em todas as esferas. Para Adorno (1992, p. 120) à medida que:

[...] as escolas adestram as pessoas no uso da fala, assim como na prestação de primeiros socorros às vítimas de acidentes de trânsito e na construção de planadores, os alunos emudecem cada vez mais. Eles são capazes de fazer conferências, suas frases qualificam-nos para o microfone diante do qual se veem colocados como representantes da ideia das pessoas, mas a capacidade de falarem uns com os outros se atrofia. Pois esta pressupõe ao mesmo tempo experiências dignas de serem comunicadas, liberdade de expressão, independência e, ao mesmo tempo, relacionamento.

A escola tem formado pessoas para fins específicos, que apenas desempenham as ações para as quais foram preparados. Frente à dinâmica de uma vida moderna que exige cada vez mais adaptação às transformações que se dão em meio às necessidades do progresso, não há formação que prepare os indivíduos para lidar com a dinâmica que o pensamento dialético exige, pois não se possibilita ao sujeito demandar tempo ou ações que lhe permitam instaurar a voz autônoma de sua consciência.

Sobre isso, Adorno (1992, p. 43) estabelece seu pensamento em razão do fato de que “progresso e barbárie estão hoje, como cultura de massa, tão enredados que só uma ascese bárbara contra esta última e contra o progresso dos meios seria capaz de produzir de novo a não-barbárie”. O pensamento adorniano vislumbra um rompimento em relação às práticas que reproduzem o cenário atual. Assim, o Estado voltaria suas ações para a produção do ser mais autêntico e deixaria o espaço que tem ocupado, de mero cumpridor das exigências mercadológicas.

Diretamente ligada à barbárie, uma sexta sintomática abordada por Adorno na *Minima Moralia* e discutida nesse trabalho, seja ela a naturalização do horror como a forma pela qual se banaliza o mal dentro da construção social moderna, uma vez que os sentimentos desapareceram e deram lugar à indiferença. Para Adorno, o mundo já seria a própria representação do horror, visto que as pessoas deixaram de se importar umas com as outras e o próprio peso da responsabilidade por ações cometidas contra o outro já não pode ser sentido.

Diante dessa naturalização, crescem as políticas fascistas de governos que dizem qualquer força de pensamento contrário às projeções que requerem para si. Para Adorno (1992, p. 47), é nesse contexto, ou seja,

[...] na atmosfera espiritual fascista, que procura afastar de si a realidade do horror como “mera propaganda”, para que o horror se efetue sem protestos. Mas com todas as tendências do fascismo, esta também possui sua origem em elementos da realidade, os quais se impõem apenas por força precisamente daquela atitude fascista que alude a eles de maneira maliciosa.

Adorno descreve as formas pelas quais o fascismo consegue se expandir no mundo real, construindo sua própria ideologia para se sustentar como algo “benéfico” para a sociedade. Exemplo dessa política é destacado no viés do pensamento de parte da população brasileira, quando defende a volta do regime ditatorial vivido pelo país entre os anos 1964-1985. Para Adorno (1992, p. 143), portanto,

[...] É difícil dizer até que ponto a gente mesmo não promove esses horrores: se a gente, através de um silêncio por demais cuidadoso, não põe aquela pergunta na boca de um interlocutor maldoso; se a gente não acaba provocando aquele contato fatal, pedindo ao mediador com uma confiança tola e destrutiva que deixe de mediar.

Se os próprios sujeitos demandam para si o efeito das ações que tendem ao horror e à mutilação, transferem de si para o outro as dores e o infortúnio dessas ações. Isso decorre da falta de sensibilidade em relação ao desconforto alheio, pois, no mundo globalizado, os seres se fecharam totalmente para o contato. Não se percebe qualquer ação humana que leve os sujeitos a se colocarem na posição do outro.

Sobre o mundo globalizado, Rocha (2020, p. 161) externa que:

Atualmente os tempos são de globalização e multiculturalismo. Este último, o multiculturalismo contemporâneo, não deve ser confundido com o relativismo cultural que nos tem acompanhado há décadas. O relativismo pertence ao paradigma da tolerância, ao passo que o multiculturalismo provém do elogio à diferença, sob a égide do ‘viva o próximo!’ helenístico.

Tal observação caminha para questões primordiais da sociedade em que vivemos, pois o multiculturalismo preza pela heterogeneidade humana, pela não aceitação à violência e pela indagação ao novo. Aqui instaura-se a política da convivência entre seres distintos que entendem que a aceitação da identidade alheia é também a preservação da sua própria. Assim, são fomentados valores que levam à harmonia do convívio.

O pensamento de Rocha reflete as marcas de um conceito que há tempos desapareceu do convívio atual. Nas *Minima Moralia*, Adorno (1992, p. 89) já acentuava que:

O argumento corrente da tolerância, de que todas as pessoas e todas as raças são iguais, é um bumerangue. Ele está exposto a uma fácil refutação pelos sentidos, e mesmo as mais irrefutáveis provas antropológicas de que os judeus não são uma raça não mudarão muita coisa no fato de que, no caso de um pogrom, os totalitários sabem muito bem quem eles pretendem e quem não pretendem liquidar. Diante disso, ajudaria pouco postular como ideal, ao invés de supô-la como fato, a igualdade de tudo que exhibe numa face humana. Seria demasiado fácil conciliar a utopia abstrata com as tendências mais matreiras da sociedade. Que todos os homens sejam iguais uns aos outros, é precisamente o que viria a calhar para a sociedade. Ela considera as diferenças reais ou imaginárias como marcas ignominiosas, que atestam que não se avançou o bastante, que algo escapou da máquina e não está inteiramente determinado pela totalidade.

As ponderações de Adorno acenam que não podemos entender a dinâmica das formações identitárias partindo do princípio da igualdade, uma vez que a sociedade perdeu seu

engajamento nas práticas que respondiam às diferenças, à distinção consciente do Eu e do Outro. Dessa forma, aniquilou-se o multiculturalismo, que cedeu seu espaço ao relativismo cultural, fazendo desaparecer o que Rocha descreve como “práticas da boa convivência”.

Para além do exposto, outro fator que contribui de forma convincente para assegurar ações que promovam práticas desumanas na sociedade é o consumo imediato. Nas *Minima Moralia*, Adorno já denunciava os hábitos de consumo da modernidade. Da época em que o autor viveu para cá, muita coisa foi mudada, mas a prática consumista prevalece numa escalada, tal qual observa sua crítica, ou ainda mais enfática, diríamos. Nesse contexto, a ascensão tecnológica permitiu ao homem construir outros hábitos. Por exemplo, o consumo exagerado de informações, que deságua na disseminação rápida de notícias, seja nas redes sociais e em outros campos de fácil acesso, já que a busca incessante da clientela em consumir informações, gera uma necessidade de produção cada vez maior.

Similarmente, essa demanda gerada pelo consumo tende a levar à trivialização do sofrimento humano, posto que, para atender a essa necessidade, os limites do bom senso e do respeito ao próximo acabam caindo por terra. Criam-se memes, faz-se piadas, formulam-se comentários “sem maldade” em torno de eventos trágicos, amortizando sua gravidade, bem como seu impacto emocional. Por consequência, gera-se uma cultura em que o horror é tratado de maneira superficial, sem considerar o real significado das experiências traumáticas.

Nessa mesma lógica, é comum ver pessoas vendendo sua própria individualidade em nome do engajamento cobrado pelas empresas que controlam os canais e as redes midiáticas. Programas como *Big Brother Brasil* e *A Fazenda* relativizam a exploração dos conflitos humanos de um grupo que é posto em uma arena moderna, em rede nacional. Os participantes desses *reality shows* são acompanhados por um público animoso, que está sempre pronto para exaltar alguém, mas também “guilhotinar” outros diante do menor erro possível. As ações tomadas pelos partícipes não são diferentes das apresentadas por gladiadores nos jogos promovidos pela Roma Antiga, posto que o objetivo é o mesmo: sobreviver aos embates e ser o último a deixar a arena. Voltando-nos para o público, este está sempre pronto para proferir seu julgamento, sendo seletivo e injusto quanto aos juízos que emite, já que esse público consumidor de conflitos humanos não pesa os mesmos erros ou aqueles parecidos para uma única punição, pois é seletivo, às vezes, até desumano. Esse é um reflexo da falta de empatia e da compaixão humana, já que a violência e a crueldade desses julgamentos são aceitas como normais pela sociedade.

Acerca dessa exposição contínua que os sujeitos se submetem, Adorno (1992, p. 119) acrescenta que:

[...] os que vendem sua individualidade tornam-se seus próprios juízes, adotando voluntariamente o veredito que a sociedade pronuncia a seu respeito. Assim legitimam também objetivamente a injustiça que a eles é feita. Tendo regredido no plano privado, eles ganham da regressão geral, e mesmo sua resistência barulhenta é no mais das vezes apenas um meio astucioso de adaptação por fraqueza.

Dadas as circunstâncias, percebemos que, nas *Minima Moralia*, Adorno denuncia – e a situação humana atual confirma – os efeitos dessa denúncia ao evidenciar os moldes pelos quais passa a banalização do horror. A falta de conscientização sobre o impacto de imagens e ações bárbaras frente à aniquilação das relações humanas, que são refletidas em muitas formas, dentre as quais destacamos a divulgação de notícias sensíveis feita sem qualquer cuidado ou respeito ao próximo. Essas ações bárbaras são reflexos da ausência de uma educação pautada nas relações humanas e na sensibilidade para com o outro. Tal educação deveria excluir uma atitude, muito comum atualmente, de passar por pessoas em situação de dificuldade e fingir que nada de ruim está acontecendo. Essa educação, que exterminou, em nome de ambições mercadológicas, a formação de cidadãos críticos e prontos para lidar e interpretar situações fáceis ou complexas, mas necessárias ao convívio humano é o eixo que permite a abertura do abismo para o qual a humanidade foi direcionada.

A sétima sintomática que optamos por discutir neste trabalho é o pecado capital do ocultismo, a contaminação do espírito e da existência. Sobre o ocultismo, partiremos inicialmente da compreensão acerca desse termo. Adorno vê no ocultismo uma tentativa de buscar um significado mais profundo, uma conexão espiritual ou uma compreensão mais ampla do mundo para superar a alienação e a falta de sentido. Ele vê o ocultismo como uma consequência do modo como a sociedade moderna trata a natureza e os indivíduos, resultando na perda de conexão com aspectos essenciais da existência humana.

Nas palavras de Adorno (1992, p. 210)

[...] o ocultismo é um sintoma da regressão da consciência. Esta perdeu a capacidade de pensar o incondicionado e de suportar o condicionado. Em vez de determinar um e outro, segundo sua unidade e sua diferença, no trabalho do conceito, ela os mistura sem discriminação.

Adorno, no trecho acima, descreve a busca humana por aquilo que se coloca além do visível e do imediatamente compreensível como uma reação à crescente racionalização da sociedade, à dominação da lógica capitalista e à perda da individualidade e da liberdade. Assim,

dentro desse contexto, o ocultismo surge como uma forma de tentar escapar dessa realidade padronizada, buscando significado e resposta ao mistério e transcendência.

Na visão de Adorno, o ocultismo não é simplesmente rejeitado como superstição, mas é visto como uma resposta às falhas e à alienação do mundo moderno. O autor vê o ocultismo como uma forma de reação à crescente alienação causada pela racionalidade instrumental e pela reificação da vida cotidiana, uma vez que na sociedade contemporânea, a racionalidade técnica e a lógica capitalista restringem a liberdade e a autonomia dos indivíduos. Nesse cenário, o ocultismo se tornava uma tentativa de escapar dessa dominação, buscando um significado mais profundo, uma conexão espiritual ou um entendimento mais abrangente do mundo.

Na busca por esse elo espiritual, o homem moderno, ao invés de desafiar as estruturas de poder e alienação presentes na sociedade, constrói apenas outra ilusão, que mantém as pessoas presas a uma realidade distorcida, sem confrontar verdadeiramente as questões subjacentes.

Desse modo, Adorno não via o ocultismo como uma solução viável para os problemas sociais e individuais. Em vez disso, ele via essa busca por significado e transcendência como uma expressão sintomática das contradições e limitações do mundo moderno. Para ele, o ocultismo não oferecia uma verdadeira libertação, mas era apenas uma forma de ilusão que mantinha os indivíduos presos a uma realidade distorcida. Para o autor,

O ocultismo é uma reação de reflexo à subjetivação de todo sentido, o complemento da reificação. Se a realidade objetiva parece surda aos viventes, como nunca o fora antes, eles tentam, então, arrancar-lhe um sentido com o abracadabra. Sem o menor discernimento, ele é atribuído à coisa ruim mais próxima: a racionalidade do real, com a qual algo não está mais dando muito certo, substituída por mesas que saltam e raios que saem dos montes de terra. [...] A escória do mundo sensível transforma-se, para a consciência enferma, [...] numa positividade que deixa de lado o elemento do pensamento, não passa de erro bárbaro a subjetividade que se despoja de si mesma e por isso se desconhece no objeto (Adorno, 1992, p. 210).

A citação acima revela que Adorno lança sua crítica sobre o ocultismo por enxergar nessa ação algo que está além do desejo por significado ou transcendência. O autor tece sua opinião ao entender que o ocultismo é incapaz de desafiar as estruturas de poder e alienação presentes na sociedade moderna. Ou seja, ao se colocar como possível solução, o ocultismo gera mais problemas, por constituir apenas mais uma extensão na dominância do pensar e do agir humano. Voltamos aqui para o fato de Adorno ver essa busca por algo além do visível como uma manifestação das insatisfações e angústias geradas pelo mundo contemporâneo, mas não como uma solução autêntica para esses problemas.

Uma oitava sintomática aqui apresentada é o consumo desenfreado. Para Adorno, a padronização da sociedade, própria do consumo, promove a sistematização e a homogeneização da cultura. Indo diretamente ao ponto: a produção em massa e a disseminação de produtos culturais uniformizam as experiências individuais, levando à perda da singularidade e autenticidade. Adorno enxerga que esse fator contribui para a alienação dos indivíduos, pois estes, inculcados pela busca incessante e por bens materiais, aderem às normas culturais pré-estabelecidas, que os levam à desconexão de suas próprias necessidades e desejos autênticos.

Assim, a constante busca por novidades leva a uma falta de apreciação pelas experiências duradouras e pelo valor intrínseco das coisas. A transformação da arte e outros bens culturais em mercadoria muitas vezes reduz estes ao patamar de mero objeto de consumo, fazendo-os perder sua capacidade de desafiar e questionar as estruturas sociais.

Adorno observa como são forjadas imagens irreais que tendem à criação de expectativas inatingíveis, que distorcem a percepção da realidade e levam à busca constante pela satisfação pessoal através do consumo. Seu olhar volta-se para os reflexos dessas ações em diferentes espaços, inclusive no campo religioso. Por exemplo, ao dizer que:

A importância ingenuamente mentirosa atribuída aos produtos espirituais na indústria cultural pública só vem a juntar pedras ao muro que isola o conhecimento da brutalidade econômica. O isolamento do espírito em relação à esfera dos negócios fornece aos negócios espirituais uma cômoda ideologia (Adorno, 1992, p. 116).

No trecho acima, Adorno descreve o processo de invasão da indústria cultural no meio religioso. Essa crítica é uma afirmação, mas também pode ser entendida como uma denúncia de que o capitalismo/economicismo domina todos os espaços da vida humana. Ninguém está imune. Molda-se o pensamento, criam-se hábitos, formulam-se hipóteses que passam a ditar os rumos do consumo, no sentido de afirmar que a indústria fomenta, mas também produz o consumismo, já que pensa quais hipóteses devem ser formuladas para que a sociedade não lhe escape por entre os dedos. Como resultado, os hábitos são refeitos e a sociedade não escapa do eixo estabelecido pela indústria cultural.

Observamos, então, a seguinte premissa: do início a meados do século XX, época em que Adorno viveu, aos dias atuais, a ação do consumo está diretamente ligada à ideologia do progresso. Esta, inerente à sociedade do consumo, cria a falsa argumentação de que a suposta melhoria, ou seja, a contínua prática do consumo, do adquirir bens, é tida/vista como uma ideia de evolução, porém, muitas vezes, tal prática encobre a persistência de problemas sociais subjacentes.

### 3.2. O Movimento Escola sem Partido e a crise do ensino

Para encerrarmos esse capítulo, numa forma de exemplificar as abordagens acerca da sintomática do declínio da formação humana, discutida veementemente por Theodor Adorno em suas obras e, no caso desse trabalho em específico, na *Minima Moralia* (1992), discutiremos, a partir da Teoria Crítica da sociedade, alguns pontos do Movimento Escola sem Partido. As discussões aqui apresentadas constituem uma iniciativa na busca de ajustar teoria e prática e, assim, entendermos como reflexo da semiformação dos dias atuais o cerne do “Escola sem Partido”, que é promover a “neutralidade” política e ideológica nas escolas e universidades.

O Movimento Escola sem Partido (ESP) teve seu surgimento no Brasil em 2004, impulsionado pelo Procurador do Estado de São Paulo, Miguel Nagib, em resposta a uma experiência vivida com um professor de História que lecionava para sua filha. Desde então, o movimento ganhou projeção e vem expandindo sua influência.

Ademais, o ESP tem sido associado a uma rede de ideias ligadas à extrema direita brasileira, que promove pautas de fundamentalismo religioso e agendas do mercado. Essa associação se torna evidente através de seus defensores, que frequentemente advogam por políticas conservadoras e uma abordagem restritiva da educação, buscando eliminar supostas influências ideológicas dos professores em sala de aula.

Seu objetivo é combater a suposta doutrinação ideológica das instituições de ensino, separando educação e ensino. Para o movimento, a educação seria responsabilidade da família, enquanto a escola se encarregaria do ensino. Diante disso, o Movimento Escola sem Partido vem submetendo professores à ridicularização pela exposição de seu trabalho. Não que haja uma exposição de algo que houvesse a se esconder, pois o docente não vai à sala de aula com o intuito de fazer-se esconder, mas tal exposição constitui-se enquanto ação política, que visa corromper a imagem do profissional de ensino brasileiro.

Com isso, as discussões que se fazem entre as quatro paredes da sala de aula ganharam os corredores da impiedosa internet. Alunos encorajados por ideologias que os levam a habitar “a caverna” do século XXI, as redes sociais, passaram a filmar e divulgar em suas redes ações das quais discordam. As discussões geradas no bojo da internet a partir da exibição descontextualizada de falas de professores em sala desabrocham formas do pensamento mediático, pois nesse lugar se constituem juízes, donos de uma razão absoluta, sagazes por apresentarem julgamentos e culparem qualquer atitude que discorde das ideologias em que acreditam. É muito fácil criar um grupo ou comunidade em redes como WhatsApp, Instagram,

Facebook, Telegram, Kwai ou TikTok. Esses grupos/comunidades passam a discutir e disseminar informações, sejam verdadeiras ou falsas, no intuito do benefício próprio. Isso ocorre porque não se observam por parte do Estado ações efetivas que levem à punição adequada de pessoas que cometem atos criminosos utilizando a internet como meio principal. Logo, o que se percebe por trás do ESP é um nexos de discussões político-partidárias, nas quais formam-se grupos que rememoram uma ideia que há tempos aparentava haver desaparecido, a docência livre de qualquer manifestação política.

Numa crescente ideologização política para o estabelecimento de um conservadorismo nacional, o tema retornou com força suficiente para postular possíveis mudanças no campo educacional brasileiro. Por exemplo, demandar neutralidade política do corpo docente. Não que as instituições devam se constituir enquanto palcos de discurso partidários, mas, como expressara já na Antiguidade o filósofo grego Aristóteles, o ser humano é um animal político por natureza, não sendo possível estabelecer práticas humanas de ensino/aprendizagem, ou mesmo qualquer outra ação que envolva sua capacidade crítica, pautando-se pela neutralidade daquele que se faz presente no ato de mediar/ensinar/discutir.

Além disso, o ESP se faz presente numa falsa ideia de atacar a doutrinação em sala de aula, quando, na verdade, teme que a escola leve os indivíduos a compreenderem a natureza parcial doutrinante das políticas partidárias em voga. O Movimento tende à reprodução de uma ideia conservadora, em que as classes continuem estagnadas, passivas às ações da elite política que domina o país desde o momento em que o europeu colocou os pés em solo tupiniquim.

Em visita à página do Movimento Escola sem Partido, na aba “Programa Escola sem Partido”, que aparece parte superior da página inicial, a parte de perguntas frequentes oferece o seguinte argumento:

Dentro da escola, nem professores, nem alunos têm direito à livre manifestação do pensamento. Professor que sonega aos alunos o acesso a pontos de vista relevantes dentro da sua disciplina não está cerceando a livre manifestação do pensamento de ninguém, mas, sim, o direito dos alunos à educação, ao pluralismo de ideias e à liberdade de aprender.<sup>15</sup>

Ao atacar a livre corroboração do pensamento crítico, os idealizadores e adeptos do ESP justificam dizendo que nenhuma das partes (docente/discente) tem direito à livre manifestação do pensamento autônomo em espaços educacionais, e especificamente na sala de aula. No

---

<sup>15</sup> Conteúdo retirado da página do Movimento Escola sem Partido. Disponível em: [Programa Escola sem Partido - Escola Sem Partido](#). Acesso em 08/11/2023.

entanto, a sala de aula é um espaço plural, é o local onde as manifestações convergem e divergem, ou seja, é lá que os extremos se aguçam e pacificam, pois o conhecimento é fruto de esforços, mas também de embates. É a partir de pontos de vista distintos que se pode estabelecer um outro olhar para determinado ponto e, assim, mudar ou não a visão sobre temas ou objetos em discussão.

Ainda sobre a citação anterior, ao abordar o ato de sonegação por parte do professor acerca de pontos relevantes, cabe outra discussão. Muitas vezes, o aluno, bem como seus pais, encontra-se tão imbricado com ideias extremistas que se sente no direito de apresentar discussões que caminham para aquilo que Adorno (1992) vai chamar de “repetição da barbárie”. Por exemplo, em reportagem da BBC Brasil do ano de 2018, uma situação chama a atenção de qualquer leitor atento. Vejamos:

Há alguns meses, em uma turma do oitavo ano, o professor de história Rafael caminhava por entre as carteiras para checar que tipo de soluções os alunos estavam propondo para o país. Era essa a atividade do dia em uma das escolas privadas em que trabalha. Ele perguntou a uma adolescente qual era sua sugestão. “Matar todos os comunistas”, ela teria respondido<sup>16</sup>.

Ao questionar a aluna sobre o que seria um comunista, o professor Rafael não obteve resposta, o que o levou a crer que a fala da aluna certamente fora retirada de diálogos de seus pais. Rafael continua: “Tinha certeza de que, se questionasse algo, seria demitido no dia seguinte. Então não falei nada”. O silenciamento do professor mostra que, mesmo o Movimento Escola sem Partido não sendo uma lei constitucional<sup>17</sup>, na prática, ele é exercido como tal.

Ainda convém mencionar que o fator primordial dessa discussão parece estar ligado a reclamações das famílias que, encorajadas pelas ideias do Movimento Escola sem Partido, passaram a “vigiar” o trabalho das instituições e dos professores. A insegurança gerada ao atacarem a escola coloca em xeque o verdadeiro sentido da educação: “educar para quê? Para quem? Com que finalidade?” (Souza; Coimbra, 2023, p. 47).

É indiscutível que, em consonância às ações do Movimento Escola sem Partido, professores vejam-se diante de um impasse: educar de forma livre, pautados no livre exercício

---

<sup>16</sup> Conteúdo retirado da página da BBC Brasil. Título da reportagem “Mesmo sem lei, Escola sem Partido se espalha pelo país e já afeta rotina nas salas de aula” de 05 de novembro de 2018. Reportagem de Ingrid Fagundez. Disponível em : [Mesmo sem lei, Escola sem Partido se espalha pelo país e já afeta rotina nas salas de aula - BBC News Brasil](#). Acesso em 09/11/2023.

<sup>17</sup> Conteúdo retirado da página da BBC Brasil. Título da reportagem “Mesmo sem lei, Escola sem Partido se espalha pelo país e já afeta rotina nas salas de aula” de 05 de novembro de 2018. Reportagem de Ingrid Fagundez. Disponível em: [Mesmo sem lei, Escola sem Partido se espalha pelo país e já afeta rotina nas salas de aula - BBC News Brasil](#). Acesso em 09/11/2023.

do pensamento, ou manter seus empregos e privar-se dessa autonomia por sua “segurança financeira”. O exemplo do professor Rafael é apenas um dentre muitos, pois, diante da necessidade de manter o emprego, sujeitam-se à vontade daqueles que detém o capital, já que são esses que se acham no direito de determinar os moldes a que a sociedade deve se ajustar, mantendo, dessa forma, a ordem vigente, que perdura há séculos.

Outrossim, discutir um processo educativo que passe pela nulidade do pensamento político das instituições de ensino, bem como de seu quadro docente, é algo que caminha na contramão do pensamento dialético elaborado por Adorno. Souza e Coimbra (2023, p. 47) apontam que, em se tratando das ações humanas,

Toda prática humana é prática política. A atividade humana, seja ela qual for, está condicionada às relações sociais objetivas, que orientam e condicionam essa ação. As ideologias, ideias, crenças, valores, concepções de mundo não flutuam no vácuo, mas têm materialidade.

À educação não cabe o papel não partidário, pois nossa constituição humana passa pelo crivo do partidarismo, seja ele qual for. Somos partidários de algum partido, “conformistas de algum conformismo” (Gramsci, 2002 apud Duriguetto, 2014, p. 273).

Ainda convém mencionar que a tão buscada nulidade científica, em que o pensamento sistêmico se estabelece enquanto condição para a construção do conhecimento, é uma vertente que Adorno e Horkheimer (1985, p. 47) vão analisar como não transparente e ineficiente que leva ao congestionamento de informações e tempo, não estando diretamente ligado à construção do sujeito. Deste modo, para Souza e Coimbra (2023, p. 51),

Os mediadores do conhecimento, os sujeitos (sempre ativos no seu processo de construção e reconstrução), são, assim, considerados obstáculos, pois interditam a verdadeira apreensão da realidade social que deveria ser captada, mecanicamente, pelos sentidos, sem filtros sociais, históricos, políticos, ou de qualquer outra natureza subjetiva.

Assim, tanto o docente quanto as instituições de ensino perdem seu espaço para dar lugar a ideologias que se fazem e perfazem a partir do seu silenciamento. Os autores continuam:

O professor que, no processo ensino-aprendizagem, apresenta-se como mediador entre aluno e conhecimento passa a ser encarado como uma barreira, pois sua subjetividade conta como um elemento desqualificador de sua prática (Souza; Coimbra, 2023, p. 52).

Todavia, cabe salientar que o objetivo principal do ESP desqualifica não apenas os professores, mas também os alunos, pois restringe a sala de aula a um palco de voz unitária. Essa visão transforma o espaço educativo em um ambiente de seres passíveis, dobrados, sem voz ou opinião próprias. Para os defensores do ESP, o professor pode tudo, inclusive, “contaminar” seus alunos com “doutrinações” comunistas ou socialistas, por exemplo.

A pretensão da neutralidade política, visando impedir que professores e instituições escolares promovam uma ideologia específica, desabrocha em discussões contínuas, como é o caso de vários estados brasileiros, em que se discutiram e implementaram projetos de lei relacionados ao “Movimento Escola sem Partido” buscando regulamentar a conduta dos professores e conteúdo das aulas.

É fato que o ESP tem tanto críticos quanto defensores, com uma parte da sociedade argumentando que ele ameaça a liberdade acadêmica, enquanto outra parte enxerga o Movimento como uma forma de proteger os alunos de influências ideológicas excessivas. Os não adeptos ao Movimento afirmam que ele pode prejudicar a liberdade de expressão e a capacidade dos professores de discutirem tópicos sensíveis e controversos em sala de aula. Os defensores do movimento, entretanto, dizem que o ESP seria uma solução viável para o combate às ideologias apresentadas nas instituições de ensino que, ainda segundo eles, se estabeleceu nas salas de aula como parte de um projeto de “doutrinação esquerdista nas escolas”<sup>18</sup>.

A reivindicação do ESP, na verdade, não faz vir à tona a conquista de uma educação livre de ideologias. Pelo contrário, destitui a socialização do conhecimento, gerando uma educação menos autônoma, menos livre e que se distancia cada vez mais do princípio democrático que deve caminhar lado a lado com o ato educativo, seja na escola ou em qualquer outro espaço em que se construam bases sólidas de conhecimento.

Sobre o cerceamento da autonomia que o ESP postula, Adorno, na *Teoria da Semicultura* (2005, p. 18), já havia destacado

Que o espírito se separa das condições de vida reais e se independentize frente a elas não constitui apenas seu momento de falsidade, mas também de sua verdade, pois não cabe desvirtuar nenhum conhecimento obrigatório, nem nenhuma obra de arte mediante alusão à sua origem social. Se os homens desenvolveram o espírito para se conservarem vivos, as imagens espirituais,

---

<sup>18</sup> Conteúdo retirado da página do *Jornal da Universidade* (UFRS). Título da reportagem: “Quem defende a doutrinação na educação?” Escrito por Rafael Vieira Levandovski, no ano de 2021. Link para acesso ao material [Quem defende a doutrinação na educação? - UFRGS - Jornal da Universidade](#). Acesso em 10/11/2023. Conteúdo retirado de: LEVANDOVSKI, Rafael Vieira. “Quem defende a doutrinação na educação?”. *Jornal da Universidade*, UFRS, 16 de setembro de 2021. Disponível em: [Quem defende a doutrinação na educação? - UFRGS - Jornal da Universidade](#). Acesso em: 10 nov. 2023. [Teoricamente, é assim que se faz uma referência bibliográfica de notícia de jornal]

que antes não existiriam, negam completamente sua qualidade como meio vital. A irrevogável autonomia do espírito frente à sociedade – a promessa de liberdade – é ela mesma tão social como a unidade de ambos. Caso se renegue simplesmente tal autonomia, o espírito fica sufocado e converte o existente em ideologia, como ocorria quando usurpava o caráter absoluto.

O Movimento tenta sufocar as instituições, ao mesmo tempo que ataca professores numa clara tentativa de desmoralizar o ensino brasileiro. Um exemplo claro dessa prática foi a repercussão que o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2023 causou entre os “conservadores” brasileiros. A ala política de direita, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, manifestaram opiniões contrárias e tendenciosas em relação às questões abordadas na prova. No entanto, a reportagem do jornalista Carlos Saldanha<sup>19</sup>, publicada na Folha de São Paulo, lista uma apuração de fatos relacionados à prova. A notícia dá conta de que 86% das questões foram elaboradas durante o governo Bolsonaro, fato confirmado pelo presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), Manuel Palácios, durante audiência na Câmara dos Deputados.

O exemplo acima está direcionado ao fato de que, em alguns casos, o ESP tenha e ainda esteja recebendo apoio de políticos e governos que compartilham de suas preocupações sobre a suposta doutrinação nas escolas. Por exemplo, em 2018, logo após a vitória nas urnas de Jair Bolsonaro, a deputada estadual Ana Caroline Campagnolo, eleita pelo PSL no estado de Santa Catarina, fez uma postagem em suas redes sociais, na qual incentivava alunos a gravarem seus professores e denunciá-los em caso de manifestações ideológicas ou político-partidárias que ofendessem a liberdade de crença e consciência desses estudantes.

A postagem da deputada apresentava defendia que “muitos professores doutrinadores” estariam “inconformados e revoltados” com a vitória de Bolsonaro.<sup>20</sup> A mensagem da deputada foi apenas uma amostra, entre tantas outras, que já se fazem recorrentes desde que a internet se constituiu como palco para tais ações. No entanto, uma observação se faz necessária, no sentido de favorecer o crescimento dessa prática: a vitória presidencial da ala conservadora do país encorajou aqueles que há tempos pleiteavam ações semelhantes, mas que mantinham algum receio, por qual motivo fosse.

---

<sup>19</sup> “86% das questões do Enem criticado pela direita foram feitas sob Bolsonaro”. Reportagem publicada em 08 de novembro de 2023 no jornal *A Folha de São Paulo* de autoria do jornalista Carlos Saldanha. Disponível em: [Enem: prova criticada pela direita foi feita sob Bolsonaro - 08/11/2023 - Educação - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/folha/educacao/2023/11/08-86-das-questoes-do-enem-criticado-pela-direita-foi-feita-sob-bolsonaro-08-11-2023-educacao-folha.shtml). Acesso em 10/11/2023.

<sup>20</sup> Conteúdo retirado da página da BBC Brasil. Título da reportagem “Mesmo sem lei, Escola sem Partido se espalha pelo país e já afeta rotina nas salas de aula” de 05 de novembro de 2018. Reportagem de Ingrid Fagundes. Disponível em: [Mesmo sem lei, Escola sem Partido se espalha pelo país e já afeta rotina nas salas de aula - BBC News Brasil](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55111111). Acesso em 09/11/2023.

Isto posto, o ESP não parece compreender o eixo da educação enquanto prática humana, uma vez que, para o processo educativo, enquanto ato de ensinar, os indivíduos são construídos a partir da prática que busca conceber uma hegemonia alicerçada na “persuasão, consenso, compreensão” (Saviani, 2007, p. 89). Neste sentido, para Souza e Coimbra (2023, p. 58),

O que é confundido com simples “doutrinação” é, na verdade, a forma, inerente à educação, de construção do caráter, da personalidade, dos sentidos, da percepção, ou seja, de construção do sujeito, como ser autônomo e emancipado, por meio dos “instrumentos culturais”, que, resta dizer, também são produtos das relações objetivas que os conformam. A cultura também tem um conteúdo político-pedagógico.

O posicionamento dos adeptos ao Movimento entende como doutrinação algo que está diretamente ligado à função de educar. Os professores, pelo ato pedagógico, realizam nos espaços educativos aquilo que os pais fazem em casa, que é inserir a criança, o adolescente e o jovem num processo formativo para enfrentar as nuances da vida. Uma vez que a criança, o adolescente e o jovem precisam ser persuadidos acerca de determinados pontos. Isso faz parte de um processo contínuo das educações escolar e familiar, no qual os indivíduos são submetidos a experiências que os tornam capazes de adentrar e explorar o mundo que os rodeia, passando a integrar o convívio social.

Além disso, qualquer tentativa de anular a dependência entre política e educação resulta em tiro saindo pela culatra, pois causa justamente o que se propõe combater: alienação, ideologia, falsa cultura etc. Observando pelo lado que entende a educação como algo emancipatório, o ESP acentua ainda mais a educação que se faz pautada na reprodução da ordem existente.

Ao forjar sua crítica, o ESP questiona o objetivo principal do ato de ensinar/educar: o pensamento crítico que o professor pode fazer desabrochar nas massas educáveis. Ao contrário, a ideia conservadora por trás do Movimento alega ser este ato uma doutrinação ideológica, que contamina as crianças e jovens, fazendo prosperar instituições cheias de seres alienados.

No entanto, ao limitar as instituições e os educadores a discussões previamente estabelecidas – pois dá-se a entender que o Movimento caminha para esse lado –, ele interfere no direito de ensinar e aprender que transforma a sala de aula em um lugar plural: de trocas, afetos, distanciamentos, discussões, entre outros. Pessoas não são máquinas, portanto, não podem ser programadas para reproduzir apenas o que lhes for programado – muito menos em se tratando da consciência e do pensamento, pois a educação se difunde pelo viés das práticas de trocas que geram uma consciência crítica em relação ao mundo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tessitura dessa dissertação foi possível entre cortes e recortes, pedaços ou partes inteiras de fontes/recursos teóricos, que do prelúdio ao epílogo nortearam as discussões empregadas no presente trabalho. Para essa exposição final, quero aqui pedir licença pela última vez. Não para deixar o trabalho, mas para tecer algumas considerações sobre essa experiência compartilhada.

Pois bem... Aquele que lança seu olhar de fora em direção a este texto, facilmente identifica um voo dessa pesquisa nos ares nem sempre límpidos em que Theodor W. Adorno edifica sua obra. O cenário da *Minima Moralia* empregado nos aforismos construídos pelo autor é algo que transcende o que se mostra à vista, pois a crítica adorniana coloca à prova o que se move diante de nossos olhos: nem sempre o que enxergamos facilmente é de fato algo verdadeiro.

Dessa forma, esse trabalho buscou mostrar, a partir da *Minima Moralia*, o declínio da formação humana. Já no primeiro capítulo, traçamos uma análise acerca da instauração da crise da modernidade ocidental, demonstrando suas principais marcas, que delineiam estágios nos campos sociais e culturais, indo de encontro ao projeto iluminista, cujas prerrogativas vislumbravam a redenção da humanidade por intermédio do uso da razão. Partimos então do surgimento do conhecimento racional, com Sócrates na Grécia, na iminência de seguirmos os principais movimentos que guiaram os rumos da sociedade ocidental: Humanismo, Renascimento, Reforma Protestante, Revolução Copernicana, Iluminismo e as ideias positivistas. Minudenciamos que Adorno desencadeia uma série de críticas que vão nos dizer que todo esse processo falhou, pois o regime econômico que rege a vida moderna, o capitalismo, direcionou as ações humanas (amor, afeto, respeito, interação, entre outras) para um segundo plano. Isso fez desabrochar aquilo que Adorno define como Semicultura ou semiformação, uma formação que está fadada ao fracasso, pois parte da premissa de uma conjuntura que se faz manipulável. Nas *Minima Moralia*, Adorno evidencia, de forma clara, como a formação humana vem declinando, reconhecendo esses detalhes como reflexos de um processo formativo falho que se ampliou na sociedade.

Logo, a individualidade (o Eu) vem cedendo espaço de forma forçosa e, assim, o sujeito vai perdendo qualquer caráter de refúgio ou resistência. À medida que avançamos na pesquisa, compreendemos que o declínio da formação humana é visto como sintoma da crise da racionalidade, que Adorno observa ao descrever a mudança dos hábitos cotidianos dos indivíduos, como, por exemplo, o simples ato de não se presentear mais as pessoas, um reflexo

claro da influência do sistema capitalista, que altera as relações nos espaços do trabalho e do lar, relegando-as ao campo do interesse. Desse modo, os gestos e comportamentos são alterados, o que resulta em atitudes mais rudes e grosseiras ou simplesmente em indiferença, que seria a ausência de ações em relação ao outro.

Adorno, a partir de sua Teoria Crítica, explora territórios tais quais os mencionados acima, ao constatar que as interferências de elementos como a indústria cultural e a Semicultura geram outras sintomáticas. Por exemplo, no capitalismo tardio, a prevalência da sociedade de massas, de uma sociedade unidimensional, pós-moderna, caracterizada como uma era da pós-verdade, entre outros. Numa manifestação clara, Adorno descreve que a indústria cultural proporciona um tipo de prazer aos indivíduos, oferecendo produtos que servem como formas de entretenimento para liberá-los do tempo dedicado ao trabalho. No entanto, o autor argumenta que essa suposta diversão é ilusória, pois os produtos culturais reproduzem estruturas da vida social, resultando em um comportamento similar ao do trabalho. Isso ocorre porque esses produtos não exigem uma interação mediada do indivíduo; apenas solicitam uma percepção já moldada pela forma como são apresentados. Eles se assemelham à realidade, tornando-se meios de ajustamento que impedem o estabelecimento de uma diferença significativa entre a situação vivida e uma potencialmente melhor.

Nessa direção, ainda no primeiro capítulo, embarcamos no conceito de “educação”, representada nesse trabalho na figura do ensino que se expressa em declínio, segundo Adorno. Para ele, agindo na contramão de qualquer prática educacional que privilegia o sujeito, a educação gerada a partir da crise da racionalidade encontra-se meramente a serviço do economicismo, deixando para um plano inexistente a formação voltada para a construção de sujeitos críticos. Adorno compreende que a educação deve ter outro propósito, visto que, fugindo desse aprisionamento à esfera capitalista, defende uma educação que esteja necessariamente ligada à emancipação, sendo este seu objetivo mais nobre. Por assim dizer, o autor frankfurtiano considera a emancipação como um processo de conscientização e desenvolvimento da racionalidade dos indivíduos. Ele argumenta que é essencial que as pessoas se libertem do processo de adaptação imposto pelo sistema educacional, para assim romperem as barreiras da formação humana que se encontra em declínio.

Avançamos à Semicultura, no segundo capítulo, em cujos traços Adorno identifica um caráter manipulador, expresso na forma como os sujeitos são formados, transformados em objetos manipuláveis, às vezes figurando como mercadorias. De qualquer modo, o economicismo advindo das falhas do escopo formativo ocidental termina influenciando o comportamento dos indivíduos. Nas *Minima Moralia*, a crítica adorniana observa como esse

processo de formação apresenta certa uniformidade, disfarçada pela aparência de atender aos anseios da sociedade.

Teoricamente, essa estrutura de formação gera uma expectativa na busca pelo novo. Esse novo, Adorno argumenta ser apenas aparente, uma vez que essa má formação se estende a todas as camadas sociais – mesmo entre aqueles que deveriam estar imunes a esse mal, os intelectuais, percebe-se uma fissura entre as partes de seus membros, já que alguns operam a serviço da ordem vigente. Dessa ação, esses indivíduos edificam sua atuação de meros propagadores das ideias em voga, o que a *Minima Moralia* vai acentuar como sendo uma crise do trabalho intelectual, gerada a partir da desconfiança do sentido verdadeiro desse ofício.

Adorno argumenta que a Semicultura concebe uma espécie de falsa união entre o particular e o universal ao fazer com que a formação dos sujeitos não se distinga da realidade. Ela promove uma adaptação passiva ao existente. Essa construção de ensino, demandada pela própria Semicultura, faz existir na sua clientela uma espécie de dependência. Assim sendo, esse processo formativo funciona como o meio que supre os anseios da sociedade, gerando sujeitos que atendam às demandas de mercado, por exemplo. Uma vez estando ancorado ao mercado de trabalho, ou seja, gerando monetização, fazendo a máquina do dinheiro girar, a esse sujeito sequer é permitido questionar as tensões geradas pelo trabalho mecanizado, em que a necessidade de estar inserido nesse campo é algo que elimina qualquer resquício do pensamento crítico.

A Semicultura, em um primeiro plano, esvazia a autonomia dos sujeitos ao se infiltrar e dominar os espaços sociais. Isso entreabre uma realidade emergente, dado que traz em suas marcas uma superficialidade que preconiza o excesso de informações fragmentadas, acentuadas nos estímulos incessantes que tendem a um objetivo muito claro, segundo Adorno: moldar comportamentos e crenças de forma passiva e pouco reflexiva. Em um segundo plano, danifica a experiência, pois os danos profundos impostos à experiência humana terminam por minar sua autenticidade.

Ao promover esse fluxo incessante de estímulos superficiais, fragmentados e descontextualizados, a Semicultura dilui a capacidade de vivenciar experiências significativas e profundas. Assim, nessa busca constante por gratificação instantânea e entretenimento superficial, reduz-se a profundidade das interações humanas, que muitas vezes acaba recorrendo àquilo que de mais instintivo e animalesco possui a humanidade: a sexualidade.

O desejo sexual torna a existência humana similar a qualquer outra na natureza que utilize o ato sexual como meio de reprodução. Diferentemente de outros animais, a humanidade transcendeu o mero ato da reprodução; para ela, a ação sexual passou a ser um objeto de desejo

que, tão logo se concretize, deixa de existir. Dessa forma, a Semicultura, valendo-se da indústria cultural, desperta o desejo humano de forma que ele nunca será concretizado, deixando um desejo insaciado, que é contemplado, em parte, na compra de determinados bens materiais. Frente aos planos de dominação da Semicultura, o Eu é dilacerado e sua eliminação faz desaparecer a subjetividade do meio social, implicando no empobrecimento dos laços sociais, prejudicando a capacidade que outrora se teve de apreciar momentos autênticos de conexão e reflexão. E assim está feita a degradação da qualidade da vivência humana.

No terceiro capítulo do trabalho, abordamos parte das sintomáticas que a *Minima Moralia* elenca como comprometedoras da formação humana. Esses elementos estão diretamente ligados às ideias anteriores, pois, diante dos desenlaces da Semicultura, ao reexaminarmos a obra *Minima Moralia*, buscamos resgatar as reflexões de Adorno sobre o declínio da formação humana. Portanto, a despeito de fundamentos que apontam para a influência dos padrões da semiformação estabelecidos frente à subjetividade. Causando sua deformação, a crítica do autor frankfurtiano adquire outras nuances ao revelar como a própria vida se encontra fragmentada. Para Adorno, as atividades e as relações humanas concentraram a preponderância existente como sendo uma tendência utilitária da sociedade. Logo, o declínio da experiência, aliado à decadência de outras esferas da vida humana, desvela o enfraquecimento da subjetividade, bem como sua transformação em algo suscetível à manipulação.

Essa manipulação é refletida nas formas e políticas educacionais em vigência no nosso país. Por exemplo, a proposta do Movimento Escola sem Partido, mencionada no corpo desse trabalho, que já perdura por dois governos e, apesar da insistente contraposição de professores, pesquisadores, estudantes, entre outros, caminha a passos largos, ombreada às propostas pedagógicas em vigor no país. O ESP é uma clara manifestação do declínio da formação humana, pois sua proposta renuncia à possibilidade de formar sujeitos críticos em prol das prerrogativas de alguns, que, em nome de uma política de dominação, arquitetam o soerguimento de suas vozes anulando outras – e com maior ênfase, a voz docente. O que resta disso tudo? Um profundo silêncio forçoso.

Ademais, é pela compreensão fragmentada do campo real da vida que a escrita de Adorno encontra sua expressão mais adequada na forma aforística. A *Minima Moralia*, por meio de suas divisões, retrata o desmembramento pelo qual passa a vida humana, revelando a preocupação do autor em manter seu texto inflexível e imperativo em relação ao objeto, numa maneira de resistir à banalização, seja da cultura, seja da filosofia. Essa forma garante que um pensamento complexo e denso, tal qual a visão de Adorno sobre a realidade, não sucumba aos

mesmos esquemas que ele próprio critica. Nessa simetria entre um estilo denso e um pensamento robusto o suficiente para suplantar a realidade reside o encanto e a decência das *Minima Moralia*. Nelas, não apenas a crítica permanece fiel, como uma denúncia da vida que sucumbe diante da totalidade, mas também a forma do texto se alinha à tentativa de conscientizar sobre a falsidade que domina o escopo formativo humano.

Buscamos mostrar, então, como a formação humana sofre frente ao progresso da ciência e da técnica, pois, distante da realidade a qual vive o ser humano, essas áreas alcançaram um avanço significativo, ao passo que a humanidade regrediu e encontra-se num desfiladeiro despencando, sem qualquer resquício de pausa. Logo, as *Minima Moralia* nos ajudam a enxergar a aniquilação do processo formativo da sociedade, uma vez que esse declínio, segundo Adorno, é fruto da falta de relação entre o presente e o passado. A memória, para o autor, resultaria numa maior compreensão do próprio Eu, que, ao cair no esquecimento, intencional, diria a teoria, leva o indivíduo ao isolamento. Privado de qualquer condição que lhe possibilite perceber-se enquanto sujeito, ele não é capaz de apresentar uma manifestação contrária à dominação instaurada.

À vista disso, essas considerações nos levaram à questão que rege o *corpus* desse trabalho: compreender o que levou à crise da formação humana. Obviamente, o desequilíbrio da racionalidade fez surgir elementos como a Semicultura, que dá origem a outros, como a indústria cultural, que gera a cultura de massas – ou seja, as questões humanas que cederam seu espaço ao economicismo, que passou a dominar todos os campos da existência. Conseqüentemente, essas sintomáticas, estreitamente vinculadas ao predomínio da razão instrumental na sociedade, fomentam a aniquilação do sujeito. Nesse sentido, a *Minima Moralia* realça sua importância ao identificar nas manifestações tidas como naturais as marcas de uma dominação ferrenha. Outrossim, a obra demonstra como comportamentos ríspidos e grosseiros, ausência de cortesia, de respeito e de afinidades, bem como a mentira, a avareza, o amor condescendente, a ausência de sensibilidade e a irracionalidade, ainda que em momentos diversos e aparentemente desarmônicos, compõem uma totalidade falsificada.

Nesse viés, essas foram as expressões da metamorfose dos indivíduos, retiradas da *Minima Moralia*, que recolhemos para compor essa pesquisa. Cientes de que das pequenas manifestações de domínio, fragmentos que se encaixam, e que retratam o horror de uma vida completamente controlada pelo aparelho social, resulta o declínio de sua própria existência como resquício de um processo formativo falso. Uma vez que esses horrores são reflexos da transformação dos indivíduos em pequenas instâncias de dominação, cacos que se encaixam para uma formação controlada, que posterga o humano em face do inumano, que procede do

pânico de uma vida redondamente controlada pelos mecanismos sociais, resultando no esgotamento da própria existência.

Nesse viés, as *Minima Moralia* não direcionam a análise do enfraquecimento da subjetividade a uma única direção. Não se trata tão somente de uma culpa imputada ao indivíduo, o que, aliás, seria uma visão retrógrada da sociedade, por assim dizer, incapaz de localizar o quebra-cabeça da perda do sujeito em algo além do próprio sujeito. Além disso, os aforismos adornianos não se resumem a apontar tão-somente para uma totalidade abstrata como a causa desse processo de dominação. O indivíduo sucumbe à totalidade porque não consegue se integrar harmoniosamente a ela, e o poder que ela exerce sobre ele é avassalador, deixando-lhe poucas alternativas além de se conformar e se entregar, uma vez que a adaptação à condição vigente exige a dissolução dos indivíduos, que não se opõem a ela, pois a construção de uma identidade firme depende do esforço do sujeito em lidar com suas percepções e consciência. Embora as condições sociais objetivas obstruam essa formação, a esfera do pensamento deveria ser capaz de se libertar delas, pois é nela que reside a possibilidade de resistência. Não obstante, se o pensamento, algo que o indivíduo possui de mais íntimo, também sucumbe, certamente encontramos-nos diante de uma contradição.

Assim, sem qualquer intenção de esgotar essas discussões, chegamos ao fim dessa pesquisa, compreendendo que não há uma resposta definitiva para nossa pergunta, mas com a convicção de que as *Minima Moralia* nos dão alguma resposta: apostar na filosofia, fazendo com que esta assuma uma responsabilidade crucial diante do desespero, numa tentativa de gerar perspectivas que provoquem uma deslocação análoga no mundo, fazendo-o estranhar a si próprio, expondo suas rachaduras e brechas, é um possível caminho.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Dialética negativa** (M. A. Casanova, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2022.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- ADORNO, T. **Minima Moralia**. São Paulo: Ática, 1992.
- ADORNO, T. **Teoria da Semicultura**. Porto Velho: Edufro, 2005. Volume XIII maio/agosto.
- AMARAL, R. A. P. **O conhecimento como Eros: uma leitura de O Banquete de Platão**. Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012 Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM – ISSN: 2238-6424.
- ARISTÓTELES (1999). **La Política, Libro I**. Madrid: Alba. ISBN 8475670563.
- BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. **Empreendedorismo: Conceitos e definições**. Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 25-38, jan. 2015. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistasi/article/view/612>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- BATISTA, A. C.; ROCHA, C. J.; OLIVEIRA, G. C. A. **Horizonte dialético da teoria crítica: da sua gênese às diferentes vozes que amplificam sua potência rumo a uma ciência decolonial**. Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 39–57, 2023.
- BIERNATH, A. **“Como uso excessivo de celular impacta cérebro da criança”**. BBC News Brasil em Londres, 24 de março de 2022. Disponível em: [Como uso excessivo de celular impacta cérebro da criança - BBC News Brasil](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-576939). Acesso em: 11/07/2023.
- BRANCO, L. S. A.; CONTE, E.; RIOS, M. B. **As implicações e o respaldo da obra de Rousseau na educação**. Revista Teias v. 21; ago. 2020. Edição Especial. p. 271-286.
- CARDOSO, S. **Sobre a civilização do renascimento**. In: PINTO, F.M., and BENEVENUTO, F., comps. **Filosofia, política e cosmologia: ensaios sobre o renascimento** [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2017, pp. 15-32. ISBN: 978-85-68576-93-9. <https://doi.org/10.7476/9788568576939.0003>.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. 4. ed. Barueri/SP: Manole, 2012.
- CUNHA, J. A. **Filosofia: iniciação à investigação filosófica**. São Paulo: Atual Editora, 1992.

- DESCARTES, R. **Discurso do método**. Tradução J. Guinsburg & B. P. Júnior. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983a, p. 25-71. (Os pensadores).
- DRUCKER, P. **Sociedade de pós-capitalista**. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.
- DINUCCI, A. **Diógenes, o cão**: imagens, ditos célebres, comentários, epigramas. Prometeus, Ano 3 – no. 5 janeiro-junho / 2010 ISSN: 1807-3042 ISSN Online: 2176-5960.
- DOS ANJOS, A. **Idealização da humanidade futura**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/10886/idealizacao-da-humanidade-futura>. Acesso em 24/11/2023.
- DURIGUETTO, M. L. **A questão dos intelectuais em Gramsci**. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 118, p. 265-293, abr./jun. 2014.
- ECKERMANN, J. P. **Conversações com Goethe** (tradução de Luís Silveira). Lisboa, Vega, 2007.
- Escola sem partido, neoconservadorismo e neoliberalismo na educação [recurso eletrônico]**: reflexões críticas desde Brasil, Argentina e Uruguai / Rodrigo Sarruge Molina, Jorge Fernando Hermida (organizadores). - Dados eletrônicos. - Vitória, ES: Edufes, 2023.
- FABIEN, J. **Imagem dos intelectuais no século XXI**: as dificuldades de entender seu papel social na sociedade contemporânea. Revista Saberes Universitários Campinas, SP v.1 n.2 p.14-31 set. 2016 ISSN 2447-9411.
- FAGUNDEZ, I. **Mesmo sem lei, Escola sem Partido se espalha pelo país e já afeta rotina nas salas de aula** - BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46006167>. Acesso em 09/11/2023.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. A importância do ato de ler – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982a.
- FLECK, A. **Afinal de contas, o que é Teoria Crítica?**. Princípios: Revista de Filosofia, Natal, v. 24, n. 44, maio-ago. 2017. ISSN1983-2109.
- HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Rio de Janeiro: Labor, 1976.
- JAY, M. **As ideias de Adorno**. São Paulo: Cultrix, 2018.
- KANT, E. **Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)?** In: \_\_\_\_\_. Textos Seletos. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.
- LEVANDOVSKI, R. V. **Quem defende a doutrinação na educação?** - UFRGS - Jornal da Universidade. <https://www.ufrgs.br/jornal/quem-defende-a-doutrinacao-na-educacao/>. Acesso em 10/11/2023.

- LEO MAAR, W. **Adorno, semiformação e educação**. Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, agosto 2003.
- MOURA, D. H. **Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 39, n. 3, p. 705-720, jul./set. 2013.
- OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M. PASINI, A. I. LEVANDOWSKI, G. **O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos**. Revista Psicologia: Teoria e Prática, 15(2), 203-215. São Paulo, SP, maio-ago. 2013. ISSN 1516-3687 (impresso), ISSN 1980-6906 (on-line).
- RATTNER, H. **Globalização: em direção a um mundo só?** ESTUDOS AVANÇADOS 9 (25), 1995.
- ROCHA, C. J. **Educação, dialética e horizonte crítico em Theodor Adorno: a pedra que caiu no rio**. – 1. ed. – Jundiaí [SP]: Paco Editorial, 2020.
- ROCHA, C. J. **Tempo de incertezas: elementos para uma educação emancipatória na perspectiva da crítica de T. W. Adorno**. Revista Teias v. 20 • n. 57 • Abr./Jun. 2019.
- ROMÃO, D. M. M. **Indústria cultural: O pensar cristalizado**. Psicologia Política. vol. 20. n.49. p. 518-531. 2020.
- ROUANET, S. P. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ROUSSEAU, J.-J. **Emílio, ou, Da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SACRINI, M. DE MARCO, V. **Reflexões sobre o aprendizado formal em Humanidades com base no “Projeto Práticas de Leitura e Escrita Acadêmicas”**. São Paulo: Revista Estudos Avançados. Nº 32 (93), 2018.
- SANTOS, B. de S. **Construindo as Epistemologias do Sul: antologia essencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas**. 1ª ed., Ciudad Autónoma de Buenos Aires. CLACSO, 2018.
- SALDAÑA, P. **Enem: prova criticada pela direita foi feita sob Bolsonaro - 08/11/2023 - Educação - Folha (uol.com.br)**. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/11/86-das-questoes-do-enem-criticado-pela-direita-foram-feitas-sob-bolsonaro.shtml>. Acesso em 10/11/2023.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 39. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- SOCHA, E. **Notas sobre o progresso em Adorno (ainda)**. Ethic@, Florianópolis, v. 20, n. 2, 584-611. Ago. 2021.
- ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; OLIVEIRA, N. **A educação danificada: contribuições à teoria crítica**. Vozes, São Carlos: UFSCar, 1998.

**2001:** Uma Odisseia no Espaço. Direção: Stanley Kubrick. Elenco: Keir Dullea, Gary Lockwood, William Sylvester, Douglas, entre outros. Ano: 1968.